Acervo ISA

CEDI - P. I. B.
DATA 22/04/81
COD. 000259

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

RELATÓRIO RORAIMA - REGIÕES: RIO PARIMÊ, RIO AMAJARI, RIO EREU

Introdução

Ao iniciarmos nosso relatório, resultante do trabalho de campo, determinado pela Portaria de nº 550/P, de 21 de outubro de 1977, no qual participamos como coordenadora do subgrupo II do GT Roraima, no período de 24 de outubro a 17 de novembro de 1977; gostaríamos de lembrar uma das conclusões do Parlamento Índio Americano do Cone Sul, citada por D. Balduíno no seu depoimento no CPI do Sistema Fundiário, quando falava sobre os problemas das terras indígenas: "O índio americano é p dono milenar da terra; a terra é do índio. O índio é a própria terra. O índio é o dono da terra, com títulos de propriedade ou sem eles".

No nosso relatório preliminar, (em anexo), já fizemos uma auto-crítica de nosso trabalho e uma rápida avaliação dos trabalhos em geral. Além, de breve exposição de como executamos os levantamentos de campo.

O presente relatório não tem a pretensão de tomar qualquer posição teórica (ideológica) ou prática (política), mas, sim, adota abertamente uma posição em favor dos Grupos Indígenas.

Histórico

Ammaioria dos trabalhos publicados sobre os grupos indígenas de Roraima deixam muito a desejar. Geralmente há grandes lacunas no que se refere a demografia e localização exata dos grupos indígenas no território.

No entanto, desde os tempos coloniais e principalmente no fim do século passado e início deste, a região Roraimense foi alvo de visitas de inúmeras expedições científicas.

Acervo ISA

O etnólogo Theodor Koch-Grünberg realizou de 1911 a 1913 uma expedição neste território, da qual resultou uma grande obra, onde o material obtido entre os Taulipang ocupa o maior espaço, além de relatos de outros grupos de língua Karib.

Hebert Baldus batiza esta expedição como uma das grandes façanhas de exploração científica "às terras incógnitas entre o Raraima e o Médio Orinoco".

Koch-Grünberg sobre o rio Branco e colhe dados sobre os Wapixána e Makuxi "habitantes do vale do referido Rio" e marcha até o Raraima para estudar os Taulipang e seus vizinhos; sobre o Uraricuera até o Ventuari onde pesquisa grupos como Xiriána, Waiká etc.

Dr. A. Hamilton Rice, em 1925, faz uma expedição à Roraima objetivando o levantamento geográfico, geológico, antropológico, etnológico, levantamento médico e confecção de mapas da Região do Rio Branco, seus afluentes e formadores.

Ao longo do texto dá os índios Makuxi, Wapixána e Jaricuna habitando a região da confluência do Uraricuera com o Tacutu; na margem esquerda do Uraricuera até o Parima, nas planícies sem árvores que se estendem para o norte e para o deste; para o norte se espalhando até o Monte Roraima.

Segundo Edson Diniz "os índios Makuxi, da família lingüística Karib, habitam nos campos do Território de Roraima e na Guiana na parte limítrofe com o nosso país" (Diniz - 1972:15).

Ainda Diniz se refere aos índios Makuxi e Wapixána como habitantes da zona campestre de todo Território Federal de Roraima.

Malcher assim localiza os Wapixána: "habitam nas cabeceiras do rio Tawini, estendendo-se para a Guiana Inglesa. Entre a foz do Maú e Tacutú, no Majari e Parimé, afluentes da margem esquerda do baixo Uraricuera", os Makuxi: "Do Kumúnu até o Rio Branco e Guiana Inglesa, alguns grupos na região do Tawini, nos rios Tacutú, Cotingo, Maú, Surumú e Parimé e, no

Acervo ISA

Posto São Marcos do SPI"; os Taulipang: "no sopé da Serra Paracaimã (Roraimã), no córrego Uailein, fronteira com a Venezuela, e no rio Maú ou Ireng, no alto curso, margem esquerda". Gama Malcher (1962:45-46).

No ano de 1787, o Coronel Manuel da Gama Lobo de Almeida, geógrafo português, assim falava da população Macuxi: "habitam as mesmas serras (serras próximas ao Repunuri) tem cinco principais repartidos em cinco malocas separadas, que se estendem para oeste até as vertentes do rio Surumú..." Wapinxána: "habitam as serras que decorrem das vertentes do rio Makú, até as do Parimé...".

Embora,,os autores citados deêm uma localização bastante generalizada dos índios Makuxi, Wapixána e Taulipang, fomos, agora, em 1977, encontrá-los nas mesmas regiões. Tentaremos no transcurso do relatório localizá-los exatamente.

Frentes de expansão - suas influências nas sociedades indígenas Roraimenses. O esbulho e espoliação das terras indígenas brasileiras começaram quando aqui pisaram os primeiros europeus. Quando o português aportou em solo brasileiro encontrou os proprietários da terra, os nativos, dispôs tos ao entendimento.

Mas, a cobiça dos colonos pela posse da terra, provocou lutas, mais acerradas ainda, quando quizeram subjugar os indígenas para o trabalho escravo..

Quanto mais se atiçava a ganância dos colonos pela conquista de melhores terras para cultura, pastagens naturais e riquezas do subsolo, era o índio afastado brutalmente para o interior do país, marginalizados desde então por uma política colonialista, que não cabia nem poderia caber o indígena, pechados de "bugres", preguiçosos, viciosos, por não se subjugarem ao regime de escravidão.

Não ficou os indígenas de Roraima incólumes as penetrações e consequentes compulsões. Elas começaram na bacia do rio Branco em 1655 e já em 1671 os portugueses conheciam todo o percurso do Rio e de seus afluentes da zona campestre.

Acervo ISA

Edson Diniz, citando Ribeiro de Sampaio, diz que o autor adianta que de 1655 "até o fim do século devem ter ocorrido entradas e comércio, mas não é conhecida documentação a respeito. Mas, continua ele, sabe-se que a paraense capitão Francisco Ferreira desde o princípio do século até 1736 fez entradas no Rio Branco. E, posteriormente, tiveram lugar as bem equipadas entradas do Maranhense Christovam Ayres Botelho (1736); de Lourenço Belfort (1740),... e finalmente a de José Miguel Ayres (1748)". (Diniz - 1972:27).

Estas entradas serviam principalmente para a capturação de índios mas também para os objetivos expansionistas da Coroa Portuguesa.

As primeiras penetrações começam a se consolidarem na região Roraimense com a construção do Forte São Joaquim em 1775, na confluência do Rio Uraricuera com o Tacutu, em torno dele tem início a instalação de aldeiamentos indígenas.

Ribeiro Sampaio (1850:251-253) em 1777 informa sobre cinco destes aldeiamentos denominados: Carmo, Santa Isabel, Santa Bárbara no Rio Branco, São Felipe no Tacutu, Conceição no Uraricoera.

Em 1787 Lobo de Almada fala nestas mesmas aldeias e dá a população de cada uma, somando um total de 931 índios.

Diniz registra a instabilidade populacional destas aldeias dando como causa os maus tratos que provocavam as deserções dos índios "reduzidos".

Expedições eram constantemente organizadas para reforçar o contingente populacional destes aldeiamentos.

Em meados do século XIX, há novas tentativas de missionários católicos para estabelecer aldeiamentos, a exemplo das tentativas do século anterior, estas também não são bem sucedidas, pois em 1842 são obrigados a abandonarem a Missão do "Pirarara ou Macuxi" por imposição de forças inglesas.

Acervo ISA

No anuário do Rio Branco, (pp. 14-15), os missionários Beneditinos, resumem a atuação católica de 1840 a 1909, ano em que foi fundada a Prelazia do Rio Branco.

A introdução da pecuária no Rio Branco tem início, segundo Reis, em 1787 a 1793, por iniciativa estatal, com a fundação de fazendas nacionais por Lobo d'Almada.

Mas esta ocupação se processa lentamente por não haver interesse econômico. Mas Diniz afirma que, com a pecuária começou o verdadeiro elo de fixação portuguesa na Região do Rio Branco.

No entanto, todas as informações disponíveis dão como bastante rarefeita a população branca no território, até princípios deste século.

Em 1944, com a instalação do Território Federal, houve um grande incremento populacional motivado pela imigração. 90% da população branca ocupava, em 1964, o município de Boa Vista, que abrange o alto Rio Branco do qual faz parte a zona campestre, habitat tradicional dos Makuxi e Wapixána. O restante, 10%, no município de Caracaraí.

Segundo Edson Diniz: "A base econômica manteve-se inalterada, desde o século passado até o presente. No fundamental, a área rio-branquense continua sendo característicamente rural e pastoril". (Diniz - 1972:35).

Divide as atividades na região em três zonas econômicas. Extrativismo vegetal, caça e pesca, no baixo rio Branco. Alto rio Branco, pecuária e pequena agricultura. Nas montanhas, garimpagem diamantífera.

Entre as atividades acima, a pecuária é a que envolve direta ou indiretamente os índios da zona campestre, Makuxi e Wapixána.

Estas pecuária em Roraima tem característica extensiva, gerando latifúndios.

E os Makuxí e Wapixána, como constituem mão-de-obra em disponibilidade nos campos, são utilizados em trabalhos braçais, nas tarefas secundárias da atividade pastoril

Acervo ISA

Nas situações de contato, onde sociedades de níveis tecnológicos diferentes se defrontam, naturalmente, as mais abaladas são as que apresentam estruturas políticas e econômicas mais fracas.

As sociedades Makuxí-Wapixána - Taürepang, sofrendo os abalos e espoliações da situação de contato desde o século XVII, encontram-se, hoje, numa situação de completa alienação.

Dr. Hamilton, Rice, em 1925, assim escrevia: "Um dos maus aspectos em todos os países do norte da América do Sul, é a falta de responsabilidade no tocante ao crédito, por parte dos comerciantes e de outros que negociam com indígenas e o pernicioso costume de reter, deles uma grande porcentagem do seu pagamento, sob as mais variados pretextos. A relação credor-devedor, é deplorável, aumentando a miséria e o atraso que por ali prevalecem".

A situação hoje não mudou muito. Ou melhor, podemos afirmar que o processo de interação recrudece dia a dia em Roraima com total desvantagem para as sociedades indígenas, sem meios de suprir as desvantagens de sua economia de autoconsumo, frente a sociedade branca mais poderosa e capacitada para o manejo das estruturas políticas e econômicas.

Não mentiremos ao afirmar que os grupos Makuxí, Wapixána, Taurepang, já perderam quase que totalmente sua autonomia cultural, uma vez que se encontram na mais completa dependência econômica. Conservam ainda, é verdade, alguns poucos costumes tradicionais compatíveis com as suas condições de sociedades a margem do processo econômico. Mas estas referidas tradições estão inteiramente mudadas pelas compulsões culturais.

Os índios estão ilhados em meio aos latifúndios, confinados em restritas parcelas de seus antigos territórios, ou despejados de suas terras, perambulam a procura de empregos, escorraçados de Fazendas em Fazendas.

Esclarecemos que as afirmações acima, se aplicam às áreas por nós visitadas.

Acervo ISA

Região do Parimé - Malocas Ponta da Serra, Urucuri e Juracy.

Localização e vias de acesso - as malocas estão localizadas na Região do Parimé, município de Boa Vista.

São alcançadas através de transporte Rodoviário pela BR 174. A maloca Ponta da Serra se situa, exatamente, no Km 92, e as outras são alcançadas através de estradas que levam às fazendas, partindo do entroncamento no Km 95 da BR 174.

Histórico da área - A região do Parimé sempre foi considerada como habitat tradicional dos índios Makuxi e Wapixána.

A maioria dos índios hoje radicados na região, aí nasceram. Na maloca Ponta da Serra o habitante mais idoso, Senhor Matias Andrade, 58 anos, Wapixána, nasceu no local e aí criou sua família. Não pode precisar se seus pais nasceram no local onde está, atualmente, localizada a aldeia Ponta da Serra, mas assegura que nasceram na região. Afirmou que os índios se espalhavam por toda a região em grandes concentrações. Com a criação das fazendas muitos não tendo como sobreviverem, foram se espalhando e mudaram para outros locais.

Na maloca do Provisório ou Juracy, encontramos uma velhinha, Dona Maria Leonor, Wapixána, cuja idade é calculada em 100 anos. Diz ter trabalhado com Rondon, em fins de 1927, afirmando que o General lhes havia assegurado todas as terras das quais, hoje, reinvidicam uma parte. Infelizmente nenhumadocumento conseguimos neste sentido.

Por ocasião da expedição da "Comissão Rondon" às terras de Roraima, em seu relatório escreveu:

"Que diferença entre os inglêses da Guiana e os brasileiros da fronteira! Aqueles, procuram atrair para o seu território todos os índios da região: estes, escorraçam os seus patrícios, obrigando-os a expatriarem-se!".

Falando dos Makuxi: "Esses índios têm a pecha de ladrões no Brasil e passam para a Guaina, onde são bem rece

Acervo ISA

bidos pelos inglêses, que os consideram homens de bem".

Provaremos o contrário da acusação acima com o seguinte relato.

Encontrando-se o pai de Dona Suzana, Senhor Alberto Correia Saldanha, mortalmente doente e faltando-lhe recursos, vendeuna sua casa e somente a casa, por 50 réis para o fazendeiro Rubem Cabral. Este, no entanto ocupou a casa do índio e as terras do grupo que ali residia. Na ocasião, recuperado da doença, o Senhor Alberto Correia pediu auxílio ao Dr. Andrade da Fazenda São Marcos, segundo nos informaram houve grande discussão e o "feitor" da Fazenda o aconselhou a deixar o local, denominado Palmeiras, hoje Fazenda Palmeiras.

Os índios fizeram um acordo com o Senhor Rubem Cabral, aconselhados pelo Dr. Andrade. Continuariam habitando na região de um lado do Mangueiral, (próximo a casa vendida), e o Sr. Cabral do outro.

Mas, na realidade, hoje a localidade Palmeiras, está ocupada pelos descendentes do Sr. Rubem Cabral e os descendentes do Sr. Alberto Correia estão uns no Juracy, outros no Urucuri e muitos espalhados pelas zonas de campo do território.

Urucuri - A maioria dos habitantes da maloca Urucurí ali nasceram. Os "centenários" mangueirais e os velhos cemitérios atestam a presença imemorial dos índios na área.

Acervo ISA

POPULAÇÃO
MALOCA PONTA DA SERRA

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
0 a 5	7	5	12
6 a 10	5	6	11
11 a 15	3	1	4
16 a 20	3	2	5
21 a 25	4	2	6
26 a 30	2	1	3
31 a 35	1	2	3
36 a 40	2	2	4
41 a 45	1	1	2
46 a 50	-	1	1
51 a 55	1	1	2
56 a 60	1	1	2
61 a ∞	-	-	-
TOTAL	30	25	55

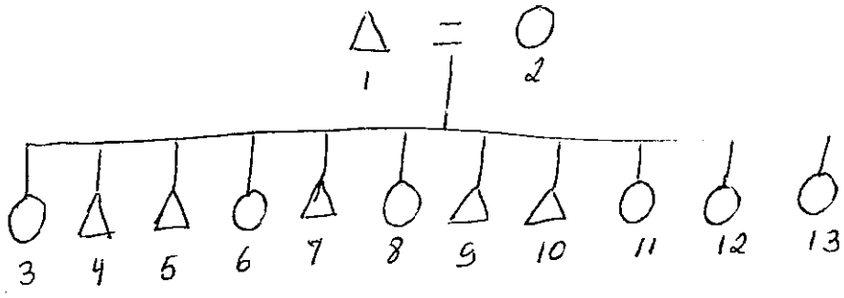
MALOCA PONTA DA SERRA

Casa 1

1 - Joaquim Padilha Filho - 45 anos - Wapixána
2 - Stela dos Santos - 39 " - Makuxi
3 - Almir dos Santos Padilha - 20 " - Wapixána
4 - Maria dos Santos Padilha - 18 " - "
5 - Estelma dos Santos Padilha - 17 " - "
6 - Josemir dos Santos Padilha - 15 " - "
7 - Euzilene dos Santos Padilha - 12 " - "
8 - Estélio dos Santos Padilha - 10 " - "
9 - Edilene dos Santos Padilha - 8 " - "

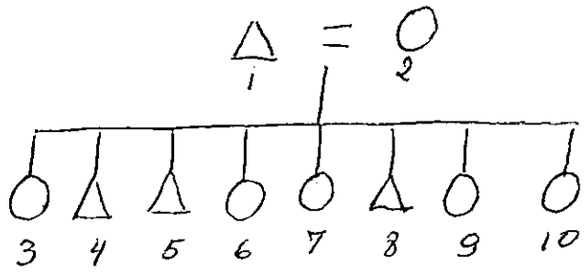
Acervo ISA

10 - Francilene dos Santos Padilha	- 4 anos	- Wapixána
11 - Ney Land dos Santos Padilha	- 3 "	- "
12 - Frank Land dos Santos Padilha	- 2 "	- "
13 - Adilson dos Santos Padilha	- 5 meses	- "



Casa 2

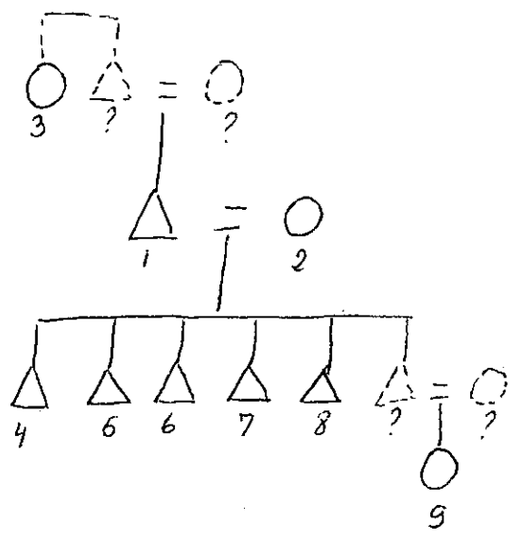
1 - Bernardo Silva Filho	- 42 anos	- Wapixána
2 - Luzia Franco de Souza	- 28 "	- Cabocla
3 - Luiz Alberto Franco Silva	- 12 "	- Wapixána
4 - Cami Amélia Franco da Silva	- 10 "	- "
5 - Carmosina Franco da Silva	- 8 "	- "
6 - Aremmar Franco da Silva	- 7 "	- "
7 - Felipe Franco da Silva	- 5 "	- "
8 - Lucinda Franco da Silva	- 4 "	- "
9 - Jesus Franco de Souza Sobrinho	- 2 "	- "
10 - Mariomar Franco de Souza	- 5 meses	- "



Acervo ISA

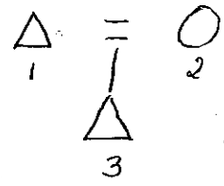
Casa 3

1 - Manuel Guilherme de Souza	- 55 anos	-	Wapixána
2 - Elza Cavalcanti Guilherme	- 52 "	-	"
3 - Maria Marques	- 56 "	-	"
4 - Jorge Guilherme de Souza	- 24 "	-	"
5 - Antonio Guilherme de Souza	- 22 "	-	"
6 - Delmino Guilherme de Souza	- 21 "	-	"
7 - Otávio Guilherme de Souza	- 18 "	-	"
8 - Raildo Guilherme de Souza	- 12 "	-	"
9 - Edineuza Guilherme de Souza	- 4 "	-	"



Casa 4

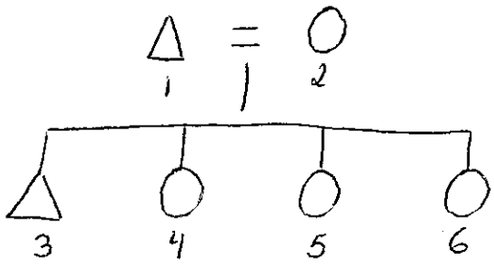
1 - Manuel de Lima	- 26 anos	-	Teurepang
2 - Maria de Lima	- 22 "	-	Wapixána
3 - Manuel de Lima Filho	- 2 "	-	"



Acervo ISA

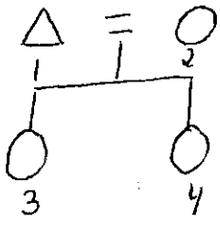
Casa 5

1 - Vinícios Tomás Pereira	- 35 anos	- Makuxi
2 - Lídia Barbosa	- 34 "	- "
3 - Paulo Barbosa	- 10 "	- "
4 - Josilene Barbosa Pereira	- 7 "	- "
5 - Valdilene Barbosa Pereira	- 4 "	- "
6 - Ivani Barbosa Pereira	- 2 "	- "



Casa 6

1 - Carlos Barbosa	- 38 anos	- Makuxi
2 - Creuza Barbosa	- 34 "	- "
3 - Cleia Barbosa	- 10 "	- "
4 - Cleumar Barbosa	- 6 "	- "

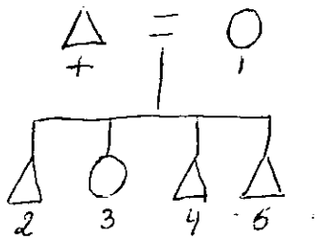


Casa 7

1 - Creuza Andrade	- 38 anos	- Wapixána
2 - José Francisco Andrade Silveira.	- 16 "	- "
3 - Eliane Andrade Silveira	- 11 "	- "

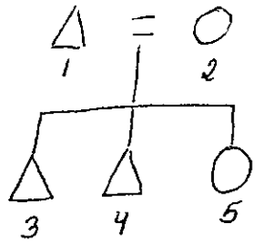
Acervo ISA

4 - Ênio Andrade Silveira - 8 anos - Wapixána
5 - Elinô Andrade Silveira - 6 anos - Wapixána



Casa 8

1 - Matias Andrade - 58 anos - Wapixána
2 - Maria Andrade - 50 " - "
3 - Lino Andrade - 28 " - "
4 - Nivaldo Andrade - 24 " - "
5 - Alcinéia Andrade - 23 " - "



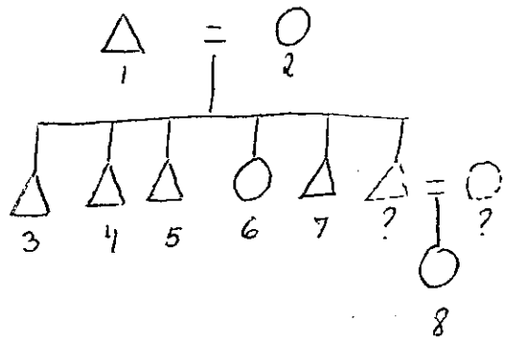
MALOCA URUCURI

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
0 a 5	6	4	10
6 a 10	4	5	9
11 a 15	2	4	6
16 a 20	2	2	4
21 a 25	-	2	2
26 a 30	3	1	4
31 a 35	-	-	-
36 a 40	1	-	1
41 a 45	-	1	1
46 a 50	-	2	2
51 a 55	2	1	3
56 a 60	-	-	-
61 a +	2	-	2
TOTAL	22	22	44

Acervo ISA

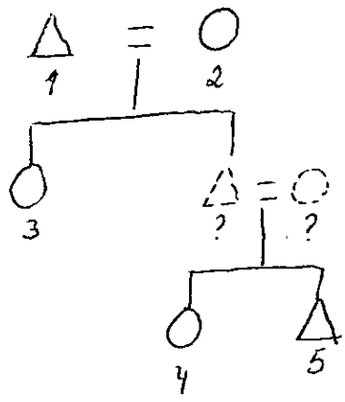
Casa 1

1 - Gilberto João da Silva	- 53 anos	- Wapixána
2 - Maria Pereira da Silva	- 50 anos	- "
3 - Valdeci José da Silva	- 18 "	- "
4 - José da Silva	- 15 "	- "
5 - Meirânho João da Silva	- 12 "	- "
6 - Maria da Silva	- 8 "	- "
7 - Carlos Silva Ribeiro	- 6 "	- "
8 - Delcimar Da Silva	- 5 "	- "



Casa 2

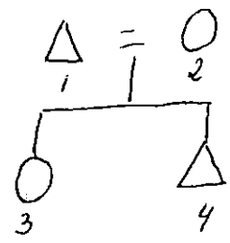
1 - Firmino Lopes	- 62 anos	- Wapixána
2 - Elvira Lopes	- 55 "	- "
3 - Maria Lúcia Lopes	- 15 "	- "
4 - Brecin Lopes	- 11 "	- "
5 - Reinaldo Lopes	- 3 "	- "



Acervo ISA

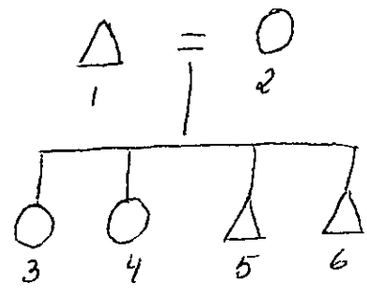
Casa 3

1 - Edgar Pereira	- 30 anos	-	Wapixána
2 - Laide Pereira	- 23 "	-	"
3 - Marcia Lamires Pereira	- 2 "	-	"
4 - Márcio Glaídes Pereira	- 7 meses	-	"



Casa 4

1 - Lourenço Ambrósio dos Santos	- 36 anos	-	Wapixána
2 - Laide Ambrósio	- 30 "	-	"
3 - Lonilda Ambrósio dos Santos	- 6 "	-	"
4 - Ivoneide Ambrósio dos Santos	- 4 "	-	"
5 - Lourenço Filho	- 2 "	-	"
6 - José Ambrósio dos Santos	- 9 meses	-	"

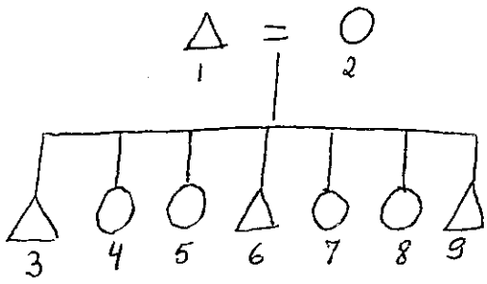


Casa 5

1 - João Alves	- 52 anos	-	Wapixána
2 - Elídia Pires Alves	- 47 "	-	"
3 - Manoel Alves	- 20 "	-	"
4 - Maria das Dores Alves	- 16 "	-	"

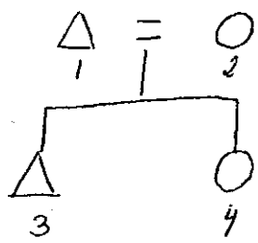
Acervo ISA

5 - Olga Alves	- 13 anos	- Wapixána
6 - Jonas Alves	- 10 "	- "
7 - Darlene Alves	- 9 "	- "
8 - Arlene Alves	- 6 "	- "
9 - João Tilho	- 4 "	- "



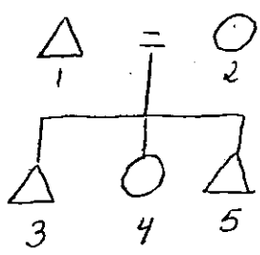
Casa 6

1 - Mariano Morais Souza	- 28 anos	- Wapixána
2 - Maria Perpetua Alves	- 18 "	- "
3 - Daniela Morais Souza	- 3 "	- "
4 - Daniel Morais Souza	- 1 ano	- "



Casa 7

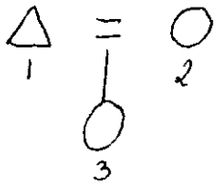
1 - Rorãima Soares dos Santos	- 29 anos	- Wapixána
2 - Marlene Alves dos Santos	- 25 "	- "
3 - Jânio Soares dos Santos	- 9 "	- "
4 - Jandira Soares dos Santos	- 8 "	- "
5 - Jamilson Soares dos Santos	- 6 "	- "



Acervo ISA

Casa 8

1 - Valentino Alves - 63 anos - Wapixána
2 - Anália Ambrósio dos Santos - 45 " - Makuxi
3 - Maria Xilda dos Santos - 15 " - Wapixána



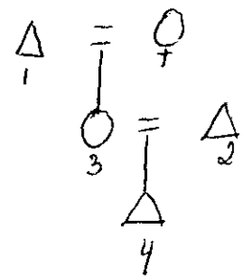
MALOCA JURACY

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
0 a 5	-	2	2
6 a 10	1	2	3
11 a 15	2	-	2
16 a 20	2	-	2
21 a 25	-	-	-
26 a 30	-	-	-
31 a 35	-	1	1
36 a 40	1	-	1
41 a 45	-	-	-
46 a 50	-	-	-
51 a 55	-	-	-
56 a 60	-	1	1
61 a +	2	1	3
TOTAL	8	7	15

Acervo ISA

Casa 1

1 - Maria Leonor de Souza	- + 100 anos	- Wapixána
2 - Mário Braga	- 69 anos	- Caboclo
3 - Tacila Saldanha Braga	- 57 "	- Wapixána
4 - Pedro Antonio de Miranda	- 12 "	- "

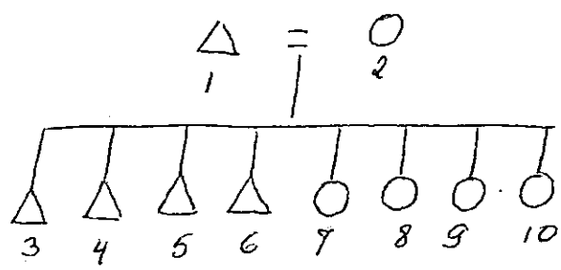


Casa 2

1 - Faustino Ribeiro	- 63 anos	- Wapixána

Casa 3

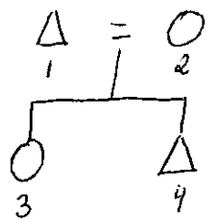
1 - Manoel Ribeiro	- 40 anos	- Wapixána
2 - Julieta Ribeiro	- 35 "	- Wapixána
3 - Carlos Ribeiro	- 18 "	- "
4 - Carmelito Ribeiro	- 17 "	- "
5 - Carlito Ribeiro	- 15 "	- "
6 - Jeferson Ribeiro	- 9 "	- "
7 - Hista Ribeiro	- 8 "	- "
8 - Rosa Ribeiro	- 7 "	- "
9 - Júlia Ribeiro	- 4 "	- "
10 - Isaura	- 1 ano e 6m	- "



Acervo ISA

FAZENDA PALMEIRA

1 - Anatásio Braga de Souza	- 24 anos	-	Wapixána
2 - Civilda Pereira	- 23 "	-	"
3 - Maria Leonília Braga	- 3 "	-	"
4 - Altemi Braga	- 2 "	-	"



As 3 malocas em referência soman uma população total de 118 indígenas, distribuídos em 20 casas, de construção tipo regional, duas águas.

Nota-se pelas tabelas uma maior concentração da população na faixa etária de 0 a 15 anos. Pudemos constatar que a isto se deve o fato de que atingida a idade média de 15 anos, o jovem índio deixa sua maloca para se agregar nas fazendas e as jovens vão para Boa Vista como empregadas domésticas.

Normalmente, no caso do índio, depois que o mesmo constitui família, há tendência a voltar para a maloca com a família, não deixando mesmo assim de trabalhar por temporadas nas fazendas.

Já no caso da jovem índia, quando dai é difícil seu retorno. Casam-se em Boa Vista e aí permanecem.

PONTA DA SERRA

Agricultura

Predomina o sistema individual de plantio de roças. São plantadas normalmente nas proximidades da maloca e nas matas da Serra do Sapo e Cauarani. O tamanho nunca ultra

Acervo ISA

passa a 3 hectares. 4 famílias possuem roças coletivas.

Usam o sistema de rotação de terras; após dois anos de plantio mudam de área para descanso da terra.

Os produtos mais cultivados são: mandioca, milho, feijão, macaxeira e jerimum, usando o sistema de culturas consorciadas.

Armazenam os grãos das colheitas para os próximos plantios e os excedentes, quando existem, são comercializados em torno da área, geralmente vendidos a fazendeiros.

É uma agricultura bastante incipiente utilizando de implementos agrícolas muito rudimentares.

Têm ainda pequenos pomares de frutas cítricas, mangueira, mamão e coqueiro.

Rebanhos

Apesar de terem área de pastos naturais calculada em 500 hectares, somente uma família possui rebanho bovino, num total de 37 cabeças, utilizadas para produção de leite.

Duas famílias possuem suínos, num total de 9 cabeças.

A criação de galinhas tem aumentado, provavelmente em conseqüência do escassamento da caça. A maloca possui cerca de 80 cabeças de galináceos.

Silvicultura

As espécies de madeira mais comuns na área são: Pau Rainha e Freijó, ambas utilizadas para construção de casas e cercados. Não comercializam a madeira.

Caça

A caça, hoje, não é tão farta na região.

No entanto, no período do verão ainda conseguem caçar veado, tatu, cotia, capivara, marrecos e pato do mato.

Acervo ISA

Fazem caçadas coletivas utilizando cães e espingardas, usam a caça somente para subsistência.

Caçam nas proximidades do Rio Parimé, na Fazenda São Marcos e nas matas próximas à Aldeia.

Coleta

Para alimentação colhem alguns frutos como: caju, jataí e taxi que usam para fazer vinho e o fruto do buriti que serve de alimento, bebida e alimento para porco.

Colhem os frutos nas matas e campos próximos à Aldeia.

Coletam também, matéria prima como a jacitara para fabricação de peneiras, tipitis e jamaxis, na serra do Cuarani. Palha de buriti para cobertura de casas no Igarapé Galego.

Vendem esporadicamente os artesanatos que fabricam, trocando-os por dinheiro, outros utensílios ou gêneros alimentícios.

Pesca

Feita no inverno nas cabeceiras dos Igarapés e novverão nos rios e igarapés.

Os peixes mais comuns na região são: tucunaré, surubim, traíra, cará, pirarara e pacamon.

Pescam no rio Parimé e no rio Cauaruau e no igarapé Cuarani do outro lado da BR 174.

Antigamente pescavam também no rio Amajarimas, hoje, têm a passagem proibida pelo fazendeiro Flávio Dias e outros.

Organização Sócio-Político

Pouco podemos falar da organização social em geral das comunidades por nós visitadas, devido ao curto espaço de tempo que passamos em cada maloca.

Acervo ISA

No entanto as transformações no sistema social em geral, são por demais evidentes.

A primeira vista, nos pareceu que: a estrutura do sistema de parentesco, não tem mais função operativa; que os costumes tribais estão quase que totalmente descaracterizados; e que as regras de casamento, residência etc., já são muito mais uma adaptação do sistema regional.

Apesar disto, foram raríssimos os casamentos interétnicos que encontramos, nas malocas predominam os casamentos intertribais, muito comum entre os Makuxi-Wapixána.

A sociedade nacional já alterou os mecanismos de ascensão à chefia. Ela não é mais transmitida de pai para filho. Em muitos locais os Tuchauas são ou foram escolhidos fora dos grupos tribais, normalmente, por representantes da FUNAI.

O Tuchaua Joaquim Padilha Filho, de Ponta da Serra, foi escolhido pela família (irmãos), por saber ler e escrever. Todos os problemas locais são levados a ele, Tuchaua.

Esta comunidade se considera católica e dos ritos e festas tribais tradicionais são poucos os que guardam alguma remota lembrança.

Educação

A maloca possui uma escola de construção regional, tipo duas águas, com uma sala de aula e pertence a Secretaria de Educação do Território.

Julga o professor que uma escola, até o momento, é suficiente.

Mobiliário - 16 carteiras, 33 cadeiras e uma mesa; mobiliário insuficiente.

Material - Segundo o professor, tanto o material didático quanto escolar são suficientes e são fornecidos pela Secretaria de Educação.

Acervo ISA

Merenda Escolar - Distribuída pela Campanha Nacional de Alimentação Escolar. Não é suficiente, pois os gêneros muitas vezes chegam estragados.

Corpo Docente - O professor reside próximo à aldeia, na Fazenda Baviera.

Chama-se Bernardo da Silva Filho; possui 4ª série incompleta. Foi admitido na Secretaria de Educação do Território em 1973.

Corpo Discente.

NÍVEIS	NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
1ª	7	11	18
2ª	4	3	7
3ª	2	2	4
4ª	2	1	3
TOTAL	15	17	32

O professor não teve condições de fornecer os dados relativos ao número de alunos atendidos. Mas afirmou que a freqüência é bastante irregular, dando como causas: doenças e ocupações outras.

Currículo - É adotado o currículo do Território, sem adaptação alguma à cultura indígena.

As aulas são ministradas em Português. Somente 3 pessoas no grupo falam o Wapixána.

Saúde

Não possuem nenhum tipo de assistência local de saúde.

No caso de doença grave recorrem à Boa Vista. Nas doenças comuns às fazendas e aos remédios vendidos nas vendas, ou baberagens regionais.

Acervo ISA

Quanto as vacinações, muitos afirmam que já foram vacinados não sabendo ao certo contra quais doenças. Este tipo de assistência é dada pela Secretaria de Saúde do Território.

Segundo informações locais as doenças mais comuns são: febre, gripe, verminose e muito raramente a malária.

Terras

Já traçamos um breve histórico da ocupação das terras indígenas pelas frentes de expansão nacional.

Se hoje os conflitos entre índios e brancos não tomam uma feição belicosa, isto se deve exclusivamente a situação de acomodação (obrigados pelas circunstâncias é bom frisar) dos primeiros, acomodação esta que Edson Diniz chama de alienação.

A alienação pode ser facilmente explicada pela perda dos padrões societários tribais e o não alcance dos padrões da sociedade envolvente.

Este fenômeno gerou uma total dependência dos grupos indígenas às fazendas invasoras, dependência esta que reflete tanto no setor social, cultural como no econômico.

- as fazendas os emprega como mão-de-obra barata e não especializada;
- normalmente frequentam as escolas das fazendas;
- assistência médica ou farmacológica de emergência;
- transporte;
- é para as fazendas que vendem seus produtos excedentes...

Na maioria dos casos os índios têm medo de denunciar as invasões e conflitos com fazendeiros, receiosos de perderem os benefícios acima, pelos quais estão pagando tão alto preço como:

- a perda das terras;

Acervo ISA

- descaracterização dos costumes tribais;
- perda da autonomia social, política e econômica;

Em Ponta da Serra, nos afirmaram que o relacionamento, hoje, com os fazendeiros é bom; Mas, que já houveram bastante desentendimentos, principalmente, com o fazendeiro José Wanderlei.

Fazendas que ocupam as áreas da maloca: Fazenda Fortaleza, Titulada; Fazenda Itaipu; e Fazenda Nova Vista.

MALOCA URUCURI

Agricultura

As roças são individuais. No entanto, praticam o sistema de ajuri (mutirão) para a derruba e limpeza de roçados.

Utilizam as terras durante cinco anos, quando então, fazem novas derrubadas, mas as rotações de culturas são anuais.

Cultivam milho, mandioca, feijão, batata doce e jerimum, no sistema de culturas consorciadas.

Reservam grãos e mudas das colheitas para os próximos plantios.

É uma agricultura de subsistência, que utiliza de implementos rudimentares.

Não possuem horta e têm pequenos pomares onde plantam: laranja, limão, manga, ata, goiaba, caju, côco, mamão e banana.

Rebanhos

Foi avaliada em 40 hectares a área de pastos naturais dentro dos limites da maloca.

Os índios possuem 8 cabeças de bovinos e 8 de equinos.

Acervo ISA

Utilizam os bovinos para produção de leite. Na maloca têm 37 suínos, normalmente, utilizados para alimentação e 37 cabeças de aves empregadas para o mesmo fim.

Silvicultura

As espécies de madeira mais comuns nas região: pau-mainha, freijó, sucupira, pau d'arco (ipê), paricarana, copaíba, daroura, utilizadas para construção de residências e cercados.

O potencial madereiro é pequeno, só servindo para consumo interno.

Caça

Comumente fazem caçadas indivíduais, no entanto, no período quando a caça é mais intensa, fazem as caçadas coletivas e utilizam de espingardas.

A caça serve somente para consumo interno e os animais mais encontrados são: os veados campeiro e capoeiro, paca, capivara, tatu, cotia e quelônios como o tracajá e jabuti.

Afirmaram que a caça está rareando cada vez mais e deram como motivos, as invasões da área pelas fazendas e os consequentes desmatamentos para implantação da pecuária.

Caçam na Ilha da Água Fria, nas matas do Rio Parimé e nos campos.

Coleta

Coletam uma grande variedade de frutos silvestres nos campos próximos à maloca como: buriti, que serve de alimento para pessoas e criações e para fazer vinho, taxí, utilizado para fabricação de refresco, cajú, do qual fazem uma bebida fermentada, denominada mocoró e ainda araçá e manga.

Os velhos mangueirais se espalham por uma extensa região, prova inconteste da antiga presença indígena na área. Nos falou um índio: "onde a senhora encontrar um mangueiral, aí existiu uma maloca de índios".

Acervo ISA

Coletam também matéria prima, como a jacitara, para fabricação de tipiti, peneira, jamaxí e rebenque, nas proximidades do Igarapé Água Fria.

Os artesanatos para venda são feitos sobre encomendas pelos fazendeiros vizinhos.

A palha de buriti para cobertura de casas, é colhida no Buritizal da Serra de Maracá.

Pesca

A pesca destina-se exclusivamente ao consumo interno. No período de verão, pescam nos igarapés e no inverno, nos rios.

O local preferido e mais piscoso é o Rio Parimé, onde conseguem várias espécies: tucunaré, pirandirá, jandiá, surubim, pirarara, matrinchão, pacú, pirarucú e piranha, pescando, também no Igarapé do Sapo.

Organização Sócio Política

Já falamos a respeito da desaaracterização dos costumes tribais, quando abordamos a maloca Ponta da Serra. Esta situação nós a encontramos em todas as áreas indígenas que visitamos.

Quanto ao problema de liderança, o Tuchaua em Urucuri é apontado através de uma assembléia onde são reunidos todos os índios da aldeia.

O Tuchaua funciona como um mediador na solução de problemas internos e representante do grupo quando surgem problemas externos.

Os casamentos são intertribais; normalmente os que se casam com branco se afastam da área.

Educação

O professor não pode fornecer dado algum, pois estava acabando de chegar na região em substituição a pro

Acervo ISA

fessora anterior, que havia deixado a área em fins de 1976.

Nos afirmou que as aulas naquele ano (1977) teriam início em novembro, mas que seguiriam sem interrupção até junho/78.

O professor fixou sua residência na Fazenda Itaipu. Chama-se Jacimar do Nascimento, com a 7ª série completar Foi admitido na Secretaria de Educação do Território em agosto de 77.

A escola pertence à Secretaria, que fornece todo o material didático e escolar.

A área possui uma escola, com uma sala de aula. Tem 13 carteiras, 27 cadeiras e uma mesa, em estado de conservação que deixa muito a desejar.

O professor não havia feito as matrículas, razão pela qual, não pode responder sobre o corpo discente da escola,

O ensino é feito em Português, através do currículo do Território.

Apenas 5 pessoas no grupo falam Wapixána.

Saúde

As doenças mais comuns na região: gripe, resfriado, alguns casos de malária, diarréia.

Não recebem qualquer tipo de assistência.

Terras

A maloca está cercada de fazendas. Este fato tirou bastante a mobilidade dos índios, perderam muito dos seus locais de caça, pesca e coleta.

Disseram que, hoje, o único fazendeiro que cria atritos com eles é o Senhor Jerônimo da Fazenda Itaipu, cujas cercas passam bem próximas à maloca.

Segundo os índios o fazendeiro afirma que eles estão ocupando áreas de sua propriedade.

Acervo ISA

Fazendas invasoras.

- Fazenda Itaipu - Jerônimo Cabral
- Fazenda Baviera -
- Fazenda Nova Vista - Clarisse Nero
- Fazenda Palmeira - Dr. Orlando

MALOCA JURACY OU PROVISÓRIO

Está sob a jurisdição da Maloca Urucuri. São todos parentes do Tuchaua Valentino. Usam dos mesmos locais de caça, pesca e coleta.

A maioria dos jovens, trabalham nas fazendas vizinhas. Os estudantes frequentam a escola no Urucuri.

Cemitério

Enterram seus mortos em cemitérios próximo à aldeia, o mesmo fazendo os habitantes da Ponta da Serra e Urucuri.

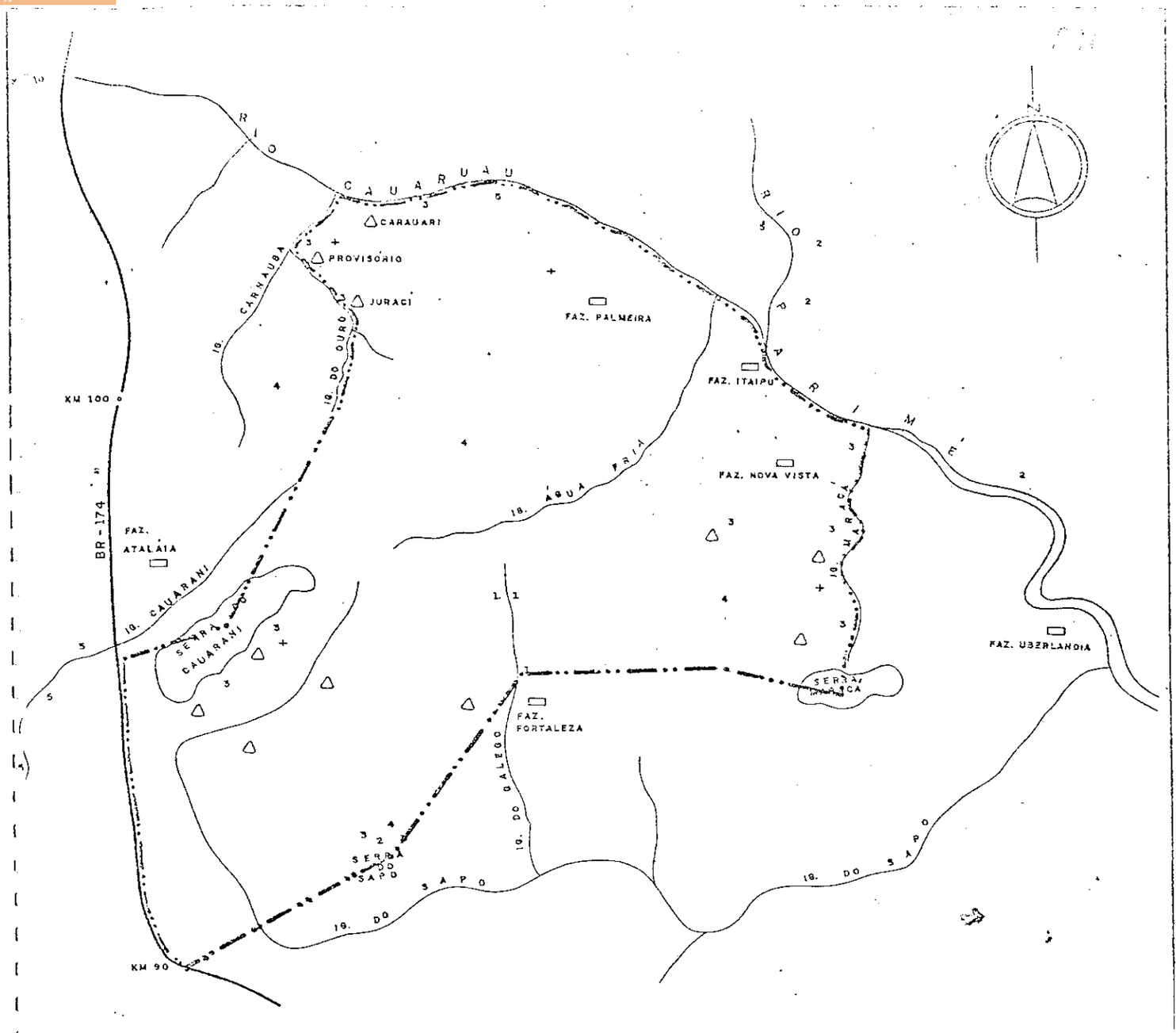
No entanto, o cemitério tradicional dos índios da região está na Fazenda Palmeira, onde os mais velhos têm enterrados seus avôs, pais e outros parentes afins.

Proposta para os limites da Área Indígena

No decorrer do levantamento, verificou-se que os limites de uma maloca coincidia com os limites solicitados pelas outras, resultando daí uma proposta única para as três aldeias: Ponta da Serra, Urucuri, Juracy ou Provisório.

A área em questão (em anexo) atende as necessidades do grupo e é resultante do consenso tribal.

Acervo ISA



1 - MATERIA PRIMA
2 - CAÇA
3 - ROÇA
4 - COLETA DE ALIMENTOS
5 - PESCA
+ - CEMITERIO
△ MALOCA

ESCALA — 1:125.000

ÁREA APROXIMADA — 14.600 Ha

PERÍMETRO APROXIMADO — 51.000m

MI — FUNAI	
ANTE-PROJETO DE DELIMITAÇÃO DE ÁREA INDÍGENA URUCURÍ, PONTA DA SERRA E PROVISÓRIO	
TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA	
EQUIPE: EMI, ISA, JUAREZ E ROGER	
DATA: 03/12/77	VISTO:

Acervo ISA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

MEMORIAL DESCRITIVO

MALOCAS PONTA DA SERRA, URUCURI E JURACI

Norte - Partindo da confluência do igarapé Carnaúba no rio Cauaruau, desce este rio até a sua confluência no rio Parimé, pelo qual desce até a confluência do igarapé Maracá;

Leste - daí, sobe este igarapé até a sua cabeceira; deste ponto, por uma linha reta e seca, rumo geral SW, até o alto da serra do Maracá;

Sul - daí, segue por uma linha reta e seca, rumo geral NW, até o limite extremo da Fazenda Fortaleza, marco 12 NP 1436 do INCRA; deste ponto, por outra linha reta e seca, rumo geral W, até o marco 11 NP 1444 do INCRA; deste ponto, por linha reta e seca, rumo geral SW, até a serra do Sapo; daí, por outra linha reta e seca, rumo geral NW, até o Km 90 da BR-174;

Oeste - segue pela BR-174, rumo norte, até o Km 95 da mesma BR; daí, por uma linha reta e seca, rumo NE, até o pico mais alto da serra Cauarani, o pico do meio; deste ponto, por uma linha reta e seca, rumo geral NE, até a cabeceira oeste do igarapé Ouro; daí, desce este igarapé até a sua confluência no igarapé Carnaúba e este até a sua confluência no rio Cauaruau, ponto de partida deste memorial descritivo.

Acervo ISA

REGIÃO DO AMAJARI

Malocas: Boqueirão, Mangueira, Araçá e Guariba

Localização e Vias de Acesso:

As malocas se localizam na Região do Amajari, no município de Boa Vista.

São alcançadas através de transporte rodoviário.

Maloca Guariba - No Km 100 da BR-174 toma-se o sentido norte, via Municipal RR.014, posteriormente uma vicinal carroçável, a aldeia fica aproximadamente a 6Km.

Maloca Araçá - B7.174, no Km 100, apanha-se a estrada Municipal RR.014 até a entrada que conduz à Fazenda Pradaria.

Maloca Boqueirão e Mangueira - No Km 100 da BR 174.

Mangueira - BR 174, no Km 100, apanha-se a estrada Municipal RR.014, a maloca fica a direita pouco antes da entrada para a Maloca Araçá.

Histórico da Área

Qualquer que seja as nossas convicções um fato é claro, a FUNAI teve e continua tendo uma atuação mínima na defesa das terras indígenas de Roraima. E o momento exige humildade, para reconhecer os erros passados e mais ainda, exige uma política indigenista eficaz e enérgica, permitindo que o índio reaveja suas terras.

Falar em imemorialidade das terras destas quatro malocas é um lugar comum.

Na maloca Boqueirão narram histórias dos antepassados que ali nasceram, criaram suas famílias e morreram.

Acervo ISA

O velhinho Senhor Luiz Figueiras, pai do Tuchau, tem mais de 100 anos, mal pode falar, mas testemunha que ali só existia índio, branco não.

"O branco foi chegando, chegando, o índio menos sabido foi entregando tudo ao branco a troco de nada, as vezes até por cachaça"...

A maioria da população é da região. Têm seus pais enterrados em cemitério antigo, perto do lago, que, hoje, já não usam mais.

Na maloca do Araçá 02 índios nem recordam de quando a área foi ocupada por eles.

"Aliás moça, não precisa falar disto não, todos sabem que estas terras são dos índios".

Estas fazendas aqui eram todas nossas. Veja o compadre Januário, (o mais velho do grupo, com 80 anos) a maloca dele era na Fazenda Canta Galo na beira do Amajari. Teve de mudar de lá porque, hoje, o dono é branco e não quer índio nas terras dele. Dele não, nossa. Nós já não estamos lá, antes do branco? (trecho de uma conversa com um índio na maloca do Araçá).

Também o Senhor Samuel, que morreu bem velhinho, morava numa grande maloca no Canta Galo, entre a Serra e o Rio Amajari.

A maloca Mangueira é quase que uma extensão da maloca Boqueirão, moram ali umas poucas famílias, que se desgarraram da maloca Boqueirão, por acharem melhor as terras onde hoje ocupam. Já estão aí há bastante anos e estão sob a jurisdição do Tuchaua da maloca Boqueirão dos quais são parentes.

Maloca Guariba - O que espanto ao se chegar na região da maloca, são os antigos mangueirais, espalhados e abandonados, dispersos por extensa área.

Os índios afirmaram que os seus pais habitaram antigamente no Tauaxí, mas por doenças foram morrendo e os que sobraram, mudaram para Guariba. Os pais do Tuchaua e muitos

Acervo ISA

dos ex-habitantes da maloca Guariba estão enterrados no cemitério na Serra do Flexal.

Os vestígios de antigas malocas se espalham por uma extensa região, desde o Amajari até além da Serra do Flexal no Igarapé Tauaxi.

Hoje, a maloca Guariba está totalmente cercada por grandes fazendas e os índios sem o mínimo espaço vital para a sobrevivência do grupo.

Muitos fazendeiros proibem a caça e a pesca, e as áreas para cultura são reduzidíssimas.

Em uma belíssima reunião em que estavam presentes representantes das 3 malocas, e que nos levou a por em dúvida a já falada "alienação" do índio Makuxi-Wapixána, e nos proporcionou momentos de grande esperança na comunidade, os índios propuseram os limites das suas terras, conscientes do seu crescimento físico, do seu desenvolvimento comunitário, de suas áreas de caça, pesca, etc., e mais ainda, conscientes das dificuldades que terão de enfrentar com as invasões e desocupação da área.

POPULAÇÃO

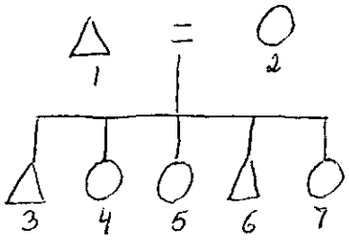
MALOCA GUARIBA

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
0 a 5	14	16	30
6 a 10	6	11	17
111a 15	7	8	15
16 a 20	4	4	8
21 a 25	2	4	6
26 a 30	5	2	7
31 a 35	2	1	3
36 a 40	7	1	8
41 a 45	2	3	5
45 a 50	1	3	4
51 a 55	3	1	4
56 a 60	-	-	-
61 a +	2	1	3
TOTAL	55	55	110

Acervo ISA

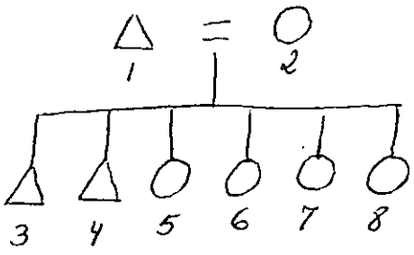
Casa 1

1 - Frederico Tavares	- 54 anos	- Wapixána	
2 - Vanda Tavares	- 44 "	- "	
3 - Aquilino Tavares	- 20 "	- "	
4 - Maria Clarisse Tavares	- 16 "	- "	
5 - Maria Consuelo Tavares	- 12 "	- "	
6 - Joece Tavares	- 10 "	- "	
7 - Wanderlcia Tavares	- 8 "	- "	



Casa 2

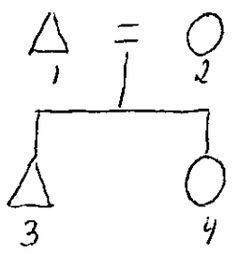
1 - Nazareno dos Santos	- 39 anos	- Wapixána	
2 - Maria Francisca Tavares dos Santos.	- 25 "	- "	
3 - Dick Farney dos Santos	- 12 "	- "	
4 - Edilson dos Santos	- 9 "	- "	
5 - Francinéia dos Santos	- 7 "	- "	
6 - Francineide dos Santos	- 5 "	- "	
7 - Francineses dos Santos	- 3 "	- "	
8 - -	- recém-nascido	- "	



Acervo ISA

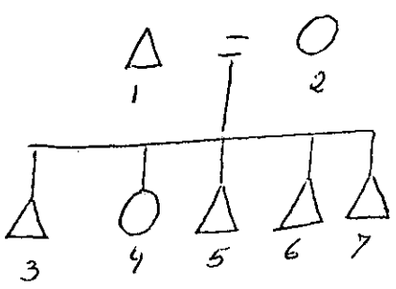
Casa 3

1 - Valdir Leonardo	- 35 anos	-	Wapixána
2 - Maria Alice Tavares	- 19 "	-	"
3 - Jadir Leonardo	- 5 "	-	"
4 - Marta Miria Leonardo	- 1 "	-	"



Casa 4

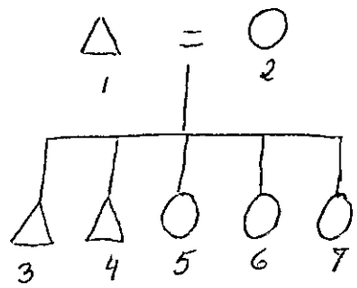
1 - Narcisio Rodrigues	- 36 anos	-	Wapixána
2 - Regina Gomes	- 25 "	-	"
3 - Antonio Rodrigues	- 13 "	-	"
4 - Zenaide Rodrigues	- 12 "	-	"
5 - Marcelino Rodrigues	- 10 "	-	"
6 - Vitalino Rodrigues	- 7 "	-	"
7 - Arcelino Rodrigues	- 4 "	-	"



Acervo ISA

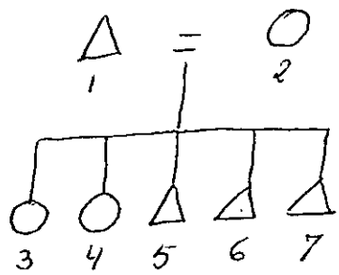
Casa 5

1 - Camilo Gomes de Alencar	- 37 anos	-	Wapixána
2 - Maria do Carmo Alves	- 39 "	-	"
3 - Valdeci Gomes de Alenaar	- 14 "	-	"
4 - Valdeides de Alencar	- 11 "	-	"
5 - Maria Francisca das Chagas	- 9 "	-	"
6 - Maria do Carmosde Alencar	- 8 "	-	"
7 - Valdenir de Alencar	- 4 "	-	"



Casa 6

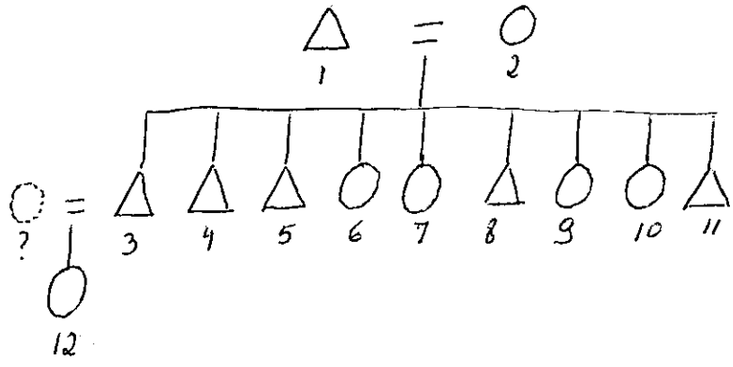
1 - Marcolino Rodrigues	- 34 anos	-	Wapixána
2 - Maria Anedia Rodrigues	- 31 "	-	"
3 - Janete Rodrigues	- 9 "	-	"
4 - Marisete Rodrigues	- 7 "	-	"
5 - Valmir Rodrigues	- 4 "	-	"
6 - Benjamim Rodrigues	- 3 "	-	"
7 - Aldenir Rodrigues	- 3 meses	-	"



Acervo ISA

Casa 7

1 - Inácio Gomes da Silva	- 42 anos	-	Wapixána
2 - Maria de Lourdes Mota	- 41 "	-	"
3 - José Mota Gomes	- 25 "	-	"
4 - Sebastião Mota Gomes	- 18 "	-	"
5 - Abílio Mota Gomes	- 15 "	-	"
6 - Sebastiana Mota Gomes	- 13 "	-	"
7 - Maria Tereza Mota Gomes	- 11 "	-	"
8 - Paulo Sérgio Mota Gomes	- 8 "	-	"
9 - Inaia Mota Gomes	- 5 "	-	"
10 - Carmen Mota Gomes	- 3 "	-	"
11 - Francisco Mota Gomes	- 3 meses	-	"
12 - Michela Mota Gomes	- 2 anos	-	"



Casa 8

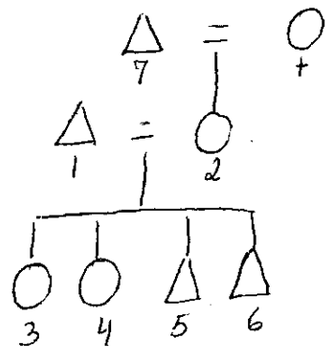
1 - Jofre Soares da Silva	- 61 anos	-	Wapixána
2 - Julieta Soares da Silva	- 62 "	-	"

Casa 9

1 - Adolfo Francisco Marques	- 40 anos	-	Wapixána
2 - Ana Alves Marques	- 30 "	-	Wapixána

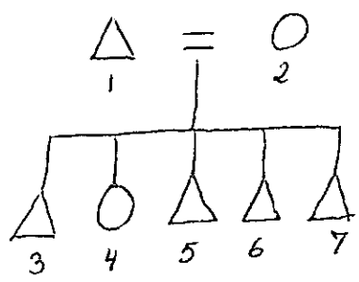
Acervo ISA

3 - Artemiza Alves Marques	- 15 anos	- Wapixána
4 - Sonia Alves Marques	- 9 "	- "
5 - Ademilton Alves Marques	- 5 "	- "
6 - Ricardo Alves Marques	- 1 ano	- "
7 - Adriano Alves Marques	- 65 anos	- "



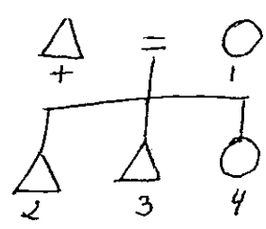
Casa 10

1 - Aliemir Tavares da Silva	- 26 anos	- Wapixána
2 - Neuza Rodrigues	- 24 anos	- "
3 - Edinaldo Rodrigues	- 9 "	- "
4 - Edinelza Rodrigues	- 8 "	- "
5 - Ederaldo Rodrigues	- 5 "	- "
6 - Edelinaldo Rodrigues	- 3 "	- "
7 - Edenivaldo Rodrigues	- 8 meses	- "



Casa 11

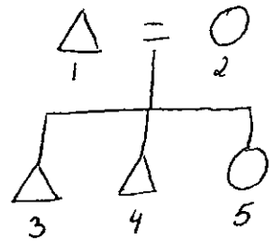
1 - Cecília Rodrigues	- 50 anos	- Wapixána
2 - Celso Rodrigues	- 25 "	- "
3 - Élio Rodrigues	- 16 "	- "
4 - Zilma Rodrigues	- 14 "	- "



Acervo ISA

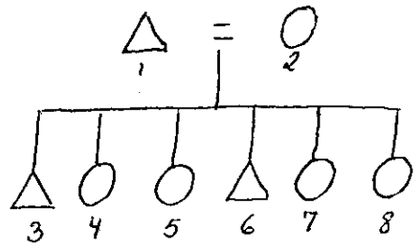
Casa 12

1 - Edinilson da Silva	- 30 anos	- Wapixána
2 - Flora Rodrigues	- 18 "	- "
3 - Emilson Rodrigues	- 4 "	- "
4 - Elvimar Rodrigues	- 2 "	- "
5 - Elemar Rodrigues	- 6 meses	- "



Casa 13

1 - Martim Duarte	- 36 anos	- Wapixána
2 - Carmélia Duarte	- 30 "	- "
3 - Denis Duarte	- 15 "	- "
4 - Delta Duarte	- 9 "	- "
5 - Ilda Duarte	- 7 "	- "
6 - Martiniana Duarte	- 4 "	- "
7 - Maria Inez Duarte	- 2 "	- "
8 - Marinete Duarte	- 1 mês	- "

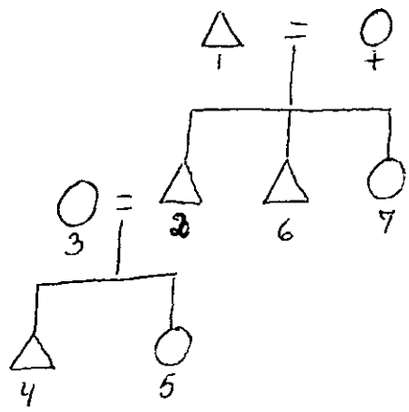


Casa 14

1 - Joaquim Leonardo Santiago Gentil	- 49 anos	- Wapixána
2 - Sebastião Leonardo Santiago Gentil	- 26 "	- "
3 - Joanalice Coelho	- 15 "	- "
4 - Joaci Santiago	- 2 "	- "

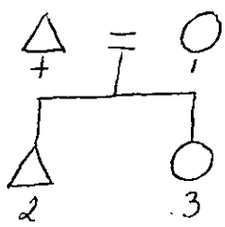
Acervo ISA

5 - Vitória Santiago	- 6 meses	-	Wapixána
6 - Geraldo Santiago Gentil	- 18 anos	-	"
7 - Maria Eunice Santiago Gentil.	- 20 "	-	"



Casa 15

1 - Maria Leonardo Santiago	- 54 anos	-	Wapixána
2 - Aloisio Leonardo Santiago	- 36 "	-	"
3 - Jacy Leonardo Santiago	- 26 "	-	"

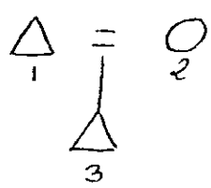


Casa 16

1 - Jeronimo Alves	- 39 anos	-	Wapixána
2 - Aurea Alves	- 45 "	-	"

Casa 17

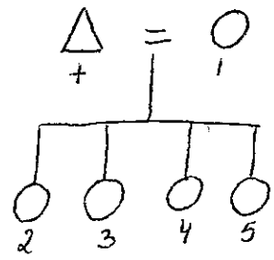
1 - Manuel Orácio da Silva (Tuchaua)	- 52 anos	-	Wapixána
2 - Tacila Tavares	- 47 "	-	"
3 - Francisco Orácio da Silva	- 15 "	-	"



Acervo ISA

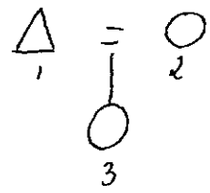
Casa 18

1 - Tacilina Ferreira de Alencar	- 23 anos	-	Wapixána
2 - Gracilene Ferreira de Alencar	- 6 "	-	"
3 - Marilene Ferreira de Alencar	- 5 "	-	"
4 - Edilene Ferreira de Alencar	- 3 "	-	"
5 - Lucilene Ferreira de Alencar	- 4 meses	-	"



Casa 19

1 - Ramiro Coelho	- 55 anos	-	Wapixána
2 - Jovita Coelho	- 50 "	-	"
3 - Maria Conceição Coelho.	- 12 "	-	"



Sem residência fixa

1 - Adolfo Santiago	- 41 anos	-	Wapixána
2 - Oliveira da Silva Rodrigues.	- 30 "	-	"

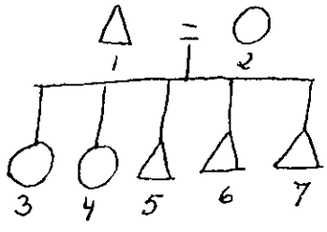
Acervo ISA

MALOCA ARACÁ

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
0 a 5	17	20	37
6 a 10	13	14	27
11 a 15	8	7	15
16 a 20	6	9	15
21 a 25	6	2	8
26 a 30	3	7	10
31 a 35	3	4	7
36 a 40	3	4	7
41 a 45	4	2	6
46 a 50	2	2	4
51 a 55	3	1	4
56 a 60	4	3	7
61 a +	3	1	4
TOTAL	75	76	151

Casa 1

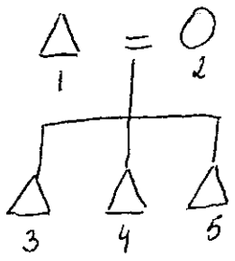
1 - Raimundo Neves Tenente (Tuchaua) - 48 anos - Wapixána
2 - Maria Sinhá Tenente - 35 " - "
3 - Virlene Neves Tenente - 20 " - "
4 - Lita Neves Tenente - 17 " - "
5 - Jurandir Neves Tenente - 16 " - "
6 - José Lito Neves Tenente - 10 " - "
7 - Josias Neves Tenente - 6 " - "



Acervo ISA

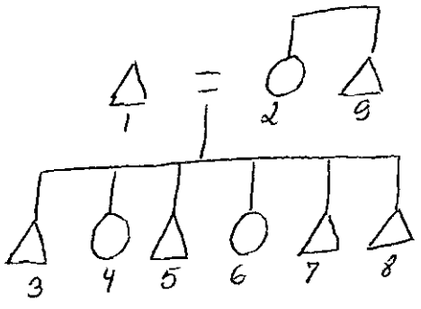
Casa 2

1 - Arlindo Marques Tenente	- 30 anos	-	Wapixána
2 - Odete Barroso Tenente	- 19 "	-	"
3 - Eder Barroso Tenente	- 4 "	-	"
4 - Ênio Barroso Tenente	- 3 "	-	"
5 - Elton Barroso Tenente	- 8 meses	-	"



Casa 3

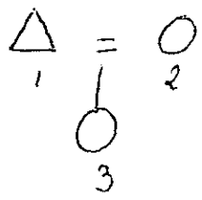
1 - João da Silva	- 35 anos	-	Wapixána
2 - Iraci dos Santos	- 24 "	-	"
3 - José da Silva	- 10 "	-	"
4 - Graça da Silva	- 8 "	-	"
5 - Antonio da Silva	- 6 "	-	"
6 - Gracineide da Silva	- 3 "	-	"
7 - José Hilton da Silva	- 2 "	-	"
8 - José Hildo da Silva	- 2 meses	-	"
9 - Guaracy dos Santos	- 12 anos	-	"



Acervo ISA

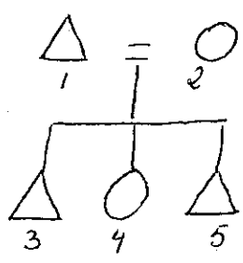
Casa 4

1 - Ubirajara Pereira	- 52 anos	- Wapixána	
2 - Lucíola Tomaz	- 50 "	- "	
3 - Maria Lucilene T. Pereira.	- 13 "	- "	



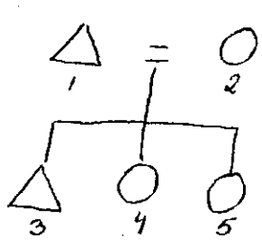
Casa 5

1 - Antonio Batista Peres	- 33 anos	- Wapixána
2 - Laura Tomaz Pereira	- 27 "	- "
3 - Ivaldo Pereira Peres	- 6 "	- "
4 - Ivanete Pereira Peres	- 4 "	- "
5 - Elivaldo Pereira Peres	- 1,6 anos	- "



Casa 6

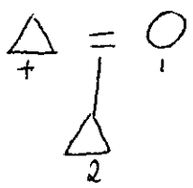
1 - Edimilson Batista Peres	- 29 anos	- Wapixána
2 - Maria Dolci Peres	- 28 "	- "
3 - Edimilton Peres	- 5 "	- "
4 - Edimildes Peres	- 2 "	- "
5 - Elcinéia Peres	- 6 meses	- "



Acervo ISA

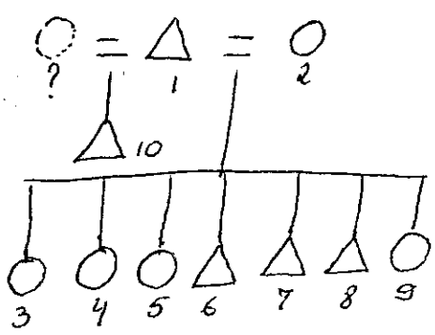
Casa 7

1 - Telismina Santana da Silva - 70 anos - Wapixána
2 - Velísio Santana da Silva - 35 " - "



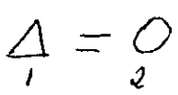
Casa 8

1 - Manoel José da Silva	- 42 anos	- Wapixána
2 - Maria Toreza da Silva	- 38 anos	- "
3 - Ilza da Silva	- 12 "	- "
4 - Suelilza da Silva	- 10 "	- "
5 - Ilda da Silva	- 8 "	- "
6 - Manuel Filho da Silva	- 7 "	- "
7 - Josué da Silva	- 5 "	- "
8 - Abraão da Silva	- 4 "	- "
9 - Marta da Silva	- 1,6 "	- "
10 - Laiz Araújo da Silva	- 18 "	- "



Casa 9

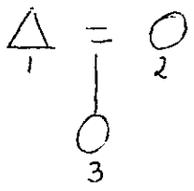
1 - Ovídio Santana	- 57 anos	- Wapixána
2 - Dalci Santana	- 36 "	- "



Acervo ISA

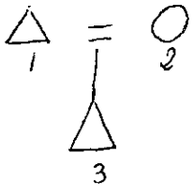
Casa 10

1 - José Pereira	- 44 anos	- Wapixána
2 - Matilde Pereira	- 42 "	- Taurëpang
3 - Desuíde Pereira	- 6 "	- Wapixána



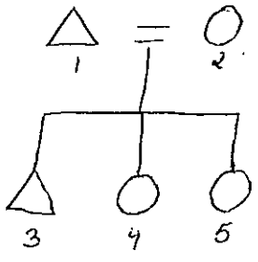
Casa 11

1 - João Nazareno de Lima	- 20 anos	- Wapixána
2 - Vânia Nazareno de Lima	- 16 "	- "
3 - Jadir Nazareno de Lima	- 4 meses	- "



Casa 12

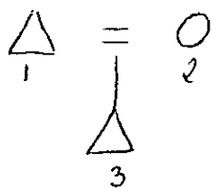
1 - Caetano Lourenço da Silva	- 55 anos	- Wapixána
2 - Maria Lourenço da Silva	- 40 "	- "
3 - José Lourenço da Silva	- 21 "	- "
4 - Nilza Lourenço da Silva	- 19 "	- "
5 - Vandeci Lourenço da Silva	- 13 "	- "



Acervo ISA

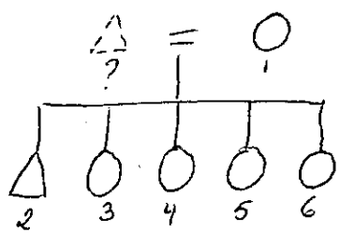
Casa 13

1 - Anselmo Gentil da Silva	- 23 anos	- Wapixána
2 - Rosimar Lima Marques	- 20 "	- "
3 - Jeremias da Silva	- 8 meses	- "



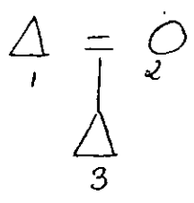
Casa 14

1 - Dalci Marques de Lima	- 28 anos	- Wapixána
2 - Alcinir Marques de Lima	- 12 "	- "
3 - Dulcinéia Marques de Lima	- 10 "	- "
4 - Teroza Marques de Lima	- 8 "	- "
5 - Lúcia Marques de Lima	- 4 "	- "
6 - Divan Marques de Lima	- 2 "	- "



Casa 15

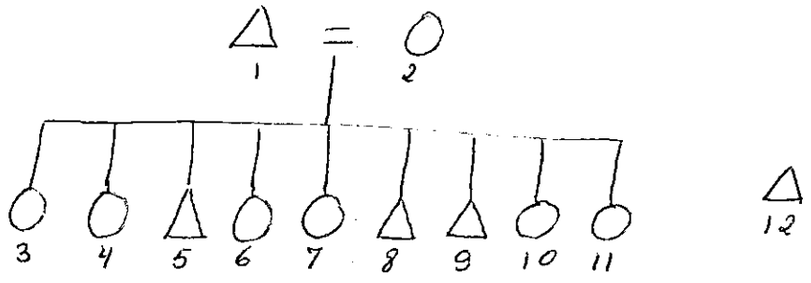
1 - Salomão Marques de Lima	- 45 anos	- Wapixána
2 - Tacila Marques de Lima	- 44 "	- "
3 - Rosildo Marques de Lima	- 12 "	- "



Acervo ISA

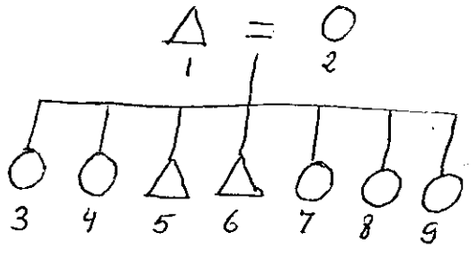
Casa 16

1 - Armando da Silva	- 38 anos	-	Wapixána
2 - Olívia Guilherme da Silva	- 28 anos	-	"
3 - Lenira Nascimento da Silva	- 14 "	-	"
4 - Valdizia Nascimento da Silva	- 12 "	-	"
5 - Valdino Nascimento da Silva	- 10 "	-	"
6 - Suely Nascimento da Silva	-- 8 "	-	"
7 - Raquel Nascimento da Silva	- 7 "	-	"
8 - Jonas Nascimento da Silva	- 4 "	-	"
9 - Isaac Nascimento da Silva	- 3 "	-	"
10 - Miriam Nascimento da Silva	- 1,2 "	-	"
11 - Leia Nascimento da Silva	- 1 mês	-	"
12 - Benedito Barreto Pinho	- 23 anos	-	Makuxi



Casa 17

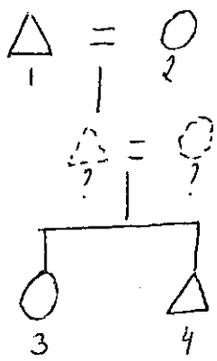
1 - Onildo Pereira da Silva	- 41 anos	-	Makuxi
2 - Orminda Pereira da Silva	- 32 "	-	"
3 - Etelvina Pereira da Silva	- 12 "	-	"
4 - Ideris Pereira da Silva	- 11 "	-	"
5 - Ideval Pereira da Silva	- 8 "	-	"
6 - Elival Pereira da Silva	- 7 "	-	"
7 - Francimara Pereira da Silva	- 4 "	-	"
8 - Alaís Anete Pereira da Silva	- 2 "	-	"
9 - Maria Leda Pereira da Silva	- 5 meses	-	"



Acervo ISA

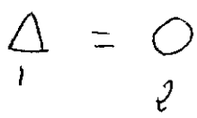
Casa 18

1 - Dionísio G. Melo	- 64 anos	-	Wapixána
2 - Alaíde Melo	- 58 "	-	"
3 - Francinete Melo Frota	- 5 "	-	"
4 - Cacildo Milton Machado	- 2 "	-	"



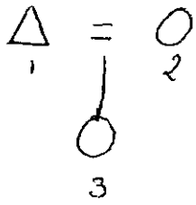
Casa 19

1 - José Pereira da Silva	- 23 anos	- Makuxi
2 - Nilza Lourenço	- 19 "	- Wapixána



Casa 20

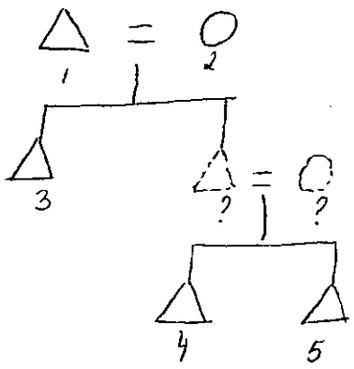
1 - Manuel Gomes de Araújo	- 37 anos	-	Wapixána
2 - Odeide Gomes de Araújo	- 23 "	-	"
3 - Maria Gomes de Araújo	- 10 meses	-	"



Acervo ISA

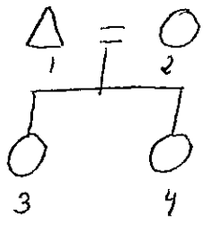
Casa 21

1 - Manuel Ribeiro dos Santos	- 65 anos	- Wapixána
2 - Otília Ribeiro dos Santos	- 60 "	- "
3 - Osmar Ribeiro dos Santos	- 18 "	- "
4 - Anibal Ribeiro dos Santos	- 12 "	- "
5 - Gelcimar Ribeiro dos Santos	- 9 "	- "



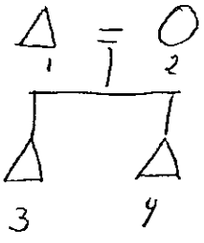
Casa 22

1 - Salvador Peixoto Sales	- 27 anos	- Civilizado
2 - Maria Cleomar Bastos da Silva	- 32 "	- Makuxi
3 - Francimar Peixoto da Silva	- 4 "	- "
4 - Marinalva Peixoto da Silva	- 1 ano	- "



Casa 23

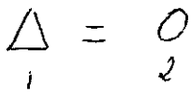
1 - José Francisco da Silva	- 54 anos	- Taurepang
2 - Maria B. da Silva	- 50 "	- Makuxi
3 - Evaldo José da Silva	- 15 "	- "
4 - Jelcy James da Silva	- 10 "	- "



Acervo ISA

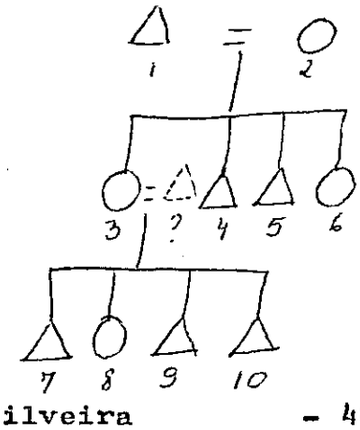
Casa 24

1 - Igino Ribeiro do Nascimento	- 37 anos	- Guarani
2 - Edilsa Lourenço do Nascimento	- 28 "	- Wapixána



Casa 25

1 - Manuel José da Silva	- 60 anos	- Wapixána
2 - Maria Tereza da Silva	- 58 "	- Makuxi
3 - Maria da Silva	- 27 "	- Wapixána
4 - Vilson da Silva	- 22 "	- "
5 - Antonio da Silva	- 20 "	- "
6 - Anita da Silva	- 17 "	- "
7 - José Francisco da Silva	- 13 "	- Makuxi
8 - Dalcimar da Silva	- 7 "	- "
9 - Valcimar da Silva	- 3 "	- "
10 - Valcineide da Silva	- 2 "	- "

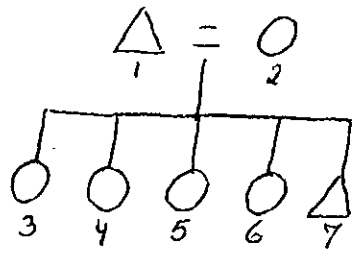


Casa 26

1 - Valentino Silveira	- 48 anos	- Wapixána
2 - Francisca Padilha Silveira	- 36 "	- "
3 - Maria Stella Padilha Silveira	- 9 "	- "
4 - Edinelza P. Silveira	- 8 "	- "
5 - Wanda Padilha Silveira	- 7 "	- "

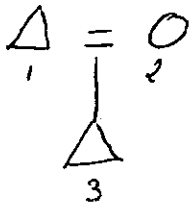
Acervo ISA

6 - Ednéia Padilha Silveira - 4 anos - Wapixána
7 - Francisco Padilha Silveira - 2 " - "



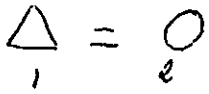
Casa 27

1 - Januário Pereira da Silva - 80 anos - Taurepang
2 - Joana Gentil da Silva - 60 " - Wapixána
3 - Raimundo Gentil da Silva - 18 " - "



Casa 28

1 - Raimundo Filho - 25 anos - Wapixána
2 - Maria de Jesus Tomás Pereira - 18 " - "

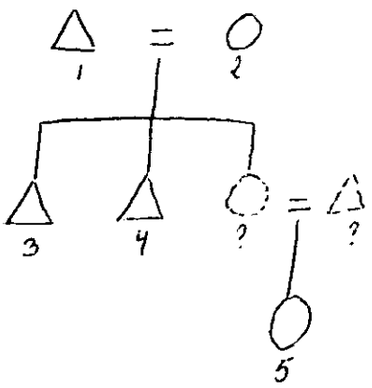


Casa 29

1 - José Maria Vieira Filho - 56 anos - Parintintin
2 - Petronilha R. Vieira - 53 " - Wapixána
3 - Racildo Rodrigues Vieira - 12 " - "
4 - Raildo Rodrigues Vieira - 10 " - "

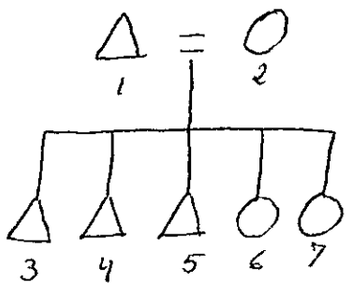
Acervo ISA

5 - Cátia Regina Vieira - 2 anos - Wapixána



Casa 30

1 - Gaspar Ribeiro	- 56 anos	-	Wapixána
2 - Adélia Ribeiro	- 30 "	-	"
3 - Alcino Ribeiro	- 11 "	-	"
4 - Alci Ribeiro	- 10 "	-	"
5 - Joci Ribeiro	- 7 "	-	"
6 - Maria Ribeiro	- 4 "	-	"
7 - Marilene Ribeiro	- 1 "	-	"



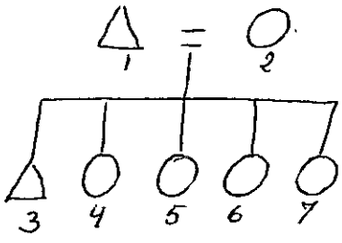
Acervo ISA

MALOCA BOQUEIRÃO

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
0 a 5	12	12	24
6 a 10	8	8	16
11 a 15	5	6	11
16 a 20	5	5	10
21 a 25	5	4	9
26 a 30	1	3	4
31 a 35	4	3	7
36 a 40	-	3	3
41 a 45	-	2	2
46 a 50	3	4	7
51 a 55	3	-	3
56 a 60	1	1	2
61 a +	2	-	2
TOTAL	49	51	100

Casa 1

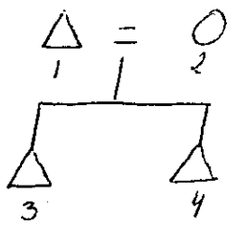
1 - Maurício Pacheco de Freitas - 53 anos - Makuxi
2 - Maria Romana de Freitas - 29 " - "
3 - José Roberto de Freitas - 12 " - "
4 - Maria José de Freitas - 10 " - "
5 - Lavínia de Freitas - 8 " - "
6 - Marlene de Freitas - 2 " - "
7 - Marli de Freitas - 4 meses - "



Acervo ISA

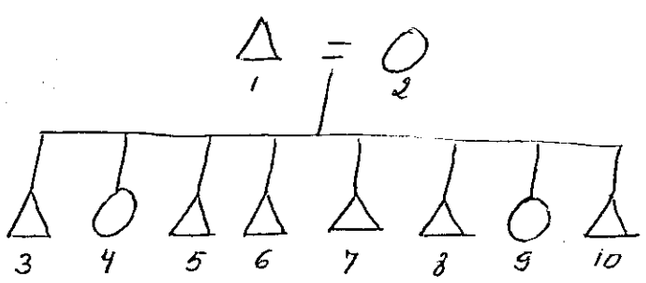
Casa 2

1 - Carlos Alberto Marques	- 28	anos	- Wapixána
2 - Nilva Marques	- 24	"	- "
3 - Carlos Marques	- 4	"	- "
4 - Júlio Marques	- 2	"	- "



Casa 3

1 - Gustavo Alves dos Reis	- 49	anos	- Civilizado
2 - Nair Trajano dos Reis	- 37	"	- Makuxi
3 - Carlos Augusto dos Reis	- 17	"	- "
4 - Edna T. dos Reis	- 16	"	- "
5 - Francisco T. dos Reis	- 13	"	- "
6 - Nickson T. dos Reis	- 7	"	- "
7 - Jadir T. dos Reis	- 5	"	- "
8 - Mujacy T. dos Reis	- 3	"	- "
9 - Francinara T. dos Reis	- 2	"	- "
10 - Edmar T. dos Reis	- 6	meses	- "

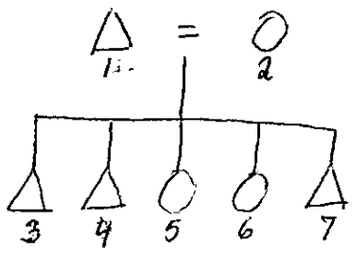


Casa 4

1 - Zulmirio Bento da Silva	- 52	anos	- Wapixána
2 - Noemia Perez	- 39	"	- "
3 - Celso Bento da Silva	- 25	"	- "
4 - Delson Bento da Silva	- 10	"	- "
5 - Edilene Bento da Silva	- 8	"	- "

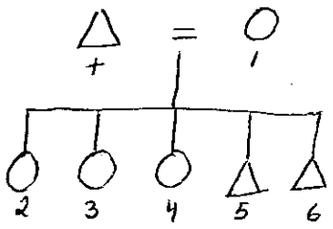
Acervo ISA

6 -	Ângela Bento da Silva	- 4 anos	- Wapixána
7 -	Almir Bento da Silva	- 2 "	- "



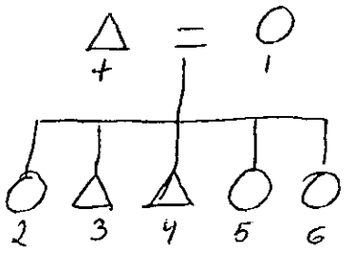
Casa 5

1 -	Joana Silveira	- 65 anos	- Makuxi
2 -	Eva Silveira	- 23 "	- "
3 -	Dudócia Silveiram	- 12 "	- "
4 -	Soraima Silveira	- 5 "	- "
5 -	Sunairo Silveira	- 3 "	- "
6 -	Carlo André Silveira	- 5 meses	- "



Casa 6

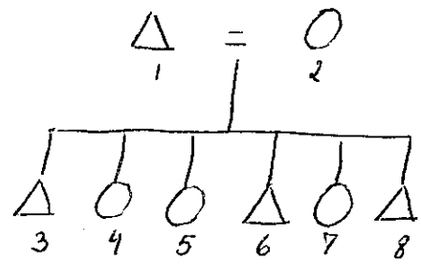
1 -	Benedita Pacheco	- 56 anos	- Makuxi
2 -	Hilda Pacheco	- 37 "	- "
3 -	Getúlio Pacheco	- 23 "	- "
4 -	Domício Pacheco	- 29 "	- "
5 -	Luzia Pacheco	- 17 "	- "
6 -	Lili Pacheco	- 7 "	- "



Acervo ISA

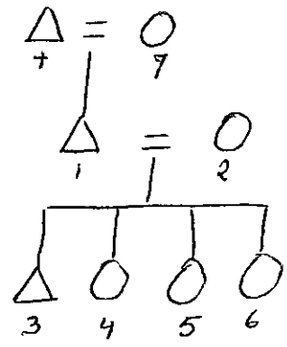
Casa 7

1 - Jaime dos Santos	- 50 anos	- Makuxi	
2 - Noêmia Sampaio	- 45 "	- "	
3 - Natalino dos Santos	- 21 "	- "	
4 - Maria Edite dos Santos	- 17 "	- "	
5 - Neida dos Santos	- 13 "	- "	
6 - Moisés dos Santos	- 11 "	- "	
7 - Ecí dos Santos	- 10 "	- "	
8 - Jhonson dos Santos	- 8 "	- "	



Casa 8

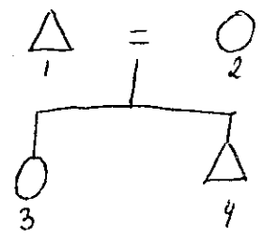
1 - Cléucio Sampaio	- 32 anos	- Wapixána
2 - Neuza Sampaio	- 28 "	- "
3 - Leucio Sampaio	- 7 "	- "
4 - Leda Ani Sampáio	- 5 "	- "
5 - Cleuci Neide Sampaio	- 3 "	- "
6 - Cleuci Lene Sampaio	- 1 ano	- "
7 - Deulindia Sampaio	- 60 anos	- "



Acervo ISA

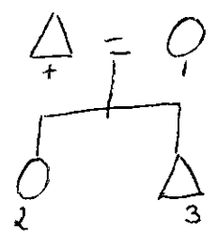
Casa 9

1 - Manoel José Cruz	- 53 anos	- Wapixána
2 - Levina Batista	- 50 "	- "
3 - Marinete Cruz	- 20 "	- "
4 - José Cruz	- 21 "	- "



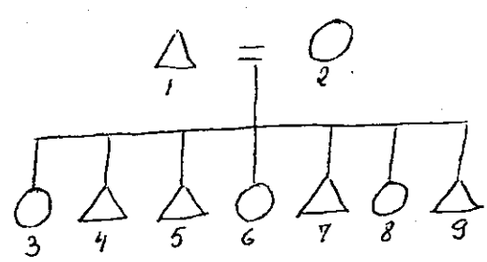
Casa 10

1 - Jorgina Peres	- 50 anos	- Makuxi
2 - Marinete Xavier	- 22 "	- "
3 - Vivaldo Xavier	- 19 "	- "



Casa 11

1 - Atanásio Barbosa	- 50 anos	- Makuxi
2 - Eulinda Barbosa	- 45 "	- "
3 - Maria Barbosa	- 24 "	- "
4 - Altair Barbosa	- 19 "	- "
5 - Osmar Barbosa	- 17 "	- "
6 - Célia Barbosa	- 14 "	- "
7 - Alteir Barbosa	- 12 "	- "
8 - Consolata Barbosa	- 11 "	- "
9 - Manuel Oreste Barbosa	- 9 "	- "



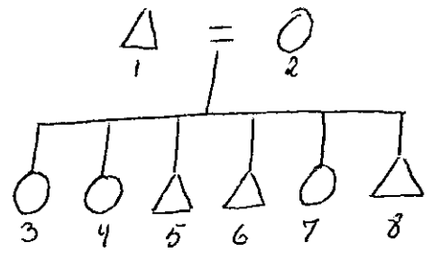
Acervo ISA

Casa 12

1 - José dos Santos - 34 anos - Wapixána

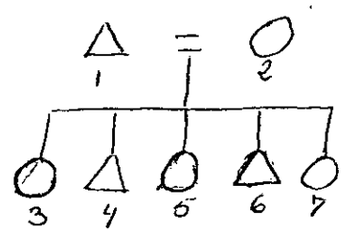
Casa 13

1 - Xeca Padilha	- 48 anos	- Wapixána	
2 - Elza Padilha	- 33 "	- "	
3 - Elzineide dos Santos Padilha	- 16 "	- "	
4 - Ivaneli dos S. Padilha	13 "	- "	
5 - Gelso dos Santos Padilha	- 11 "	- "	
6 - José Milton dos Santos Padilha	- 8 "	- "	
7 - Elzinira dos Santos Padilha	4 "	- "	
8 - José Filho	- 3 "	- "	



Casa 14

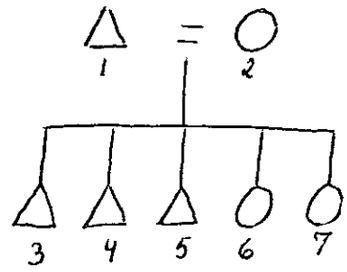
1 - Mauro Hermínio Raposo	- 35 anos	- Makuxi
2 - Cidélia Guilherme Raposo	- 34 "	- "
3 - Valdenora Raposo	- 9 "	- "
4 - Domingos Raposo	- 8 "	- "
5 - Rosa Maria Raposo	- 7 "	- "
6 - Tadeu Raposo	- 5 "	- "
7 - Darcilene Raposo	- 2 "	- "



Acervo ISA

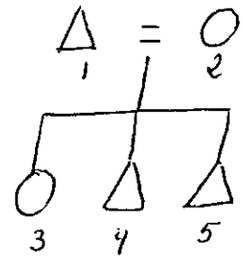
Casa 15

1 - Francisco Caetano (Tuchaua)	- 56 anos	-	Wapixána
2 - Luiza Iracema Caetano	- 47 "	-	"
3 - Roberto Caetano	- 23 "	-	"
4 - Clodomiro Caetano	- 13 "	-	"
5 - Valdo Caetano	- 10 "	-	"
6 - Nélia Caetano	- 9 "	-	"
7 - Áurêa Caetano	- 5 "	-	"



Casa 16

1 - Abel Caetano	- 32 anos	-	Wapixána
2 - Sebastiano Caetano	- 28 "	-	"
3 - Iracilde Caetano	- 5 "	-	"
4 - Manuel Caetano	- 2 "	-	"
5 - Abel Caetano	- 1 mês	-	"



Casa 17

1 - Luiz Figueiras - + de 100 anos - Wapixána-viúvo

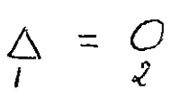
Acervo ISA

MALOCA MANGUEIRA

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
0 a 5	3	3	6
6 a 10	4	1	5
11 a 15	3	3	6
16 a 20	2	-	2
21 a 25	-	-	-
26 a 30	-	1	1
31 a 35	1	-	1
36 a 40	2	-	2
41 a 45	1	2	3
46 a 50	1	-	1
51 a 55	2	-	2
56 a 60	-	1	1
61 a +	1	-	1
TOTAL	20	11	31

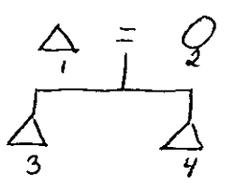
Casa 1

1 - Basílio Viana - 55 anos - Wapixána
2 - Maria Eva Viana - 45 " - "



Casa 2

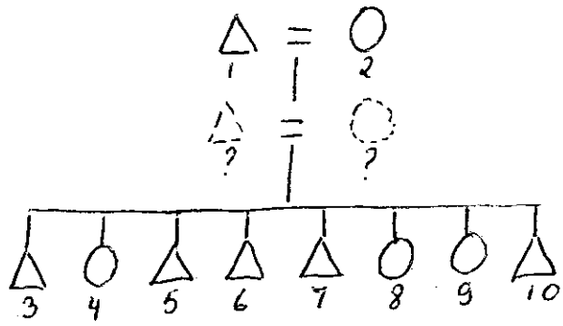
1 - Jovino Cavalcanti - 31 anos - Wapixána
2 - Maria Lesama - 27 " - "
3 - Rubenilson Cavalcanti - 3 " - "
4 - Graciano Cavalcanti - 1 " - "



Acervo ISA

Casa 3

1 - Artur Cavalcanti	- 77 anos	- Wapixána	
2 - Elísia Cavalcanti	- 56 "	- "	
3 - Flávio Cavalcanti	- 18 "	- "	
4 - Maria Dilza Cavalcanti	- 14 "	- "	
5 - Gilmário Cavalcanti	- 14 "	- "	
6 - Raimundo Cavalcanti	- 9 "	- "	
7 - José Cavalcanti	- 6 "	- "	
8 - Sulamí Cavalcanti	- 5 "	- "	
9 - Raimunda Cavalcanti	- 4 "	- "	
10 - Lauro Cavalcanti	- 2 "	- "	

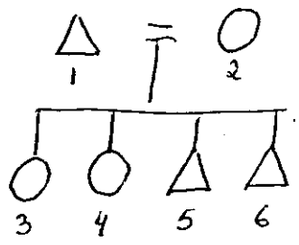


Casa 4

1 - Sáciro Lima	- 46 anos	- Wapixána
2 - Catarina Lima	- 45 "	- "

Casa 5

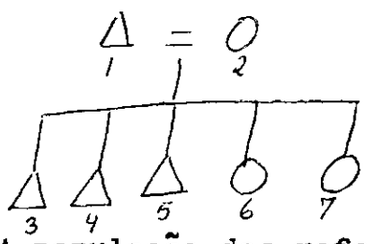
1 - Ramiro Ferreira	- 54 anos	- Wapixána
2 - Taciana Ferreira	- 40 "	- "
3 - Nazaré Ferreira	- 15 "	- "
4 - Raimunda Ferreira	- 14 "	- "
5 - Argemiro Ferreira	- 13 "	- "
6 - Aldeir Ferreira	- 10 "	- "



Acervo ISA

Casa 6

1 - Gaspar Ribeiro	- 45 anos	- Wapixána	
2 - Adélia Ribeiro	- 40 "	-	"
3 - Alcino Ribeiro	- 20 "	-	"
4 - Alcy Ribeiro	- 12 "	-	"
5 - Jocy Ribeiro	- 9 "	-	"
6 - Maria Ribeiro	- 7 "	-	"
7 - Marilene Ribeiro	- 3 "	-	"



A população das referidas malocas atinge a 392 pessoas, distribuídas em 72 casas, de construção tipo regional, paredes de taipa ou adobe, cobertas de folhas de palmeira.

Pelos quadros percebe-se a maior concentração de população nas faixas etárias entre 0 a 15 anos. Isto prova o grande crescimento da população. Estas populações indígenas são melhores nutridas, havendo mais fartura de alimentos, dispondo de mais terras para cultivo.

Também se nota que na faixa etária de 15 a 30 anos a concentração não é tão alta como se poderia supor. Mas, como já dissemos os jovens deixam as malocas à procura de empregos, de empregadas domésticas para as mulheres e vaqueiros ou garimpeiros,etc. para os homens.

MALOCA GUARIBA

Agricultura

A agricultura de subsistência é a principal atividade do grupo. O sistema utilizado para plantação de roças é o coletivo, que os índios chamam de sistema misto. É geralmente familiar.

Põe em prática a rotação de terras e culturas, variando de dois em dois anos.

Acervo ISA

As culturas são normalmente consorciadas e o que plantam com maior freqüência é: arroz, milho, feijão, mandioca, batata e jerimum.

Normalmente armazenam os grãos excedentes para os próximos plantios.

Os produtos são guardados nas próprias residências dos índios. E se há excedentes trocam por outros mantimentos e/ou dinheiro.

Possuem pequenos pomares de manga, cajú, cítricos, goiaba e côco e não têm hortas.

Rebanhos

Não possuem rebanho bovino. Poucas cabeças de suínos, 22; 14 equinos e em toda maloca existe 98 galináceos.

Silvicultura

As espécies de madeira mais comuns na região são: pau-rainha, freijó, itaúba, marupá, sucupira, louro, carapé, danoura e macaúba.

Utilizam da madeira somente para construção de residências, cercas e pequenos barcos.

Caça

O local onde há caça mais farta é às margens do Amajarí, mas caçam também na serra do flexal e nas vizinhanças do Igarapé Tauaxi.

Na região há dois tipos de caça, os animais de lavrado: tatu (peba e bola), e os animais das "ilhas" (matas) veado (campeiro e capoeiro), cutia, paca, caititu, jabuti e tracajá.

A caça se destina ao consumo interno, mas quando possível vendem a pele de veados e do maracajá, animal difícil e raro.

Acervo ISA

Coleta

Coletam caju e buriti no campo em volta da aldeia. Jabobá, inajá, tucumã, taxi e jacitara na Serra do Flexal.

Utilizam da fibra de jacitara para fabricação de tipiti, peneira, jamaxi, balaio, que vendem para os fazendeiros.

Pesca

Utilizam da pesca somente para consumo interno. No inverno pescam nos igarapés Guariba e Paraíso e no verão no Rio Amajari e lagos adjacentes.

As espécies mais comumente pescadas são: tucunaré, pacú, pirarucu, jijú, dourado, caparari, pacamon, filhote e surubim.

Pescam com tarrafa, carrapicho, linha com anzol, arco e flecha.

Organização Sócio-Política

As mudanças sócio-culturais são por demais evidentes.

São raros os vestígios de costumes tradicionais tribais.

A escolha do chefe perdeu completamente os antigos e tradicionais mecanismos de ascensão ao poder.

O Tuchaua local exerce a função de chefe pois foi o único no grupo que aceitou o cargo, sendo no entanto subordinado ao Tuchaua da Maloca Araçá.

Não fazem mais as festas e rituais tradicionais, suas danças foram substituídas pelos bailes à moda regional, com sanfona, violão, etc.

Hoje os índios professam o catolicismo. A 3Km da aldeia há uma igrejinha da Missão Consolata, construída em 1967, mas há um ano foi abandonada, não existindo nenhum religioso na área, no momento.

Acervo ISA

Educação

Não há escola na área da maloca, os índios frequentam as escolas das Fazendas próximas.

Não foi possível coletar maiores dados.

Saúde

A assistência de saúde é dada pelo Governo do Território, mas as visitas são raríssimas.

Os medicamentos são adquiridos no comércio de Boa Vista pelos próprios índios.

As doenças mais comuns são: desinteria, febre, gripe e resfriado, anemia por subnutrição e verminose.

O único tipo de imunização recebido pelos índios, segundo informações dos mesmos, foi vacina de T.B.

Terras

Apesar das influências e interferências da sociedade nacional, o uso da terra pelos índios continua sendo comunal.

A relação entre os Wapixána de Guariba e os regionais, ocupantes da área indígena, apresenta-se tensa, com os fazendeiros proibindo o uso da terra pelos índios.

As cercas das fazendas retalham a própria área onde estão localizadas as casas da maloca.

Invasores da Área Indígena

1 - Jaci Souza Cruz	- Fazenda	Paraíso	-	pecuarista
2 - José Ribas	- "	Felicidade	-	"
3 - Cleto Ribas	- "	S.Francisco	-	"
4 - Ana Ribas	- "	Amarela	-	"
5 - Deco Luza	- "	Mangueira	-	"
6 - Antonio Rodrigues	-	-	-	agricultor

Acervo ISA

MALOCA ARAÇÁ

Agricultura

O sistema de plantio utilizado pelos índios é o individual, no entanto algumas vezes as roças pertencem e são cultivadas por um grupo familiar. Para a limpeza das roças o sistema de "adjunta" (mutirão) é o utilizado.

Praticam o sistema de rotação de terras e culturas, de dois em dois anos.

Usam o sistema de culturas consorciadas sendo as mais comuns: arroz, milho, feijão, mandioca, batata, jerimum e melancia.

Os produtos se destinam ao consumo interno e os armazenam nas próprias residências.

Comercializam os excedentes a troco de mantimentos ou dinheiro e reservam grãos das colheitas para os próximos plantios.

Não fazem hortas e cada casa possui pequenos pomares de frutas cítricas, manga, coco, mamão, goiaba, etc.

Rebanhos

Apesar de se localizarem em zona de campo, propícia às atividades criatórias, na realidade os rebanhos são pequenos e não influem ou não ocupam lugar importante no suprimento alimentar ou economia das comunidades indígenas Makuxi-Wapixána, que visitamos.

O rebanho bovino na Maloca Guariba é constituído de 13 cabeças, 35 suínos, equinos 26, e os galináceos apenas 56 cabeças.

Silvicultura

Não comercializam as madeiras da área. As utilizam para construção de casas, cercados e pequenas embarcações (canoas).

Acervo ISA

Madeiras mais comuns: pau-rainha, itaúba, freijó, louro, angico, daroura, carocará, sucupira, e pau d'arco.

Caça

A caça é destinada ao consumo interno e se escasseia de ano para ano na área.

As mais comumentes encontradas: tatu (peba e bola), veados, paca, cutia, capivara, jacaré, quelônios. Caçam com espingardas, utilizando também de arcos e flechas.

As áreas onde a caça é mais abundante e que são mais utilizadas pelos índios estão nas margens do Rio Urubu, Rio Amajari e Cauarani.

Coleta

Coletam frutos utilizados na alimentação como: araçá, jatobá, buriti, taxí, encontrados nos campos em torno da e nas ilhas das nascentes do Igarapé Araçá.

Coletam também fibras com as quais confeccionam artesanato e cobrem casas: inajá, jacitara, tucumã e buriti. São extraídas em qualquer época do ano e colhidas nas pequenas matas que denominam de "ilhas".

As palhas e frutos do buriti nos buritizais do Araçá e Tatu.

Fazem artesanato para o uso diário como: Jamaxin, peneiras e tipiti. O comércio deste artesanato é via de regra intertribal, normalmente vendidos a dinheiro para aqueles que desconhecem como confeccinnar as peças.

Pesca

Se destina ao consumo interno: As espécies mais encontradas são: tucunaré, traíra, piranha, jijú, matrinchão, jandiá, filhote, pescada, pirarucú e pacú.

A pesca no inverno é feita nos igarapés e no verão nos rios e lagos.

Acervo ISA

Pescam no Rio Amajari e no Cauarani e nos Igarapés Urubu, Araçá e Tatu.

Organização Sócio-Política

Como temos afirmado, o tempo que passamos nas aldeias foi extremamente curto, para percebermos o que os índios, ainda, preservam de suas culturas.

A primeira impressão é que, realmente, são crentes pentecostais, mas o sincretismo religioso deve existir com bastante força nesta aldeia, pois foi onde encontramos um espírito de comunidade mais atuante, e uma identificação tribal bem forte.

A Missão Pentecostal está presente na área na pessoa do pastor Máximo Viana da Silva, no entanto o mesmo tinha se retirado da área para ser substituído. Os índios não souberam informar quem o substituiria.

A única assistência que a Missão dá à comunidade é a espiritual, mas todos se dizem crentes, acham a Missão indispensável e o Tuchaua é o substituto do pastor, nas funções religiosas, quando este não está presente.

A escolha do capitão ou Tuchaua é feita através de reunião tribal.

E as lideranças da comunidade são exercidas através do Tuchaua, Senhor Raimundo Neves Tenente; do professor, que é índio, Senhor Arlindo Marques, e o filho do Tuchaua.

Afirmaram que não fazem mais suas festas tradicionais porque se tornaram crentes.

Educação

Na área existe uma escola construída no estilo regional, paredes de adobo, coberta de palha, em bom estado de conservação. Pertence a Secretaria de Educação e Cultura do Território.

Acervo ISA

Segundo o professor há necessidade de construir uma escola maior, pois conta, no momento, com 37 alunos e a tendência é aumentar.

Mobiliário

20 carteiras, 40 cadeiras um armário regularmente conservado. No entanto, não atende às necessidades.

Material

O Didático é suficiente e o Escolar idem, tê dos fornecidos pela Secretaria de Educação.

Merenda Escolar

Fornecida pela Campanha de Alimentação Escolar, a quantidade é exata a qualidade razoável. Recebem 2 cotas por ano.

Pessoal

Docente - O professor é o índio - Arlindo Marques Tenente, fez até a primeira série ginasial. Está contratado pela S.E.C.T desde 1972.

Há necessidade de contratação de outro professor, pois o número de alunos tem aumentado razoavelmente.

Corpo Discente

NÍVEIS	NÚMERO DE ALUNOS		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
1ª	5	18	23
2ª	6	4	10
3ª	2	2	4
4ª	-	-	-
TOTAL	13	24	37

Acervo ISA

A freqüência é bastante regular.

O currículo adotado é o da Secretaria da Educação.

As aulas são dadas em português, somente alguns velhos falam a língua tribal.

Saúde

A assistência de Saúde é dada pela Secretaria de Saúde do Território. Em 77 receberam duas visitas da equipe, que realizou trabalhos de vacinações, tratamento médico e extrações dentárias.

Foram vacinados contra Sarampo e Tuberculose. As doenças mais frequentes na área são: malária, desinteria, tuberculose, verminose, gripe e resfriado, anemia.

Terras

A fixação dos índios na área é bastante antiga, nem os mais velhos do grupo sabem dizer com certeza a época.

O Senhor Januário o mais velho do grupo, com 80 anos, afirmou que seus pais moravam na região e que ele nasceu na Fazenda Wanderley, junto a Serra.

Os descendentes do Senhor Bonifácio, já morto, disseram que o mesmo morou no Canta Galo, na Bacia do Amajari.

Toda a região hoje já ocupada pelas fazendas, foi terra de seus antepassados, que acabaram exprimidos na pequena área que ainda lhes resta.

A relação dos fazendeiros com a comunidade indígena é bastante atritosa. Os fazendeiros proibem o trânsito pelas suas áreas, e os índios ficam sem caminhos que os levem a caça, pesca e coleta.

Invasores da Área

João Sales - Fazenda Brasileira incendiou a casa do índio Abel, pois considera que o índio invade suas terras. Suas

Acervo ISA

terras estão encravadas dentro do título definitivo do Canta Galo.

Flávio Dias - Fazenda União - impede a passagem dos índios, quando estes saem para pescar no Amajari.

Abel de Moura - Sítio Aracaju - faz todo tipo de ameaça ao Senhor Manuel, para que este saia de "suas terras".

Calixto Sales - Fazenda Galileia - seu gado destrói as roças dos índios.

Fazenda de José Campanha vulgo José Niceo - seu gado destrói as roças dos índios.

Fazenda São Luiz - o gado destrói as roças dos índios.

Fradinha - Zuza - explora a madeira das matas dos índios.

Fazenda Sol Nascente no Cauarani.

Fazenda Limoeiro - José Coelho

MALOCA BOQUEIRÃO

Agricultura

Predomina o sistema individual de roças, outras vezes as roças pertencem a um grupo de parentes afins.

A rotação das terras são de dois a três anos, e a de culturas são anuais.

Plantam: arroz, feijão, batata, jerimum, mandioca e milho.

Reservam grãos da colheita para os próximos plantios, e os excedentes, quando existem, são comercializados nas redondezas da área da maloca.

É uma agricultura de subsistência que utiliza de instrumentos agrícolas bastante rudimentares.

Inexiste hortas na aldeia e possuem pequenos pomares dos seguintes frutos: manga, caju, ata, côco, goiaba, mamão, laranja, limão.

Acervo ISA

Rebanhos

Não possuem rebanhos. São raros os animais na maloca, predominando no entanto os equinos, que utilizam para pequenas viagens. São poucas as aves.

Silvicultura

O potencial de madeira na área é muito pequeno, utilizado apenas para construção de residências e cercados.

As espécies mais comuns são: pau rainha, freijó, sucupira, louro, copaiba, pau rôxo, daroura, paricarana, vassourinha.

Algumas vezes extraem o louro, fazem caibros e vendem para os civilizados a 200,00, quarenta peças.

Caça

A caça é destinada somente ao consumo interno. Caçam nas margens do Rio Cauaruau, Rio Cauarani, nos Igarapés Aningal e Javari e nas ilhas do Mutamba.

As espécies mais encontradas são os animais de campo: tatu (bola e peba) veado campeiro e capivara no inverno; animais de mata: veado capoeiro, cutia, paca, capivara.

Os instrumentos utilizados nas caçadas são a zagaia, espingardas, arco e flechas.

Coleta

Coletam matéria prima para confeccionar artesanatos nas ilhas do Araçá, onde é encontrada a fibra do tucumã e do arumã, utilizada para fazer balaio e abano, é a fibra da jacitara e palha do buriti, No lago do Boqueirão, Com a primeira cobrem casas, e com a jacitara confeccionam a darruana , cestas diversas, peneira, tipiti e balaios.

Colhem também frutos silvestres nos campos nas proximidades da maloca.

Acervo ISA

Não fazem artesanatos para venda externa, eles são trocados normalmente dentro da própria aldeia.

Pesca

A pesca é mais ou menos abundante na área. Como em toda região que visitamos no inverno utilizam-se dos igarapés para a pesca e no verão os rios e lagos.

As espécies mais encontradas são: cará, aracú, pacú, pirarucú, curimatã, jaraqui, matrinchão, surubim, pirarara e pirarucu.

Utilizam nas pescarias de linhas e anzóis, tarrafas, carrapichos, arco e flechas.

Pescam nos rios Piranha, Taboca, Maçarico, Aningal e Jauari, nos Boqueirões, Mutamba e Mangueira, nos igarapés Porco e Pium.

Organização Sócio-Política

O Tuchaua atual herdou do pai a liderança do grupo. Qualquer problema na aldeia é discutido entre o Tuchaua, e chefes de famílias da comunidade.

A comunidade é católica e não fazem mais as festas e rituais tradicionais.

Preferem os bailes regionais e raramente dançam a Parixara.

Educação

Possui uma escola de construção tipo regional, paredes de adobe coberta de palha.

Pertence a Secretaria de Educação do Território. Segundo o professor uma escola para a região é insuficiente, há necessidade de construção de um grupo escolar e contratação de mais professores.

O material didático é insuficiente, o escolar suficiente, ambos fornecidos pela Secretaria de Educação.

Acervo ISA

A merenda escolar é fornecida pela Campanha Nacional de Alimentação Escolar. São fornecidas duas cotas por ano, segundo o professor uma parte da merenda vem sempre estragada.

O professor chama-se Fernando Alves Nicácio, tem 2ª série ginasial e foi admitido pela S.E.C.T. em 1974.

Corpo Discente

NÍVEIS	NÚMERO DE ALUNOS		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Pré	2	6	8
1ª	5	4	9
2ª	5	6	11
3ª	5	1	6
TOTAL	17	17	34

Segundo o professor a freqüência principalmente da 1ª série é bastante irregular, mas não soube explicar as causas.

O currículo adotado é o da Secretaria do Território, propostas curriculares da Zona Rural, não é adaptada à cultura indígena.

O calendário escolar, o mesmo para todo o Território.

As aulas são ministradas em português, poucos no grupo falam a língua tribal.

Saúde

A assistência a saúde é dada pela Secretaria de Saúde do Território, através de equipes volantes.

Acervo ISA

A comunidade já foi vacinada contra: sarampo, tuberculose e febre amarela:

As doenças mais comuns na área são: gripe e resfriados, diarréias, verminoses e anemias.

Terras

A relação entre índios e invasores é na maioria das vezes conflituosa.

Os fazendeiros fazem cercas, impedindo a passagem dos índios para as áreas de caça, pesca, e para as próprias roças, que não estão longe da aldeia.

O gado dos fazendeiros invadem e destroem as roças indígenas, rebentando mesmo os cercados das mesmas.

Às margens da BR 174 está localizado um bar residência, o quintal do referido bar coincide com a maloca. Os atritos com este invasor são inúmeros. Trata mal os índios, vende cachaça, explora a mão-de-obra indígena e sonega pagamento, etc.

Fazendas dentro da área indígena

- Fazenda Nova Vida - Jaime Alves dos Reis
- Fazenda Nova Bandeira - Osvaldo Alves dos Reis
- Fazenda São Luiz -
- Fazenda Bonfim - abandonada
- Fazenda Sol Nascente -
- Fazenda Cauarani -
- Fazenda Santo Alberto - Vicente

MALOCA MANGUEIRA

Está próxima e sob a jurisdição da Maloca Boqueirão. Utilizam das mesmas áreas de caça, coleta e pesca. Frequentam a mesma escola.

Proposta para os limites da área

No fundamental a base econômica das comunidades indígenas de Roraima, continua ou mantem-se praticamente inalte

Acervo ISA

rada. Praticam uma agricultura de subsistência e dependem da caça, pesca e coleta, apesar do desenvolvimento da atividade pecuária nas proximidades ou mesmo dentro das aldeias. Esta atividade tem gerado grandes latifúndios sobre as áreas indígenas, roubando e espoliando aquilo que é fundamental para a sobrevivência destas comunidades, a terra.

Os limites propostos para a área indígena, engloba as quatro malocas: Boqueirão, Mangueira, Araçá e Guariba.

Na realidade estes limites já tinham sido definidos na gestão do ex-Delegado, Senhor Carlos Alves.

Em reunião dos Tuchauas e demais representantes das quatro malocas na Aldeia Araçá, só fizeram ratificar os limites da área além de exporem o quanto a área é fundamental para a sobrevivência das comunidades.

Acervo ISA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

MEMORIAL DESCRITIVO

MALOCAS: BOQUEIRÃO, MANGUEIRA, ARAÇÁ E GUARIBA (do Amajari)

Norte - Partindo da confluência do igarapé do Silêncio no rio Cauaruau, desce este rio até o seu cruzamento com a BR-174;

Leste - daí, segue margeando esta BR, rumo geral S, até o seu cruzamento com o igarapé Cauarani ou Cauaranha; daí, desce este igarapé, até a sua confluência com o rio Amajari;

Sul - daí, sobe este rio, até a confluência do igarapé Araçá até a confluência do igarapé do Tatu e por este acima até o limite do título definitivo "Canta Galo", seguindo, rumo geral W, acompanhando o limite norte do referido título, até encontrar o igarapé Guariba; deste ponto, desce o citado igarapé, até a sua confluência com o rio Amajari; sobe este rio até a confluência do igarapé Paraíso;

Oeste - deste ponto, sobe o igarapé Paraíso até a sua cabeceira; daí, segue por uma linha reta e seca, rumo geral NW, até encontrar a cabeceira do igarapé do Silêncio; desce este igarapé, até a sua confluência no rio Cauaruau, ponto de partida deste memorial descritivo.

Acervo ISA

REGIÃO DO AMAJARI

MALOCA ANINGAL

Localização - localizada na Região do Amajari, no município de Boa Vista.

Vias de Acesso - através da via municipal 014 RR, toma-se confluência à esquerda na Fazenda Nova Estrela, daí segue-se em direção à Fazenda Nova Morada, prosseguindo até atingir a Fazenda Retiro. A aldeia localizase próxima.

Histórico da Área

No nosso histórico de ocupação do Território Roraimense, no princípio deste relatório, afirmamos baseados em vários autores, que a região do Rio Uraricoera e Rio Amajari são tradicionalmente indígenas. Portanto, os índios da maloca do Aningal estão no seu habitat natural tradicional.

Todos os índios que resistiram e continuam resistindo a pressão dos fazendeiros, nasceram na área e têm seus antepassados enterrados na região do Aningal.

O cemitério tribal mais tradicional está localizado às margens do Igarapé Arraia, dentro da Fazenda Pau Rainha.

A situação de contato tem sido danosa para este grupo. A ocupação branca é agressiva e esbulhadora. E só o apego ao local de origem mantem a comunidade indígena na região do Aningal.

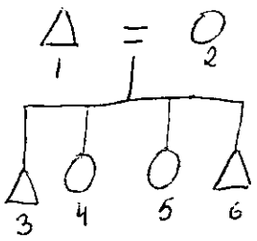
População

Casa 1

1.	Arino Guilherme Torreia	- 36 anos	- Jaricuna
2.	Eliana Torreia	- 24 anos	- Makuxi
3.	Manuel Torreira	- 11 "	- Jaricuna
4.	Jorcilia Torreia	- 6 "	- "

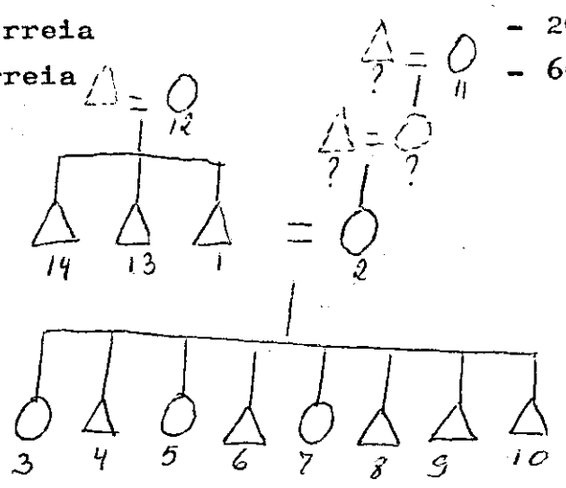
Acervo ISA

5. Jocinete Torreia - 4 anos - Jaricuna
6. Raildo Torreia - 6 meses - "



Casa 2

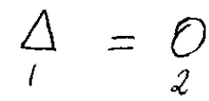
1. Constantino Torreia do Nascimento - 40 anos - Jaricuna
2. Iracy Torreia - 35 " - Makuxi
3. Leide do Nascimento - 16 " - Jaricuna
4. Dimas do Nascimento - 14 " - "
5. Ivaneide do Nascimento - 12 " - "
6. Camilo do Nascimento - 10 " - "
7. Ivete do Nascimento - 6 " - "
8. Edmar do Nascimento - 4 " - "
9. Castelo do Nascimento - 2 " - "
10. Dilcimar do Nascimento - 2 meses - "
11. Anália Benedita - 70 anos - Makuxi
12. Cecília Torreia - 60 " - "
13. Clodomir Torreia - 20 " - "
14. Valcaci Torreia - 60 " - "



Acervo ISA

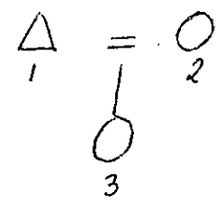
Casa 3

1. Adalberto Bamberg - 55 anos - Wapixána
2. Maria Tereza Bamberg - 65 " - "



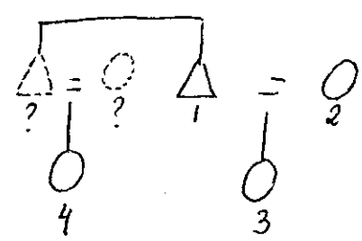
Casa 4

1. Valdomiro Januário da Silva - 50 anos - Wapixána
2. Dalci Januário da Silva - 50 anos - "
3. Gracié Manuel de Souza - 12 " - "



Casa 5

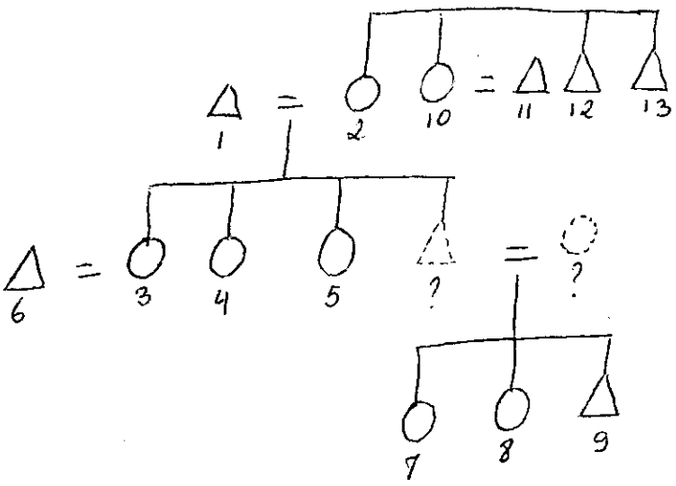
1. Severino Ferreira da Silva - 45 anos - Wapixána
2. Florinda da Silva - 40 " - Makuxi
3. Celilza Ferreira da Silva - 12 " - "
4. Necy Ferreira da Silva - " - "



Acervo ISA

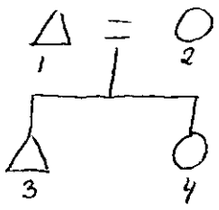
Casa 6

1. Alípio Mesquita da Silva	- 60 anos	-	Wapixána
2. Ana Mesquita da Silva	- 58 "	-	"
3. Arlinda Mesquita da Silva	- 23 "	-	"
4. Rosa Mesquita da Silva	- 9 "	-	"
5. Rosilene Mesquita da Silva	- 2 "	-	"
6. Basílio Costa Pereira	- 22 "	-	Civilizado
7. Iris Castro da Silva	- 10 "	-	Wapixána
8. Elídia Castro da Silva	- 9 "	-	"
9. Anildo Castro da Silva	- 7 "	-	"
10. Laíde Manuel de Souza	- 17 "	-	"
11. Fausto de Souza	- 19 "	-	"
12. Nonato de Souza	- 19 "	-	"
13. Armando de Souza	- 23 "	-	"



Casa 7

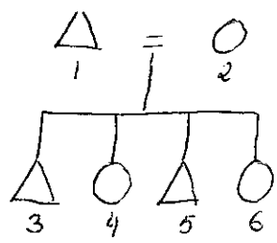
1. Quirino Ferreira da Silva	- 35 anos	-	Wapixána
2. Francisca Ferreira da Silva	- 18 "	-	"
3. Odeir Ferreira da Silva	- 3 "	-	"
4. Cleilza Ferreira da Silva	- 1 ano	-	"



Acervo ISA

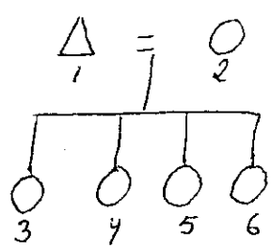
Casa 8

1. Antonio Calixto	- 65 anos	- Makuxi	
2. Almira de Oliveira	- 58 "	- "	
3. Valmir de Oliveira	- 16 "	- "	
4. Ivonice de Oliveira	- 14 "	- "	
5. José Nilton de Oliveira	- 8 "	- "	
6. Valmira de Oliveira	- 5 "	- "	



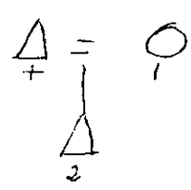
Casa 9

1. Jovito de Oliveira	- 28 anos	- Makuxi	
2. Dalva de Oliveira	- 30 "	- "	
3. Elizete de Oliveira	- 11 "	- "	
4. Elizabete de Oliveira	- 9 "	- "	
5. Elivete de Oliveira	- 4 "	- "	
6. Elivanias de Oliveira	- 1 "	- "	



Casa 10

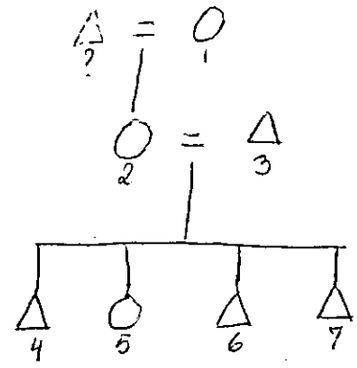
1. Eva de Souza	- 60 anos	- Wapixána
2. Francisco de Souza	- 18 "	- "



Acervo ISA

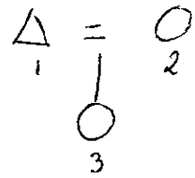
Casa 11

1. Hilda de Oliveira	- 55 anos	-	Makuxi
2. Maria M. Oliveira de Souza	- 24 "	-	"
3. Omar de Souza	- 30 "	-	"
4. Cleudemar de Souza	- 11 "	-	"
5. Enilda de Souza	- 5 "	-	"
6. Canerval de Souza	- 3 "	-	"
7. Enieres de Souza	- 10 meses	-	"



Casa 12

1. Mamede Agosto	- 31 anos	-	Makuxi
2. Maria Rosa Agosto	- 30 "	-	"
3. Dima Agosto	- 6 meses	-	"

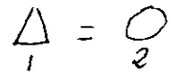


Casa 13

1. Anselmo Ferreira Alencar	- 50 anos	-	Makuxi

Casa 14

1. Manuel Ramísio	- 50 anos	-	Makuxi
2. Gertrudes Remísio	- 48 "	-	"



Acervo ISA

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
0 a 5	7	8	15
6 a 10	3	6	9
11 a 15	3	6	9
16 a 20	6	3	9
21 a 25	2	3	5
26 a 30	2	2	4
31 a 35	2	1	3
36 a 40	2	1	3
41 a 45	1	-	1
46 a 50	3	2	5
51 a 55	1	1	2
56 a 60	1	4	5
61 a +	1	2	3
TOTAL	34	39	73

A população indígena está distribuída em 14 casas de tipo regional, 2 águas, paredes de adobe, cobertas de palha de inajá, e atinge o número de 73 pessoas.

Cinco casas estão concentradas num mesmo local, as 9 restantes estão espalhadas pelas fazendas da região, na área, considerada indígena. São quase todos parentes.

Os que têm suas casas nas fazendas, funcionam normalmente como agregados destas mesmas fazendas.

A população é bastante jovem, e se concentra na faixa etária de 0 a 30 anos.

Agricultura

É uma agricultura de subsistência.

Acervo ISA

As roças são individuais. A rotatividade das terras e culturas normalmente são feitas de dois a três anos, quando então fazem novas derrubadas para novos plantios.

Utilizam do sistema de culturas consorciadas e as mais comuns são de milho, mandioca, feijão, batata e melancia. Não plantam arroz, devido a inexistência de sementes.

Fazem mutirões para limpeza e derrubada das roças.

A produção é muito pequena e nunca há excedentes, destinada apenas ao consumo interno. Nos quintais há pequenos pomares de frutas cítricas, goiaba, côco, manga e ata.

Não fazem hortas.

Rebanhos

Não existem rebanhos na aldeia. Apenas alguns porcos, oito, 3 equinos e pouquíssimas galinhas.

A criação é extensiva, não existe nem currais, nem pocilgas.

Os poucos animais existentes são utilizados para alimentação.

Silvicultura

As madeiras mais comuns na região são: pau rainha itaúba, angico, sucupira, paricarana e freijó.

As espécies são utilizadas para construção de casas e cercados.

O potencial madereiro é bastante reduzido.

Caça

Os tipos de caça mais encontrados na área são: veado capoeiro, queixada, anta, cotia, paca, jabuti, jacaré e tatu.

Ela se destina ao consumo interno.

Acervo ISA

Caçam principalmente nas matas do Igarapé Aningal, no Igarapé Saúva até o Rio Uaricoera.

Não fazem mais as caçadas coletivas, normalmente vão os parentes bem próximos em número de dois ou três.

Coleta

Coletam buriti no buritizal do Aningal.

Nas matas às margens do Igarapé Aningal coletam: tucumã, jatobá, inajá, e arumã.

Da palha do inajá e arumã fazem artesanato como o jamaxin, peneira e tipiti, para consumo interno e pequeno comércio regional.

Consomem também frutos silvestres dos campos circundantes à aldeia.

Pesca

A região é rica em peixes. Mas a pesca é destinada somente ao consumo interno.

Tanto no verão como no inverno pescam nos rios e igarapés.

Os peixes mais comuns: piranha, tucunaré, surubim, pacú, matrinchão, jandiá, pirarara, filhote e dourado.

Área de pesca: Igarapé Aningal, no Furo de Santa Rosa, Igarapé Saúva.

Organização Sócio-Política

Provavelmente tenha sido esta, uma das comunidades onde estão mais manifestos os chamados fatores de alienação abordados por Edson Diniz, no texto "Os Makuxi e os Wapitxâna: Índios Integrados ou Alienados?"

Perderam a autonomia política, seus costumes estão bastante descaracterizados, mas não conseguiram alcançar os padrões da sociedade envolvente.

Acervo ISA

Refugiam portanto, na bebida, nos sentimentos de inferioridade, na submissão à sociedade envolvente.

O Tuchaua do grupo, abandonou a maloca e foi morar em Boa Vista, deixou um representante em seu lugar, Senhor Quirino Ferreira da Silva este está quase sempre bêbado.

Não fazem mais as festas tradicionais, preferem os bailes à moda regional onde a bebida corre a noite toda.

Se dizem católicos.

Os casamentos são intertribais.

Educação

Frequentam a escola da Fazenda Aprazível, que pertence a Secretaria de Educação e Cultura do Território.

Não foi possível coletar dado algum sobre a escola, pois o professor não se encontrava na área.

Saúde

Não recebem qualquer tipo de assistência.

Como a região é bem afastada de Boa Vista, dependem de condução e remédios das fazendas vizinhas.

Doenças mais comuns: gripes, resfriados, verminoses, malária, anemia, diarréias.

Terras

Transcrevemos as palavras textuais do Senhor Quirino, encarregado da Maloca Aningal: "estamos cercados como porcos". Realmente é esta a expressão adequada, pois a cerca das fazendas se entrecruzam nos quintais e frentes das casas da maloca. Não há saída para a população indígena, sobrevivem de teimosos, foi a conclusão a que chegamos.

A situação é lastimável e o alcoolismo é simplesmente o reflexo da condição de abandono e desesperança.

Acervo ISA

Os fazendeiros não permitem que os índios plantem em suas fazendas. Por isto as pequenas roças são bem afastadas da maloca. Plantam em uma ilha na cabeceira de um pequeno Igarapé, afluente da margem esquerda do Igarapé Aningal.

Normalmente são agregados das fazendas, onde recebem míseros salários.

Segundo informações dos índios a população indígena era bem mais numerosa. Mas a situação de contínua opressão por parte dos fazendeiros fez com que muitos abandonassem suas casas, seu local de origem, a procura de melhores condições de vida.

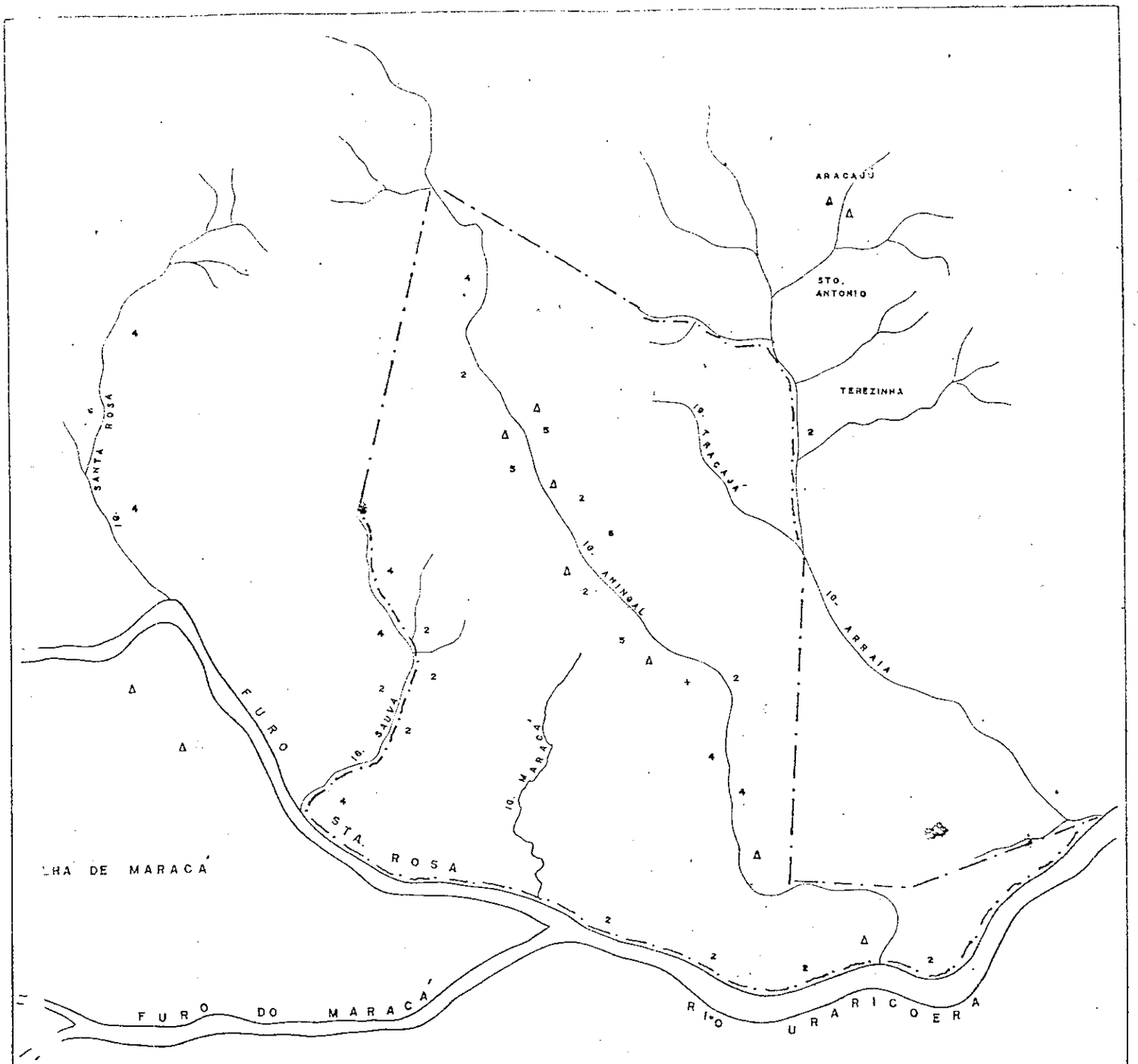
Fazendas invasoras da área indígena

- Pau Rainha - Landi Mendes de Almeida
- Fazenda Aprazível - Alcemi Mota
- Fazenda Retiro - José Ferreira
- Fazenda Santa Rosa - José Ferreira
- Fazenda Santa Terezinha - Alci de Barros
- Sítio Novo -
- Sítio Mangueira -

Proposta para os limites da área

A área que propomos para a maloca Aningal, foi resultante de reuniões que fizemos com a comunidade indígena. Ela atende as necessidades dos índios. Segundo informações dos mesmos, aqueles que se afastaram da área, voltarão, assim que tiverem condições de sobrevivência.

Acervo ISA



ESCALA — 1:125.000

ÁREA APROXIMADA — 15.500Ha

PERÍMETRO APROXIMADO — 70.000m

MI — FUNAI	
ANTE-PROJETO DE DELIMITAÇÃO DE ÁREA INDÍGENA	
TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA	
EQUIPE: EMI, ISA, JUAREZ E ROGER	
DATA: 03/12/77	VISTO:

Acervo ISA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

MEMORIAL DESCRITIVO

MALOCA ANINGAL

Norte - Partindo da bifurcação das cabeceiras do igarapé Aningal, segue por uma linha reta e seca, rumo geral SE, até a cabeceira de um pequeno igarapé sem nome, afluente da margem direita do igarapé Arraia, descendo aquele igarapé, até a sua confluência neste;

Leste - deste ponto, desce o igarapé Arraia até a confluência do igarapé Tracajá; deste ponto, segue por uma linha reta e seca, rumo S, até encontrar o igarapé Aningal; daí, por uma linha reta e seca, rumo geral NE, até a confluência do igarapé Arraia com o rio Urariqoera;

Sul - daí sobe este rio e seu braço conhecido como Furo Santa Rosa, pela margem esquerda, até a confluência do igarapé Saúva;

Oeste - daí, sobe por este igarapé até a sua cabeceira principal; deste ponto, segue por uma linha reta e seca, rumo geral NE, até encontrar a bifurcação das cabeceiras do igarapé Aningal, ponto de partida deste memorial descritivo.

Acervo ISA

REGIÃO DO AMAJARI

MALOCA DO ANANÁS

Localização - Está localizada na região do Rio Amajari, no Município de Boa Vista.

Vias de Acesso - Através da BR-174, posteriormente apanha-se a via Municipal 014-RR, na localidade Três Corações, daí prossegue-se em direção à Vila Garagem, toma-se a via carroçável que conduz à Fazenda Pernambuco, prosseguindo-se sempre em frente até o Rio Ereú, daí aos limites da Fazenda Flores. A aldeia está às margens do Rio Acarí. Dista aproximadamente 170km de Boa Vista.

Histórico Atual

Como em todas às áreas indígenas que permorremos, os antigos mangueirais, frondosos e troncudos, atestam uma presença indígena bem antiga na área.

Os atuais moradores da maloca Ananás, quase todos nascemam na área.

O mais velho habitante, Sr. Cirilo Wanderley, 66 anos, recorda com saudade e nostalgia a passagem pela área do General Rondon. Nos afirmou que Rondon deu aquelas terras para os índios. Ao que nos parece, estas doações feitas por Rondon em Roraima, foram apenas confirmações verbais de que áreas habitados por índios, são de usofruto e posse permanente destes índios e somente deles, pois não conseguimos encontrar nenhum documento de doação das terras indígenas por onde andou.

Senhor Cirilo, ainda afirma que na época da passagem de Rondon, existia somente a Fazenda Acarí na área, e que havia muitas e muitas malocas indígenas espalhadas pela região.

Todas as comunidades indígenas que visitamos, foram unânimes na afirmativa de que muitas famílias indígenas, foram obrigadas a deixarem os seus lugares de origem, pressionadas pe

Acervo ISA

las fazendas.

De fato, hoje, em muitas regiões de Roraima, o que se encontra são pequenas concentrações indígenas, ilhadas em meio à população nacional, confinadas em parcelas mínimas de seus territórios, ou perambulando de um lugar para outro.

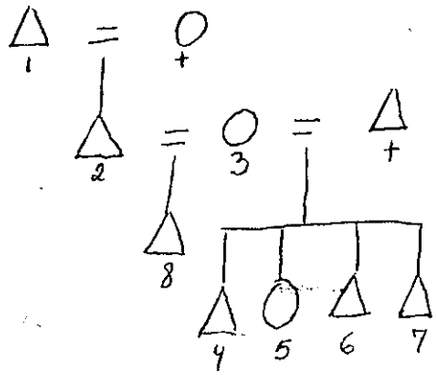
Com amargura seu Cirilo nos disse: "moça, índio não tem mais, nem onde morrer".

O cemitério mais tradicional deste grupo está situado bem em frente a Fazenda Pesqueira.

População

Casa 1

1. Cirilo Wanderley	- 66	anos	- Makuxi
2. Jacinto Wanderley	- 43	"	- "
3. Francisca Souza Wanderley	- 42	"	- civilizada
4. Rubens Vargas	- 12	"	- civilizado
5. Lady Raquel Vargas	- 11	"	- "
6. Aleimar Vargas	- 8	"	- "
7. Raul Vargas	- 5	"	- "
8. Jacymário Wanderley	- 2	"	- Makuxi

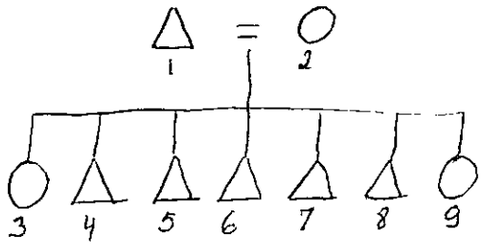


Casa 2

1. Gersino Barros Wanderley	- 30	anos	- Makuxi
2. Odete Tabosa Wanderley	- 30	"	- "
3. Auricélia Tabosa Wanderley	- 9	"	- "
4. Josué Tabosa Wanderley	- 8	"	- "
5. Dorival Tabosa Wanderley	- 7	"	- "
6. Odinei Tabosa Wanderley	- 6	"	- "
7. Adailton Tabosa Wanderley	- 4	"	

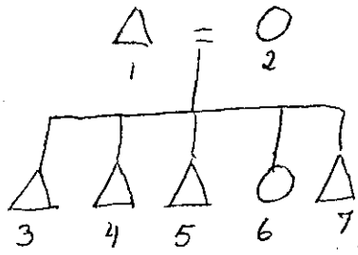
Acervo ISA

8. Josemar Tabosa Wanderley - 2 anos - Makuxi
9. Jeciâleide Tabosa Wanderley - 5 meses - "



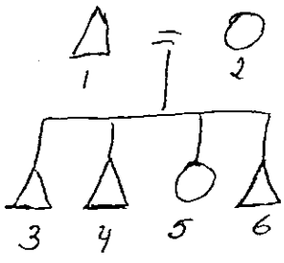
Casa 3

1. Inácio Monteiro - 60 anos - Makuxi
2. Lindima Monteiro - 55 " - "
3. Odulino Monteiro - 22 " - "
4. Avelino Monteiro - 18 " - "
5. Otávio Monteiro - 17 " - "
6. Edma Monteiro - 16 " - "
7. Paulo Monteiro - 14 " - "



Casa 4

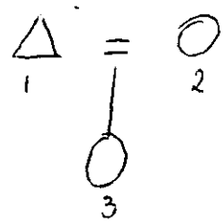
1. Francisco Wanderley - 50 anos - Makuxi
2. Amélia Tabosa Wanderley - 45 " - "
3. Hildebrando Tabosa Wanderley - 29 " - "
4. Cristiano Tabosa Wanderley - 26 " - "
5. Carmélia Tabosa Wanderley - 25 " - "
6. Hélio Tabosa Wanderley - 17 " - "



Acervo ISA

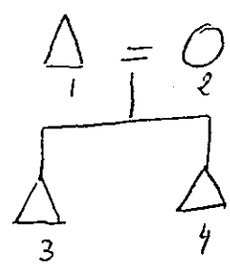
Casa 5

1. Francisco Rodrigues da Silva	- 28 anos	-	Wapixána
2. Marlene Laranjeira da Silva	- 34 "	-	"
3. Francimar da Silva	- 2 "	-	"



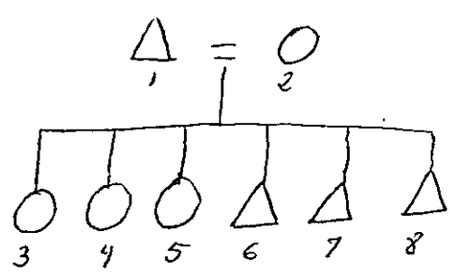
Casa 6

1. Francisco Amâncio Rodrigues	- 63 anos	-	Wapixána
2. Isabel Amâncio Rodrigues	- 58 "	-	"
3. Pedro Amâncio Rodrigues	- 23 "	-	"
4. Jorge Amâncio Rodrigues	- 10 "	-	"



Casa 7

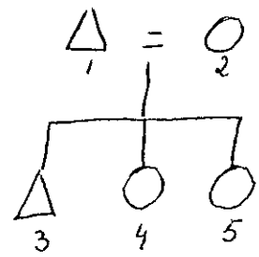
1. Nestor Alves	- 66 anos	-	Wapixána
2. Francisca Cândida Alves	- 45 "	-	"
3. Hilda Alves	- 17 "	-	"
4. Nilda Alves	- 14 "	-	"
5. Aldenora Alves	- 11 "	-	"
6. Júlio Alves	- 8 "	-	"
7. Jackson Alves	- 6 "	-	"
8. Cláudio Alves	- 2 "	-	"



Acervo ISA

Casa 8

1. Luiz José de Souza	- 28 anos	- civilizado
2. Carmélia Tabosa	- 24 "	- Wapixána
3. Fredison de Souza	- 6 "	- "
4. Luzinete de Souza	- 4 "	- "
5. Suaní Patrícia de Souza	- 2 "	- "



MALOCA ANANÁS

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
0 a 5	5	4	9
6 a 10	8	1	9
11 a 15	1	3	4
16 a 20	4	2	6
21 a 25	2	2	4
26 a 30	5	1	6
31 a 35	-	1	1
36 a 40	-	-	-
41 a 45	1	3	4
46 a 50	1	-	1
51 a 55	-	1	1
56 a 60	1	1	2
60 a +	3	-	3
TOTAL	31	19	50

Acervo ISA

A população é composta de 50 pessoas, distribuída em 8 casas de tipo regional, duas águas, paredes de adobe cobertas de palha de buriti ou inajá.

A população é bastante jovem, pois se concentra na faixa etária de 0 a 30 anos. Seria mais numerosa ainda se não fosse a saída dos jovens para se agregarem nas fazendas, ou a procura de empregos nas áreas de garimpo e em Boa Vista.

Agricultura

O sistema de roças é individual, cada família nuclear cuida de suas respectivas culturas.

De dois em dois anos fazem a rotatividade das terras e culturas.

É uma agricultura bastante incipiente onde não há excedentes para venda. As ferramentas utilizadas são as mais precárias possíveis, por isto apenas fazem queimadas e serviços de capina.

Utilizam do sistema de "adjunta" ou mutirão para limpeza e derrubada das roças.

As culturas são consorciadas e as mais cultivadas são: milho, mandioca, arroz, feijão, batata, jerimum, cará e cana de açúcar.

Não fazem hortas, mas possuem pequenos pomares de frutas cítricas, côco, goiaba, manga, ata e cajú.

As roças são feitas às margens do Rio Acarí.

Rebanho

O Senhor Jacinto Wanderley possui 40 cabeças de gado bovino, utilizado para produção de leite.

Na maloca existe ainda 40 suínos, distribuídos entre as 8 famílias e que servem como alimento.

Há pequenas criações de galináceos e 10 equinos.

Acervo ISA

Silvicultura

O potencial madereiro da área é bem pobre. Utilizam das poucas espécies como: limãozinho, maria preta, macaúba, pau d'arco e cedro para construções residenciais e cercados.

Destinam-se somente ao consumo interno.

Caça

A caça é destinada ao consumo interno.

As mais encontradas na área são: veados (campeiro e capoeiro) anta, queixada, capivara, tatu de várias espécies, caititu, quelônios, patos, marrecos.

Caçam nos campos em torno da aldeia, na margem esquerda do Igarapé Aramaxin e nas matas do outro lado do rio Acarí.

Coleta

Coletam vários frutos silvestres como o côco do tucumã, cajú, bacaba e côco de buriti nas matas gerais e nos campos em torno da aldeia.

As fibras do Arumã e Jacitara também nas chamadas matas gerais. Utilizam destas fibras para fabricação de artesanatos como: jamaxim, peneira, tipiti, balaio. Somente 2 pessoas na aldeia fazem os artesanatos, geralmente atendendo a encomendas de civilizados ou dos próprios índios.

Colhem também as palhas de buriti e jacitara, utilizadas para fabricação de telhados, nos campos da Fazenda do Dr. Nilton Tavares e nos campos que contornam as casas da maloca.

Pesca

Normalmente pescam o ano todo. No inverno dão preferência a pesca nos Igarapés e no verão, nos rios.

As espécies mais comuns são: pacu, piranha, tucunaré, pirandirá, matrinchão, curimatã, pirarara, pacamon e filhote.

Acervo ISA

Pescam com anzol e linha e tarrafa. Os locais onde a pesca é mais abundante são nos rios Amajari e Acari e no igarapé Aramaxin.

Organização Sócio-Política

Apesar de viverem ainda aldeiados, as ações do grupo são muito mais individualistas que comunitárias. Não têm mais nenhum sistema de chefia. Se dizem católicos e não preservam quaisquer festas ou ritos tradicionais.

São unidos pelos laços de parentesco, com características mais nacionais que indígenas.

Educação

Não existe escola dentro da área. As poucas crianças do grupo que frequentam aulas vão à escola da Fazenda Acari ou da Fazenda Pesqueira.

Somente 4 pessoas no grupo falam a língua indígena.

Saúde

Receberam somente uma vez, no ano de 1976, a visita da Equipe Volante de Saúde do território.

A equipe efetuou vacinações contra sarampo e BCG.

As doenças mais comuns são: malária, gripe e resfriado, verminose e diarréias.

Terras

Os índios desta área, com algumas exceções, não queixaram em demasia das invasões em suas áreas. Este fato é facilmente explicado, pois dependem muito das fazendas, tanto no que diz respeito a condução para deslocamentos até Boa Vista, ou qualquer outro lugarejo. Troca, compra ou venda de mantimentos e outros artigos, como remédios.

Acervo ISA

As escolas estão somente localizadas nas Fazendas, logo se faz necessário um bom relacionamento mesmo tendo como conseqüência a perda, cada vez mais de suas terras.

No entanto afirmaram que o Senhor Antonio Gonçalves da Fazenda Curitiba está sempre criando atritos e problemas, se por qualquer motivo (caça, coleta, pesca, etc.), os índios passam por suas terras.

Invasores da Área Indígena

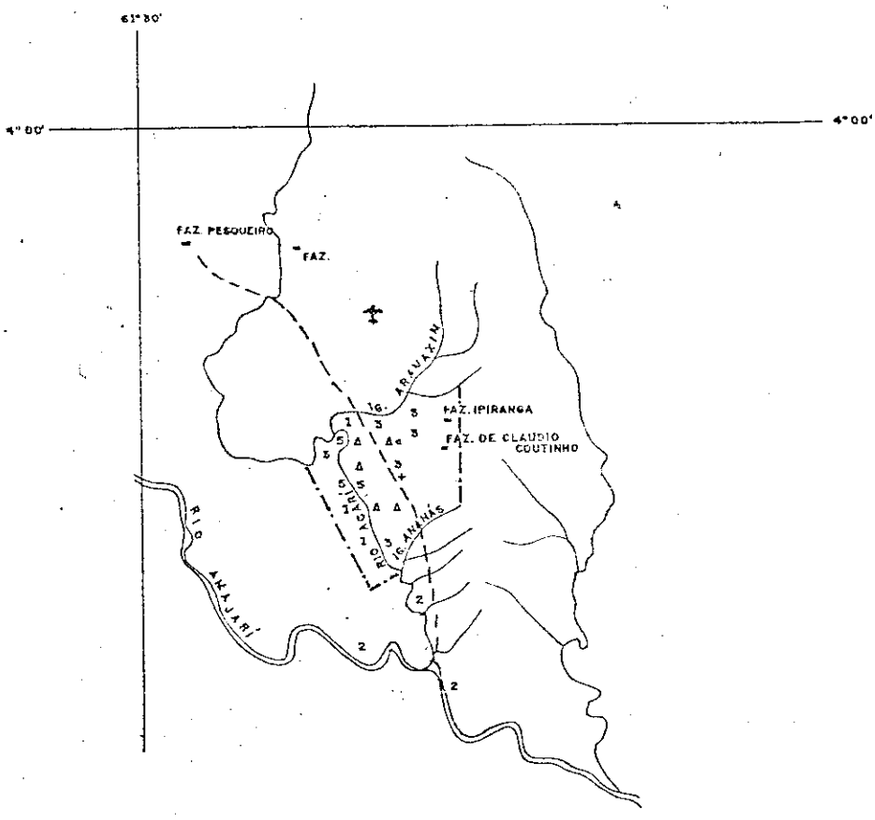
- Nilton Tavares - Fazenda Flores
- Cleber Coutinho - " Ipiranga
- Antonio Gonçalves dos Anjos - Fazenda Curitiba
- Cláudio Coutinho

Proposta para os limites da área

A área em anexo, resultou de consenso grupal. Segundo os índios ela atende as necessidades presentes e futuras, pois abrange as terras que utilizam para caça, pesca, coleta e suas pequenas atividades agro-pastoris.

É pensamento do grupo, assim que a área for definida, aumentar a atividade pastoril.

Acervo ISA



1- M. PRIMA
2- PESCA
3- CAÇA
4- C. ALIMENTO
5- ROÇAS
+ CEMITÉRIO
Δ MALOCA

ESCALA — 1:125.000

ÁREA APROXIMADA — 600Ha

PERÍMETRO APROXIMADO — 10.000m

MI - FUNAI
ANTE-PROJETO DE DELIMITAÇÃO DE ÁREA INDÍGENA
TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA
EQUIPE: ENI, ISA, JUAREZ E ROGER
DATA: 02/12/77 — VISTO:

Acervo ISA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

MEMORIAL DESCRITIVO

MALOCA ANANÁS

Norte - Partindo da confluência do igarapé Aramaxim no rio Acari, sobe aquele igarapé até encontrar a confluência de um igarapé sem nome, seu afluente da margem direita, pelo qual sobe 2 Km;

Leste - deste ponto, segue por uma linha reta e seca, rumo geral S., até encontrar a cabeceira do igarapé Ananás;

Sul - daí, desce este igarapé, até a sua confluência no rio Acari, de onde segue por uma linha reta e seca de 1 Km, rumo geral SW;

Oeste - deste ponto, segue por uma linha reta e seca, rumo geral NW, até encontrar o rio Acari, daí, desce este rio até a confluência do igarapé Aramaxim, ponto de partida deste memorial descritivo.

Acervo ISA

MALOCAS CAJUEIRO E JUAZEIRO

Localização - estão localizadas na região do Rio Amajari, Município de Boa Vista.

Vias de acesso - através da BR 174 até o Km 100. Após, toma-se a via Municipal 014 RR, prosseguindo-se em direção a Vila Garage, até atingir os limites da Fazenda Campina . A aldeia está situada próxima à Fazenda.

Histórico da Área

D. Jesuína, 65 anos, a mais velha, atualmente, no grupo, nasceu na região.

Afirma que seu pai, já morto e enterrado no cemitério indígena na fazenda Campina , também nasceu na maloca Cajueiro.

D. Jesuína diz que quando era pequena, não existia nenhum fazendeiro nas área, "as terras era só de "cabôco"".

Aos poucos foram chegando e ocupando as terras dos índios, confinando-os, hoje, no restrito local das malocas.

Há reminiscências indígenas até o Rio Amajari, se espalhando por uma extensa região. A mais comum entre estas reminiscências são antigos mangueiras.

Os parentes mais antigos dos atuais habitantes da área, estão quase todos enterrados no cemitério da Fazenda Campina.

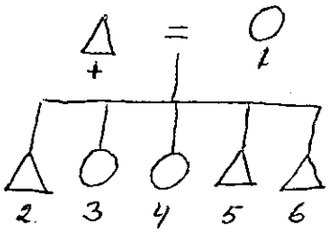
Acervo ISA

POPULAÇÃO

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
0 a 5	4	5	9
6 a 10	5	3	8
11 a 15	1	3	4
16 a 20	3	2	5
21 a 25	2	3	5
26 a 30	-	3	3
31 a 35	-	1	1
36 a 40	3	-	3
41 a 45	1	-	1
46 a 50	-	-	-
51 a 55	-	-	-
56 a 60	1	-	1
61 a +	-	1	1
TOTAL	20	21	41

Casa 1

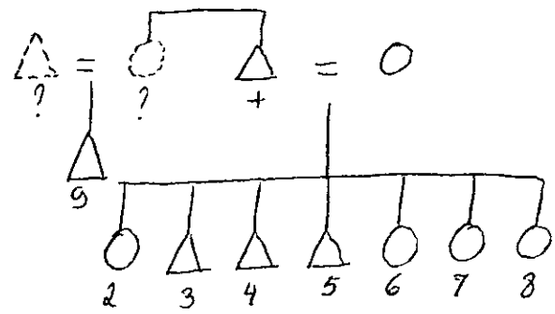
1. Jesuína da Silva Crispin - 65 anos - Makuxi
2. Evangelista da Silva Crispin - 40 " - "
3. Anália da Silva Crispin - 28 " - "
4. Civilda da Silva Crispin - 25 " - "
5. Emílio da Silva Crispin - 23 " - "
6. Lino da Silva Crispin - 18 " - "



Acervo ISA

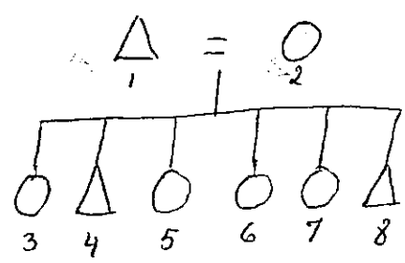
Casa 2

1. Tacila Crispin Braga da Silva	- 45 anos	- Makuxi
2. Terezinha Cândido da Silva	- 23 "	- "
3. Geraldo Cândido da Silva	- 18 "	- "
4. Heraldo Cândido da Silva	- 17 "	- "
5. Mário Paulino Cândido da Silva	- 13 "	- "
6. Edaildes Cândido da Silva	- 12 "	- "
7. Ezaildes Cândido da Silva	- 10 "	- "
8. Elzenildes Cândido da Silva	- 4 "	- "
9. Ivaldo Coelho da Silva	- 23 "	- "



Casa 3

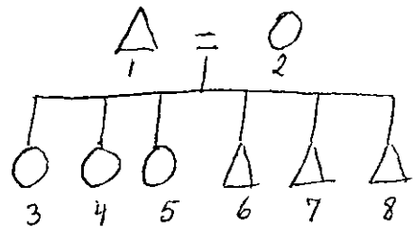
1. Sebastião Pereira de Araújo	- 36 anos	- Civilizado
2. Iracilda Pereira de Araújo	- 28 "	- Makuxi
3. Cedênio Pereira de Araújo	- 9 "	- "
4. Saíra Pereira de Araújo	- 8 "	- "
5. Saraila Pereira de Araújo	- 7 "	- "
6. Ceilamar Pereira de Araújo	- 5 "	- "
7. Neilamar Pereira de Araújo	- 4 "	- "
8. Antonio Pereira de Araújo	- 1 ano	- "



Acervo ISA

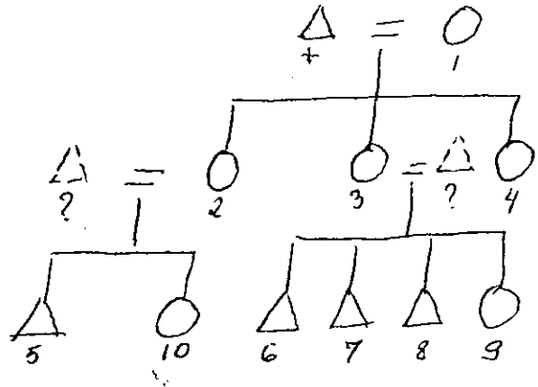
Casa 4

1. Mário Leal	- 36 anos	- Makuxi	
2. Maria Leal	- 35 "	- "	
3. Celina Leal	- 16 "	- "	
4. Celilza Leal	- 14 "	- "	
5. Dilza Leal	- 12 "	- "	
6. Celino Leal	- 9 "	- "	
7. Nildo Leal	- 7 "	- "	
8. Raildo Leal	- 4 "	- "	



Casa 5

1. Porcina Crispin	- 60 anos	- Taurepang
2. Francisca Crispin	- 27 "	- Wapixána
3. Hilma Crispin	- 22 "	- "
4. Zilma Crispin	- 19 "	- "
5. Jadésio Pereira da Silva	- 7 "	- "
6. Leonílio Filho	- 6 "	- "
7. Leóne Alves Peixoto	- 5 "	- "
8. Leocardo Alves Peixoto	- 2 "	- "
9. Leocádia Alves Peixoto	- 1,2 anos	- "
10. Mª Perpétua Socorro Crispin	- 1 ano	- "



Acervo ISA

A população atinge a 41 pessoas, distribuídas em em 5 casas.

Está concentrada na faixa etária de 0 a 30 anos.

Os jovens acima de 15 anos, todos trabalham como agregados das fazendas vizinhas, muitos só retornam à aldeia nos fins de semana.

As casas são de tipo regional, 2 águas, paredes de adobe, cobertas de palha de inajá ou buriti e são bastante dispersas.

Agricultura

As roças são bastante incipientes, normalmente cuidadas pelas mulheres, uma vez que os homens saem da área a procura de empregos nas fazendas.

São individuais e as rotações de terras e culturas são praticadas, mais ou menos, de dois em dois anos.

As culturas são consorciadas e as mais comuns são as de milho, mandioca, arroz, batata, cana de açucar, jerimum e feijão.

Não existem roças coletivas mas funciona o sistema de "adjunta" (mutirão) para serviços de limpeza e derrubada.

Reservam grãos para os próximos plantios, guardados nas próprias residências.

Não existem hortas, mas possuem pequenos pomares de frutas cítricas, cajá, manga, goiaba, ata, graviola e côco.

Rebanhos

Não existe rebanho bovino na área.

Criam para subsistência suínos, possuem 9 cabeças e aves como galinhas 35, patos 11 e picotes 14. Possuem também equinos, num total de 22 cabeças.

O regime de criação é o extensivo

Acervo ISA

Silvicultura

As espécies de madeira mais comuns na área são: pau-rainha, freijó, itaúba, macaúba, angicó, pau d'arco, paricarana e limãozinho.

O potencial madeireiro é bastante fraco.

Utilizam da madeira somente para construções de residências e cercados.

Caça

A caça tem, segundo os índios, desaparecido da região.

No entanto ainda conseguem caçar alguns animais como: veados (campeiro e capoeiro), paca, cotia, tatu (peba e bola), jabuti, queixada, capivara e aves: mutum, marreco, pato, etc.

Utilizada somente para consumo interno.

Caçam nas matas do Igarapé Forquilha, no Amajari, no Cauaruaã, nas ilhas de Matas, principalmente na ilha Grande.

Coleta

Coletam frutos, utilizados na alimentação de pessoas e animais e com os quais fazem, também, bebidas. Estes frutos são coletados nos campos que circundam a aldeia e nas ilhas de Matas, ilha Grande, situada entre a Maloca Cajueiro e a Juazeiro.

Extraem também matéria prima como fibra de jacitara, palha de buriti e inajá, mas margens do Igarapé do Fundo.

Utilizam das fibras para fabricação de peneiras, para consumo interno. E das palhas, para cobertura de residências.

Pesca

A pesca é somente utilizada para o consumo interno.

Acervo ISA

No período de inverno pescam nos igarapés e no verão, nos rios e lagos.

As espécies mais encontradas na região são: tucunaré, surubim, pacu, piranha, matrinchão, curimatã, jandiá, pacamon e pirarara.

Pescam com anzol, malhadol e tarrafa nos seguintes locais: Igarapé Forquilha, Rio Amajari e Rio Cauaruaú.

Organização Sócio-Política

O grupo está bastante desarticulado quanto as tradições tribais. Não possuem mais nenhum sistema de chefia. Não fazem mais as festas tradicionais.

No entanto, os casamentos, com raras exeeções, são intertribais.

A população se diz católica.

Educação

Não há escola na área indígena.

Apenas 8 pessoas da maloca frequentam aulas na escola da Fazenda Campina.

Apenas dois índios falam a língua de origem.

Saúde

A comunidade nunca recebeu qualquer tipo de assistência de saúde.

As doenças mais comuns são: gripes, verminoses, malárias, desinterias.

Recorrem as fazendas ou a Boa Vista no caso de doenças mais graves e para compra de medicamentos.

Terras

A área só não se torna extremamente conflituosa, por falta de condições da comunidade indígena para enfrentar as fazendas.

Acervo ISA

O roubo e a exploração das terras indígenas, c garam a tal ponto que muitas famílias já deixaram a área, expulsos pelos fazendeiros.

Caso ainda comentado e que deixou a comunidade bastante revoltada, foi o assassinato do Sr. Romeu Crispin da Silva, marido de D. Jesuína.

O índio Romeu Crispin foi assassinado a sangue frio pelo Fazendeiro Leôncio Teles da Silva, vulgo Leó, pecuarista e dono da Fazenda Liberdade.

Ele atocaiou e matou o referido índio, quando este pela manhã estava indo para o trabalho. Acusava o índio de estar construindo uma nova casa em sua fazenda. É bom ressaltar, que a cerca da fazenda do Sr. Leó, passa dentro ou recorta a área da maloca, separando umas casas das outras.

Segundo os índios o Sr. Léo está impune até hoje e não será julgado, pois é tio de um funcionário da FUNAI em Roraima, Sr. Sérgio.

Outro caso recente, foi a expulsão da área indígena do Sr. Sebastião Pereira de Araújo e família, pelo fazendeiro Leônidas. Estão atualmente morando na Vila Garagem.

Portanto, o Sr. Leônidas, além de assassina, vive provocando e molestando a comunidade indígena.

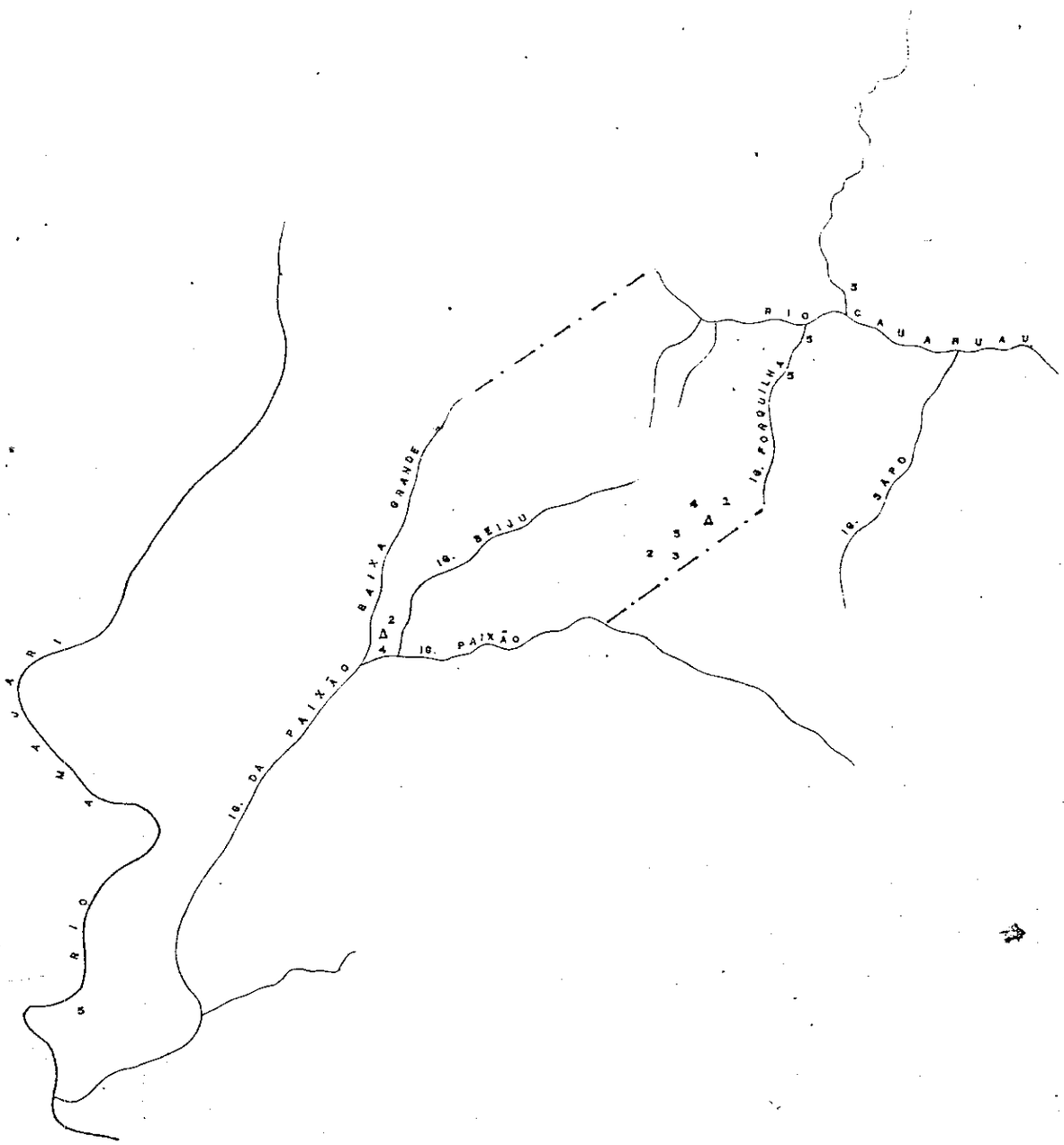
Fazendas Invasoras

Fazenda Liberdade - Leôncio (Leó) Teles da Silva
" Campina - José Almeida
" Guarani - Leontino

Proposta para os limites da área

A área em anexo, foi a solicitada pela comunidade. Considerada bastante satisfatória pelos índios, pois segundo os mesmos, ela atende às suas necessidades. Esperam que com a demarcação de suas terras, muitas famílias, expulsas da área pelos fazendeiros, voltem.

Acervo ISA



1-M.PRIMA
2-CAÇA
3-COLETA
4-ROÇA
5-PESCA,
+ CEMITÉRIO
Δ MALOCA

ESCALA—1:125.000

ÁREA APROXIMADA—3.700Ha

PERÍMETRO APROXIMADO—25.000m

MI - FUNAI	
ANTE-PROJETO DE DELIMITAÇÃO DE ÁREA INDÍGENA	
TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA	
EQUIPE: ENI, ISÂ, JUAREZ E ROGER	
DATA: 03/12/77	VISTO:

Acervo ISA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

MEMORIAL DESCRITIVO

MALOCAS CAJUEIRO E JUAZEIRO

Leste - Partindo da confluência do igarapé Forquilha com o rio Caraurau, sobe aquele igarapé, limite da Fazenda Campina, até a sua cabeceira;

Sul - Deste ponto, segue por uma linha reta e seca, rumo geral SW, até encontrar o igarapé Paixão; por este abaixo até a confluência do igarapé Baixa Grande;

Oeste - Por este igarapé acima até sua cabeceira;

Norte - Deste ponto, segue por uma linha reta e seca, rumo geral NE, até encontrar o rio Caraurau; por este abaixo, até a confluência do igarapé Forquilha, ponto de partida deste memorial descritivo.

Acervo ISA

MALOCA ERÊU OU SANTA INÊS OU ENSEADA GRANDE

Localização - Região do Rio Erêu, município de Boa Vista, situada a 175 Km de Boa Vista.

Vias de Acesso - BR-174, toma-se a esquerda no Km , via marginal. A maloca se encontra frente à Serra Grande.

Histórico da Área

Sr. Bento, o morador mais antigo da maloca Erêu, 73 anos, chegou há mais de 50 anos na região do Parimé.

Logo, logo, com as invasões e ocupação da dita região, mudou-se com a família para o lado do Rio Erêu, na localidade que até hoje se encontra.

Segundo o Sr. Bento, da ponta da Serra Santa Inez até a atual fazenda Camaleão, estava toda a região coalhada de malocas indígenas.

Os vestígios de antigas malocas, como igaçabas, panelas velhas, taperas, se espalhavam por uma região tão extensa, "que a vista não alcançava".

Quando o Sr. Bento chegou no local, não existia nenhum habitante branco. O único fazendeiro, era o Sr. Alcides Lima que ocupava do outro lado do Parimé. Mas quando este Senhor vendeu suas terras, englobou nelas, para venda, a região do Erêu, onde os índios habitavam e até hoje habitam.

Acervo ISA

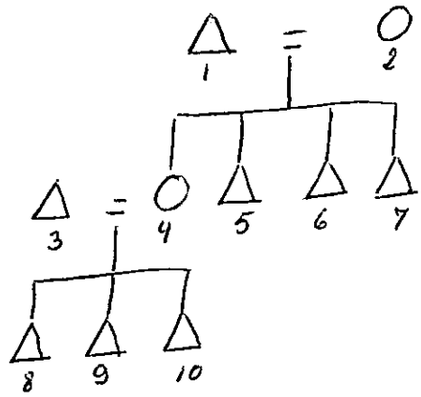
POPULAÇÃO

FAIXA ETÁRIA	SEXO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
0 a 5	10	4	14
6 a 10	5	8	13
11 a 15	4	3	7
16 a 20	2	1	3
21 a 25	1	3	4
26 a 30	4	3	7
31 a 35	1	1	2
36 a 40	-	-	-
41 a 45	-	2	2
46 a 50	1	1	2
51 a 55	2	-	2
56 a 60	1	1	2
60 a +	1	-	1
TOTAL	32	27	59

Casa 1

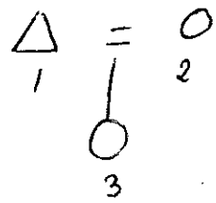
1. Francisco Bento Sabino - 73 anos - Taurepang
2. Rita Sabino de Oliveira - 60 " - Wapixána
3. Anibal Aguiar da Silva - 24 " - Civilizado
4. Hilda Sabino de Oliveira - 19 " - Wapixána
5. Bento Sabino de Oliveira - 12 " - "
6. Anildo Sabino de Oliveira - 8 " - "
7. Ivanilda Sabino de Oliveira - 6 " - "
8. Warlem Sabino de Oliveira - 3 " - "
9. Ademilson Sabino de Oliveira - 1 ano - "
10. —— Sabino de Oliveira - 1 mês - "

Acervo ISA



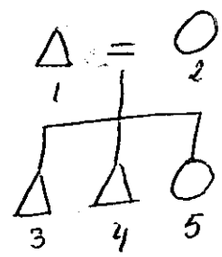
Casa 2

1. Agenor Rodrigues - 29 anos - Wapixána
2. Anita Sabino de Oliveira - 22 " - "
3. Valanei S. de Oliveira - 1 ano - "



Casa 3

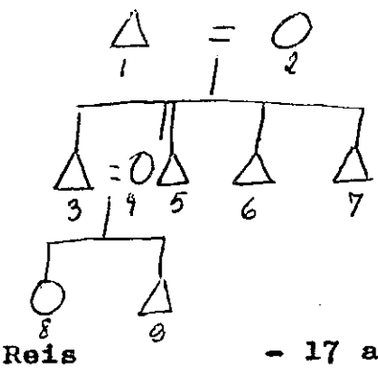
1. Lázaro Manuel Alves - 26 anos - Wapixána
2. Civilda Lopes da Silva - 30 " - "
3. Arlindo Lopes da Silva - 9 " - "
4. Venildo Lopes da Silva - 4 " - "
5. Elizabete Lopes da Silva - 1 " - "



Acervo ISA

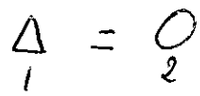
Casa 4

1. Alonso Oliveira Franco	- 58	anos	- Makuxi
2. Adelta Oliveira Franco	- 50	"	- "
3. Anilton Oliveira Franco	- 27	"	- "
4. Maria Rodrigues Franco	- 30	"	- Civilizada
5. Raimunda Oliveira Franco	- 20	"	- Makuxi
6. Adelton Oliveira Franco	- 16	"	- "
7. Ailton Oliveira Franco	- 12	"	- "
8. Adeildes Oliveira Franco	- 6	"	- "
9. Rodrigues Oliveira Franco	- 3	"	- "



Casa 5

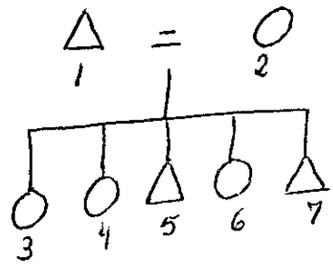
1. Arlindo Gama Reis	- 17	anos	- Civilizado
2. Ademildes Oliveira Franco	- 25	"	- Makuxi



Casa 6

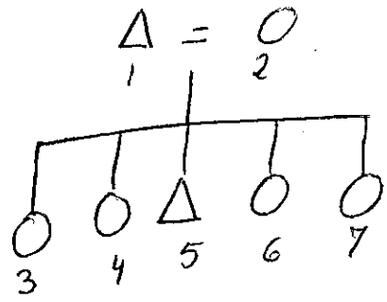
1. Moisés Soares dos Santos	- 52	anos	- Wapixána
2. Julieta Soares dos Santos	- 45	"	- Makúxi
3. Francisca Soares dos Santos	- 21	"	- Wapixána
4. Sebastiana Soares dos Santos	- 13	"	- "
5. Josemar Soares dos Santos	- 10	"	- "
6. Maria Soares dos Santos	- 7	"	- "
7. Marinaldo Soares dos Santos	- 1	ano	- "

Acervo ISA



Casa 7

1. Valdir Alcântara	- 35 anos	- Wapixána
2. Edna Alcântara	- 28 "	- "
3. Ednelza Alcântara	- 12 "	- "
4. Francisca Alcântara	- 10 "	- "
5. Valdo Alcântara	- 7 "	- "
6. Edilza Alcântara	- 4 "	- "
7. Edinilza Alcântara	- 2 "	- "

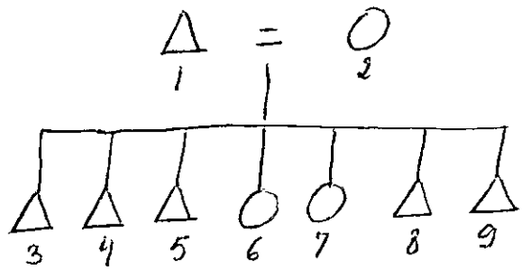


Casa 8

1. Caetano Lima Monteiro	- 50 anos	- Wapixána
2. Maria Rosa de Lima	- 45 "	- "
3. José Luiz de Lima	- 19 "	- "
4. Zélio de Lima	- 15 "	- "
5. Zenito Lima Monteiro	- 12 "	- "
6. Maria Izabel Lima Monteiro	- 10 "	- "
7. Elizabeth Lima Monteiro	- 8 "	- "

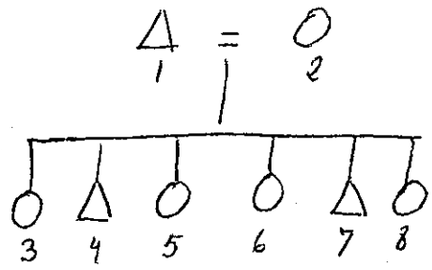
Acervo ISA

8. Elmar Lima Monteiro	- 5 anos	- Wapixána
9. Júnior Lima Monteiro	- 3 "	- "



Casa 9

1. Manuel Gomes de Lima	- 52 anos	- Civilizado
2. Edna Gomes de Lima	- 32 "	- Makuxi
3. Francisca Gomes de Lima	- 12 "	- "
4. José Gomes de Lima	- 10 "	- "
5. Maria Helena Gomes de Lima	- 9 "	- "
6. Marilene Gomes de Lima	- 6 "	- "
7. João Gomes de Lima	- 4 "	- "
8. Maria Inez Gomes de Lima	- 1 ano	- "



A população soma 59 pessoas, distribuída em 9 casas.

As casas são bastante dispersas, do tipo regional, 2 águas, paredes de taipa, cobertas de palha de buriti. Todas localizadas mais ou menos próximas ao Rio Erêu.

A população é mais ou menos fixa.

Acervo ISA

São poucos os que trabalham como agregados nas fazendas.

Agricultura

As roças são individuais, cuidadas pelos parentes afins ou família nuclear.

De dois em dois anos fazem a rotação das terras e culturas.

As culturas são normalmente consorciadas e as mais plantadas são: arroz, milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar, batata e jerimum.

Apesar de não existir as roças coletivas, praticam o sistema de "adjunta", mutirão, para limpeza e derrubada das roças.

A produção é a nível de subsistência; quando há excedentes comercializam a trôco de víveres e/ou dinheiro.

Armazenam grãos nas próprias residências, para os próximos plantios.

Não existem hortas mas têm pequenos pomares de frutas cítricas: mamão, côco, goiaba, ata, manga, cajú, etc.

Rebanhos

Não existe rebanho bovino na comunidade.

Possuem apenas 9 cabeças de suínos. Cada casa tem uma pequena criação de aves, que atinge a 127 cabeças.

Algumas malocas têm equinos, 11 no total, utilizados nas roças ou para transporte.

Silvicultura

As espécies de madeira mais comuns na região são: angico, daroura, itaúba, paricarana, macaúba, marimari, caracará.

Acervo ISA

Abatem a madeira com a finalidade de uso interno, construções de residências, cercados e pequenas embarcações, e não a comercializam.

Caça

Caçam principalmente nas matas que margeiam o Rio Erêu até o Igarapé Japinim.

Utilizam espingardas nas caçadas e os animais mais comuns na região são: anta, queixada, veado (campeiro e capeeiro) tatu (bola, peba e canastra), cotia, paca, caititu, jabuti, e alguns pássaros: pato, marreco, mutum, jacú, jacamim, etc.

Como em todas as áreas, estes índios também queixaram do escasseamento da caça, devido aos desmatamentos para criação de gado.

A caça se destina, somente, ao consumo interno.

Coleta

Os índios coletam, principalmente, frutos silvestres, utilizados na alimentação de pessoas e animais. Os frutos preferidos são: bacaba, açaí, patauá, côco de buriti, cajá, etc. São encontrados nos campos que circundam a aldeia e nas matas do Rio Erêu.

Tanto na margem esquerda como direita do Erêu, coletam matéria prima, fibra de jacitara palha de aumã e buriti, as duas primeiras utilizadas para fabricação de artesanato: jamaxin, peneira, tipiti, balaio. Da palha de buriti cobrem casas.

Somente o Sr. Bento faz os artesanatos citados acima. E os faz quando índios ou civilizados os encomendam.

Pesca

A pesca é praticada tanto no inverno quanto no verão. No inverno pescam nos igarapés Japinim, Aipurá e igarapé

Acervo ISA

Grande. No verão caçam nos rios, lagos e também nos igarapés, preferem, principalmente o rio Erêu pois o consideram bem piscoso.

Espécies mais comuns: matrinchão, pacu, surubim, piranha, tucunaré, pirarara, pacamon, traíra e sardinha.

A pesca é utilizada somente para consumo interno e os materiais mais empregados nas pescarias são: anzol, linha, carrapicho, galão, arrastão, arco e flecha.

Organização Sócio-Política

A FUNAI havia nomeado o Sr. Luiz Magalhães como Tuchaua do grupo, no entanto este abandonou a área e deixou em seu lugar o Sr. Bento, representante atual da comunidade.

Pelo fato acima relatado, já se percebe que as regras de ascenção à chefia já sofreram modificações tão profundas só explicadas pela situação de desintegração do grupo.

As mutações são claramente observadas e sentidas em qualquer setor da estrutura sócio-política e econômica do grupo.

Não conservam nada mais dos ritos e festas tradicionais.

O grupo se diz católico.

Há na comunidade alguns casamentos entre índios e brancos e negros, no entanto os casamentos intertribais são predominantes.

Educação

A aldeia possui uma escola, de construção regional paredes de taipa, coberta de palha de inajá, pertencente à Secretaria de Educação e Cultura do Território.

Possui quatorze carteiras e cadeiras, um armário cujo estado de conservação, deixa muito a desejar.

Segundo o professor até o momento tem atendido às necessidades.

Acervo ISA

Tanto o material didático como o escolar são suficientes e fornecidos pela Secretaria de Educação e Cultura do Território.

A merenda escolar é fornecida pela Campanha Nacional de Alimentação Escolar, 2 cotas anuais.

O professor chama-se Arlindo Gama Rivas, 5ª série completa. Admitido na SECT em 1971.

Corpo Discente

NÍVEIS	MASC.	FEM.	TOTAL
1ª	6	4	10
2ª	4	2	6
3ª	-	1	1
4ª	1	-	1
Supletivo	-	-	-
TOTAL	11	7	18

A freqüência é regular, segundo o professor.

O currículo adotado é o do Território, sem adaptação à cultura indígena.

O ano letivo se inicia em fevereiro/junho, e termina agosto/dezembro.

As aulas são ministradas em português. Apenas 4 pessoas no grupo falam à língua indígena.

Saúde

O grupo não recebe qualquer tipo de assistência à saúde.

Segundo informação dos índios, há 10 anos atrás, esteve na área uma equipe da Secretaria de Saúde do Território, vacinando contra febre amarela.

Acervo ISA

As doenças mais comuns são: gripes, resfriados, malária, desinteria.

Recorrem à Boa Vista para tratamento de saúde e aquisição de remédios.

Terras

No princípio deste relatório já dissemos que o dono da fazenda Realidade, considera-se com direito a área habitada pelos índios.

Portanto, os atritos não são poucos. Os índios são proibidos de fazerem roças. Não têm direito de retirar palhas para cobrirem suas casas. As suas passagens para as áreas de caça, pesca e coleta são proibidas. As poucas roças que conseguem plantar, são invadidas pelo gado da fazenda, principalmente, no período da seca.

A situação da comunidade não poderia ser pior.

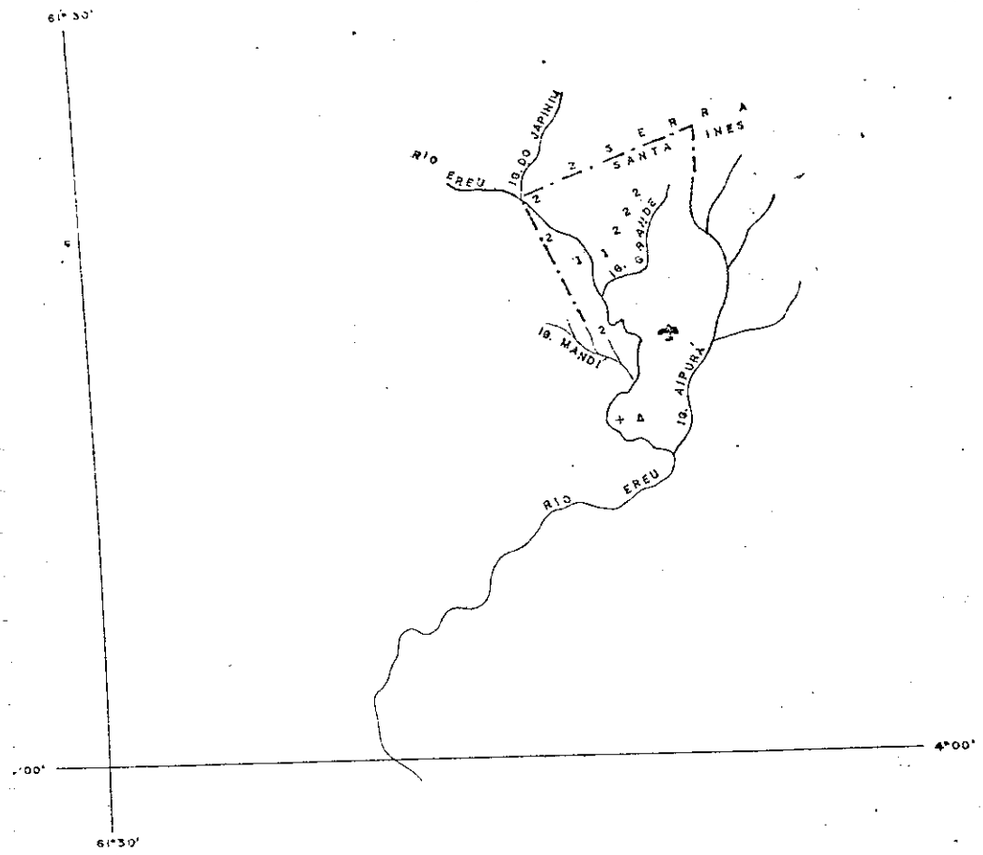
Invasores da área

Francisco Bessa - Fazenda Realidade
Manuel Gomes - Roças nas matas

Proposta para os limites da Área

A área em anexo é uma pretensão legítima da comunidade. Vem de encontro as necessidades atuais do grupo. E tem a perspectiva de atender ao crescimento natural da comunidade indígena.

Acervo ISA



1 - M. PRIMA
2 ROÇAS
3 - CAÇA
4 - C. ALIMENTOS (FRUTOS)
5 - PESCA
+ CEMITERIO
Δ MALOCA

ESCALA — 1:125.000

ÁREA APROXIMADA — 1.600Ha

PERÍMETRO APROXIMADO — 15.000m.

MI - FUNAI
ANTE-PROJETO DE DELIMITAÇÃO DE ÁREA INDÍGENA
TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA
EQUIPE: ENI, ISA, JUAREZ E ROGER
DATA: 03/12/77 — VISTO:

Acervo ISA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

MEMORIAL DESCRITIVO

MALOCA ERÊU

Norte - Partindo da confluência do igarapé Japinim com o rio Erêu, segue por uma linha reta e seca, no rumo geral NE, até encontrar a ponta oeste da serra de Santa Inês;

Leste - deste ponto, segue por uma linha reta e seca, até a cabeceira do igarapé Aipurá; desce por este igarapé, até a sua confluência no rio Erêu;

Sul e Oeste - daí, sobe este rio, até a confluência do igarapé Mandi; sobe este igarapé até a confluência de seu afluente da margem esquerda, pelo qual sobe, até a sua cabeceira; deste ponto, segue por uma linha reta e seca, rumo geral NW, até a confluência do igarapé do Japinim no rio Erêu, ponto de partida deste memorial descritivo.

Acervo ISA

Conclusão e Sugestões

O principal objetivo do presente relatório é a proposição de áreas, para posterior demarcação das terras indígenas de Roraima.

No entanto, é difícil isolar a questão das terras sem abordar as tensões sociais, sem dúvida, provocadas pelas relações interétnicas; que ao longo dos anos desfiguraram a sociedade indígena e tão somente ela.

Além disso, entendemos que a situação do indígena brasileiro só pode ser entendida e avaliada em termos de sua relação com a sociedade dominante.

No início deste relatório, tentamos fazer uma rápida abordagem das espécies de compulsões que vem sofrendo a sociedade indígena Roraimense e que a tem colocado a mercê da sociedade branca.

Estes choques interétnicos tiveram como a mais drástica conseqüência a perda das terras por parte das comunidades indígenas. Para avaliarmos a extensão de tal mal, teremos de reportar a valoração dada pelos índios aos seus territórios.

A primeira importância é o encarar a terra como território tribal, neste caso seria o território reforçando a identidade étnica indígena, valorando o grupo enquanto nação.

O segundo é o encarar a terra como meio de produção. Como precárias sociedades agrárias dependem da terra e do que ela fornece, para suas próprias subsistências.

Portanto, a luta do índio pela terra é uma questão de sobrevivência. E as medidas para coibir a desenfreada usurpação dos territórios indígenas assumem uma dramática urgência.

Mas não basta à FUNAI definir e limitar os territórios indígenas. Ao longo de nosso relatório salientamos por demais a dependência das comunidades indígenas à sociedade involvente.

Acervo ISA

Os índios de Roraima dependem das fazendas:

- para consumo dos poucos excedentes de suas produções;
- condução das fazendas para transporte de suas mercadorias e deles próprios, no caso de doenças, etc;
- como empregadoras de mão-de-obra não especializada;
- atendimento de saúde ou para aquisição de remédios.

A dependência dos índios às fazendas é tão grande, que acreditamos que a desocupação das áreas indígenas será fatal para os índios se a FUNAI não tiver a necessária autonomia e recursos materiais e humanos, para assumir e iniciar com os indígenas de Roraima a reconquista de seus territórios.

Sugerimos como medidas mais urgentes para atendimento às comunidades que levantamos:

I - A criação de um Posto Indígena na maloca Araçá. A criação do Posto nesta localidade traz uma grande vantagem, a aldeia é mais ou menos central dentro da região levantada e por ela se poderia atender a todas as outras;

II - Dotar o Posto com recursos humanos: ou seja, um Chefe de Posto, um Atendente de Saúde e Auxiliar de Ensino;

III - Um Técnico Agrícola que daria orientação à todas as malocas (Ponta da Serra, Urucuri, Juracy, Guariba, Boqueirão, Araçá, Mangueira, Aningal, Ananás, Cajueiro e Ereu);

IV - Treinar para todas as aldeias Atendentes ou Monitores de Saúde. Lembramos que em todas as aldeias que visitamos existem índios que poderão ser treinados para as especialidades acima;

V - Criar escolas, nas diversas aldeias, aproveitando os próprios índios para professores;

VI - Equipar o Posto com recursos materiais: um veículo que sirva para trafegar tanto no período da seca, como no inverno. Equipamento de rádiofonia e todos os recursos necessários ao funcionamento de uma farmácia e escola;

Acervo ISA

VII - Equipar as aldeias mais isoladas com rádiofonia (Ananás, Cajueiro, Ereu, Aningal e Guariba);

VIII - Equipar as aldeias com farmácias;

IX - Promover vacinações dos grupos indígenas;

X - Assim que estiverem definidas as áreas indígenas, convocar estudiosos e entendidos de Makuxi - Wapixána para auxiliarem na elaboração de Projetos de DC, a serem implantados nas áreas de acordo, é claro, com as atuais aptidões e necessidades dos índios.

Observações Finais

Os dados do presente relatório foram colhidos em outubro e novembro de 1977.

Lamentamos as possíveis falhas e lacunas deste relatório. No entanto, nos eximimos, em parte, destas falhas, uma vez que fazíamos parte de uma equipe de quatro membros, cada um com sua especialidade, e coube somente a nós a elaboração de todos os dados.

Apesar de termos levantado a área do PI Boca da Mata, a mesma não consta do presente relatório.

A minha saída da área, antes do período, não permitiu que fizessemos a pesquisa em toda Fazenda São Marcos. Conforme entendimentos com minha equipe, qualquer proposição para São Marcos partiria da visão e estudo global da área, que deveríamos discutir, posteriormente, em Brasília. Esta discussão seria entre Eni Pereira Zica e eu. Eni representaria o consenso da equipe que devia terminar a pesquisa.

Por motivos alheios a nossa vontade, a reunião não foi possível.

Portanto não temos dados suficientes para elaboração de relatório a respeito do PI Boaa da Mata.

Acervo ISA

BIBLIOGRAFIA

1. ALMADA, Manuel da Gama Lobo de. Descripção relativa ao Rio Branco e seu território. Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, Rio de Janeiro, 24: 617-83, 1861.

2. BALDUINO, Tomás. O cimi e a terra dos índios. Brasília, 1977. 16p.

3. DINIZ, Edson Soares. Os índios makuxi do Roraima; sua instalação na sociedade Nacional, Marília, 1972. 181p.

4. _____. Os Makuxí e os Wapitxâna: índios integrados ou alienados? Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica, Rio de Janeiro, CNPq, 2 (Antropologia): 93-100, 1967.

5. FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Questionários de Campo. Brasília, out./nov. 1977.

6. HERRMANN, Lucila. Organização Social dos Vapidiana do Território do Rio Branco (Amazonas, Brasil). Sociologia. Revista Didática e Científica, São Paulo, 8 (4): 282-316, 1946.

7. KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuná. R. do Museu Paulista, N.S., São Paulo, 7: 9-202, 1953.

8. RICE, A. Hamilton. O Rio Branco, Uraricuera e Parima. Trad. de Flora Schlesinger. Original em ingles. s.l., 1926?

9. RONDON, Cândido Mariano da Silva. Índios do Brasil; do Norte do Rio Amazonas. Rio de Janeiro, CNPI, 1953. V.3 p.8-22.

L. Pogeolo

Acervo ISA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Mem. nº 217/78 - DGPC , 30.06.78

Antropóloga Isa Maria Pacheco Rogedo

Senhor Chefe da DE/DGPC

encaminhamento (faz)

Senhor Chefe:

Cumpre-me encaminhar a V.Sa., solicitando posterior envio à Antropóloga ANA MARIA DA PAIXÃO, relatório final oriundo de minha permanência no Território Federal de Roraima, em cumprimento a Portaria nº 550/P, de 31/outubro/77.

Atenciosamente,

Isa Maria Pacheco Rogedo
ISA MARIA PACHECO ROGEDO
Antropóloga

RJSL/dcs.

Acervo ISA

Profa. Lia Rosseto

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

INFORMAÇÃO Nº 112/79 - DGPC
Ref.: Proc. FUNAI/BSB/4342/79

Senhor Chefe da DEP:

O DGPI ao encaminhar o processo de Roraima, solicitando parecer desta DEP a respeito da interdição das áreas indígenas, já tinha, segundo o seu Diretor, (encaminhamento nº 674/DGPI, pág. 1, parágrafo 2) as áreas..." programadas para início de demarcação ainda neste exercício, achando-se o Edital de Licitação em fase final de exame pela PJ".

O nosso parecer (informação nº 110/79-DGPC), pedindo revisão de algumas áreas, coincidentemente as áreas cujo Edital de Licitação estão em exame na PJ, causou um certo transtorno para a programação daquele Departamento, o que levou a Senhorita Assistente, Hildegart Rick, em reunião com esta antropóloga e o Sr. Diretor do DGPI, a fazer afirmações pouco consistentes.

No entanto, é bom que se deixe claro, que o nosso interesse está voltado somente para a preservação dos direitos indígenas e, longe de nós impedir o prosseguimento de quaisquer trabalho de qualquer Departamento.

Queremos deixar explícito, também, que encaramos o assunto demarcação de terras, com seriedade, tão bastante, para não levar em conta chavões obsoletos e cansativos de " prejudicar os índios", quando reivindicamos para eles áreas mais dignas para a sua subsistência, em detrimento a demarcações apressadas que nada teem a ver com a causa indígena.

Não é em nome ou a pretexto de definir as terras indígenas que vamos reduzir as suas Reservas.

Portanto, reiteramos parecer encaminhado ao DGPI, através da informação nº 110/79-DGPC.

A nova metodologia de demarcação proposta pelo Senhor Diretor do DGPI é bastante viável se cumprida à risca e

Acervo ISA

na íntegra , na realidade é cercar uma demarcação de todos os cuidados, mas não cabe no caso de Roraima, para as áreas que pedimos revisão.

Esta revisão foi justificada através de sete (7) itens, o que implica sem sombra de dúvida, em estudo mais detido.

Entendemos que o processo de eleição de uma área indígena faz parte de um conjunto, em todo planejado, onde delimitação e demarcação são etapas definidas; a primeira implicando em pesquisa e a segunda na execução da resultante da pesquisa. As duas fases não combinam se executadas conjuntamente, pois se corre o risco de uma postergar a outra, para não dizer no ônus financeiro ônus este, que não faz sentido em um Orgão já tão carente de recursos.

Brasília, 22 de novembro de 1979

ISA MARIA PACHECO ROGEDO
Antropóloga

=

Acervo ISA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

INFORMAÇÃO Nº 110 /79 - DGPC
Ref.: Proc.FUNAI/BSB/4342/79

Senhor Chefe da DEP,

Acreditamos que a delimitação de áreas indígenas é o resultado de uma interpretação consciente da problemática e/ou situação interétnica a que estão submetidos os grupos indígenas, nos vários níveis: local, regional e nacional.

Necessário a essa delimitação portanto, um conhecimento tão completo quanto possível do fenômeno abordado, pois só esse conhecimento permitirá traçar as linhas de intervenção a serem implantadas.

No caso de Roraima, já anteriormente, fizemos uma crítica quanto aos métodos de trabalhos utilizados para a proposição das áreas locais e sugerimos, na ocasião, que trabalhos desta natureza fossem mais criteriosamente tratados quanto ao aspecto do prazo e preparo dos técnicos.

Em nosso entender, a limitação do prazo, para a execução de trabalhos, tão longo e exaustivo, não permitiu de forma alguma, a captação de fato das dificuldades e não possibilitou uma visão completa dos diferentes aspectos culturais dos grupos, pontos básicos e importantíssimos para a realização de um trabalho que permita a tranquilidade de um dever satisfatoriamente cumprido.

Muito embora, de uma maneira geral, possamos afirmar que o desempenho dos técnicos em Roraima, tenha sido razoável em termos de conscientização e esforço quanto a realização dos trabalhos, no entanto, devido às condições de campo, quanto a acesso a este, do limitado prazo, quanto finalmente de articulação dos subgrupos com a Coordenação Geral os resultados a que pudemos chegar não alcançam, no nosso ponto de vista, nível plenamente aceitável.

Mod. 117

Acervo ISA

Possivelmente, em conseqüência dos resultados nada satisfatórios dos trabalhos de Roraima, uma nova equipe, no início do presente ano (1979), foi a campo. As áreas, abaixo relacionadas, foram revistas e sofreram reformulações, na totalidade dos casos, acréscimos: Aningal, Araçá, Cajueiro, Ponta da Serra, Santa Inez, Ouro, Raposa - Serra do Sol e Wai-Wai.

No entanto as seguintes áreas não foram revistas: Mangueira, Anta, Pium - Missão, Boqueirão, Barata, Truarú, Serra da Moça, Sucuba, Taba Lascada, Malacacheta, Manoá - Pium, Jacamin e Canaunim.

Considerando:

- que a interdição de uma área, é uma responsabilidade que o órgão assume perante as comunidades indígenas e sociedade envolvente;
- que as áreas interditadas são passíveis de modificações, mas estas em nenhum caso, até hoje, beneficiou as áreas indígenas. Fenômeno este não difícil de explicar, pois normalmente recrudesce a ocupação das áreas em torno da interditada;
- que, principalmente, no caso de Roraima, onde o problema de terra toma proporções quase incontroláveis para a FUNAI;
- que o processo de interação no Território agrava-se dia a dia, com total desvantagem para as sociedades indígenas, sem meios de suprir as desvantagens de sua economia de autoconsumo, frente a sociedade branca mais poderosa e capacitada para o manejo das estruturas políticas e econômicas.

Considerando tais fatos, somos pela demarcação imediata das áreas: Aningal, Araçá, Cajueiro, Ouro, Ponta da Serra, Raposa - Serra do Sol, Wai-Wai.

Estas áreas, entendemos, são compatíveis com o interesse e a condição sócio-cultural dos grupos que, apesar de terem perdido quase que totalmente sua autonomia cultural, uma vez que se encontram na mais completa dependência econômica, conservam ainda alguns costumes tradicionais, adequados com as suas condições de sociedade a margem do processo econômico.

Acervo ISA

As áreas são compatíveis, também, com a atual explosão demográfica, que pudemos constatar na ocasião que lá estivemos.

Merecem imediata revisão as seguintes áreas: Mangueira, Anta, Pium - Missão, Boqueirão, Barata, Truarú, Serra da Moça, Sucuba, Taba Lascada, Malacacheta, Manoá - Pium, Jacamin, Canaunim.

Pelos motivos já expostos no início deste trabalho, e que voltamos, abaixo, a relacionar, as referidas áreas não merecem confiabilidade:

1) - pelo tipo de trabalho executado quando da definição das áreas;

2) - as presentes áreas não sofreram revisão;

3) - fazendo uma análise e uma comparação área - habitantes, as malocas seguintes não são compatíveis com a explosão demográfica presente, atualmente, nos grupos de Roraima: Mangueira, Anta, Pium - Missão, Boqueirão, Truarú, Serra da Moça, Sucuba, Taba Lascada, Malacacheta, Canaunim;

4) - as áreas, acima, relacionadas também não são compatíveis com a, ainda, condição tribal dos grupos de Roraima, que apesar das compulsões culturais e econômicas, mantem ainda um sistema de parentesco, velado a primeira vista, mas que invariavelmente aparecerá com pesquisa mais profunda, além de outras tradições tribais;

5) - não são compatíveis com o "habitat" tradicional dos grupos, que merece maior consideração;

6) - devido a proximidade de muitas áreas, acreditamos na possibilidade de juní-las;

7) - a instabilidade populacional das aldeias se deve às pressões sociais e econômicas e em alguns casos, aos maus tratos dos fazendeiros locais. Isto leva a deserções dos indígenas que no caso de uma área legitimamente assegurada e assistida através de projetos, o êxodo seria controlado além de provocar a volta dos índios que por diversos motivos, se afastaram das suas aldeias.

Acervo ISA

Somos contrários, até mesmo, a interdição destas áreas, por julgá-las merecedoras de imediata revisão.

Por outro lado, acreditamos que por um lapso do DGPI, não foi incluída no presente documento a Maloca Ananás. Solicitamos a inclusão da referida área, para também, estudo nosso.

Brasília, 13 de novembro de 1.979.

Isa Maria Pacheco Rogedo
ISA MARIA PACHECO ROGEDO
- Antropóloga -

DGPC/IMPR/dcs.

Mod. 117